

Hermes9



Hermes9

Hermes - número 9 - primavera de 2004

ISSN 1677-8979

Publicação do
Curso de Cinesiologia do Instituto Sedes Sapientiae

Rua Ministro Godoi, 1484, Perdizes
São Paulo, SP - 05015-900
Fone (0_11) 3866 2730
e-mail: sedes@sedes.org.br
www.sedes.org.br

Editora

Leda Maria Perillo Seixas <ledapseixas@uol.com.br>

Revisão

Ana Maria Galvão Rios <anamariagriros@uol.com.br>

Projeto Gráfico, Diagramação e Finalização

Felippe Romanelli <pipo.roma@uol.com.br>

Tipologia

Rotis Semi Sans, Apple Garamond

Papel

Capa: cartão filicoat 180g/m²
Miolo: papel off-set branco 75g/m²
Formato fechado: 200x280 mm

Impressão e Acabamento

ADEX Soluções Gráficas
Fone (0_11) 6858-8080

Tiragem

2ª. ed. revista e ampliada - primavera de 2005: 50 exemplares

Jornalista Responsável

Sílvia Marangoni Belitani (Mtb 30.565) <smbell@uol.com.br>

Os artigos publicados são de responsabilidade de seus autores, não expressando necessariamente a opinião da publicação.

Capa

Báculo Episcopal.

Constantinopla, século XVIII, prata dourada, 169x16x4cm da mostra "Tesouros de Etchmiadzin - 17 Séculos de Cristianismo na Armênia". Pinacoteca do Estado de São Paulo, maio/junho de 2004.

Na mitologia grega, a serpente e o báculo referem-se ao bastão de Asclépio (ou Esculápio), filho de Apolo, deus da luz, da verdade e da profecia. Para os antigos, a serpente possuía o dom da adivinhação por ser um ser ctônico; simbolizava a vida que se renova ininterruptamente, e era por isso, associada ao deus da medicina. Asclépio aprendeu a arte de curar do centauro Quiron, e tornou-se tão hábil na arte da cura, que Zeus teve medo de que a imortalidade fosse dada a todos os homens e o fulminou com um raio. Asclépio, entretanto, foi adorado como um Deus. Em seu templo, em Epidauru, acreditava-se que a cura total do corpo só ocorreria se os pensamentos e os sentimentos estivessem transformados e harmonizados. As pessoas enfermas dormiam no templo, sonhavam com Asclépio, e contavam estes sonhos para os sacerdotes que os interpretavam, e a partir disso, forneciam receitas. Na simbólica o bastão aparece como arma mágica; como apoio da caminhada do pastor e do peregrino e como eixo do mundo. O cajado do pastor de ovelhas, que guia seu rebanho para lugares seguros ao abrigo dos perigos do campo, reaparece nesse báculo pastoral do bispo, que guia seus fiéis no caminho da salvação.

Foto gentilmente cedida pela Santa Sede de Etchmiadzin da Igreja Apostólica da Armênia.



A psicologia, como ciência, enfrenta sérias dificuldades para encontrar um sistema confiável de interpretação das formas desveladas pelos símbolos. Para Jung, os símbolos representam a melhor maneira de se representar algo cuja natureza é desconhecida. Imprevisível e espantosamente capaz de se metamorfosear, o símbolo resiste a qualquer interpretação que dele se possa fazer. Uma vez que tenhamos como ponto de partida que toda produção psíquica é simbólica, podemos dizer que, no estudo da psique humana, qualquer afirmação sobre conteúdos psíquicos não deve ser compreendida senão como observações de uma psique sobre outra. Não podemos afirmar a veracidade ou a supremacia de nenhuma teoria sobre outra. Jung mesmo não se envergonhava de encaminhar para colegas aqueles pacientes que não se adaptavam à sua forma de trabalho (JUNG, C. G. Psicologia do Inconsciente. Petrópolis. Vozes, 1978, p. 35). Para ele, há tantas teorias quantos indivíduos pensantes. O fato é que, do ponto de vista clínico, os pacientes reagem de maneira mais positiva à terapia quando a linguagem utilizada pelo terapeuta consegue mobilizar o fator reestruturante presente na psique do próprio paciente. Estas considerações nos levam à discussão sobre qual o papel do psicólogo, e qual o objetivo da psicoterapia. É preciso que haja discussões, estudos aprofundados e científicos para que se estabeleçam critérios capazes de diferenciar a psicologia das práticas ditas alternativas. Tendo em vista essa diversidade a revista Hermes, neste número, se abre para a investigação de diferentes abordagens do psíquico, visando instigar nos leitores não a certeza, mas a dúvida, fator que está presente na raiz da produção do conhecimento.

Leda Maria Perillo Seixas

Índ

6 Pethö Sándor, nas Novas Gerações
Paulo Toledo Machado Filho

14 Psicologia Integrativa e Musicoterapia
Ana Maria Caramujo Pires de Campos

22 Batman: o Sofrimento de
um Herói Atormentado
Beth Haga

30 Shiva Nataraja e o Círculo de Fogo:
a Eterna Dança da Criação.
Vera Lúcia Paes de Almeida

38 Física e Psicologia Transpessoal:
Encontros e Desencontros
João Bernardes da Rocha Filho

48 Técnicas Expressivas Coligadas
a Trabalho Corporal
Irene Arcuri

íce

60 Tréplica a Jó
Antonio Carlos Galvão Leite Sobrinho

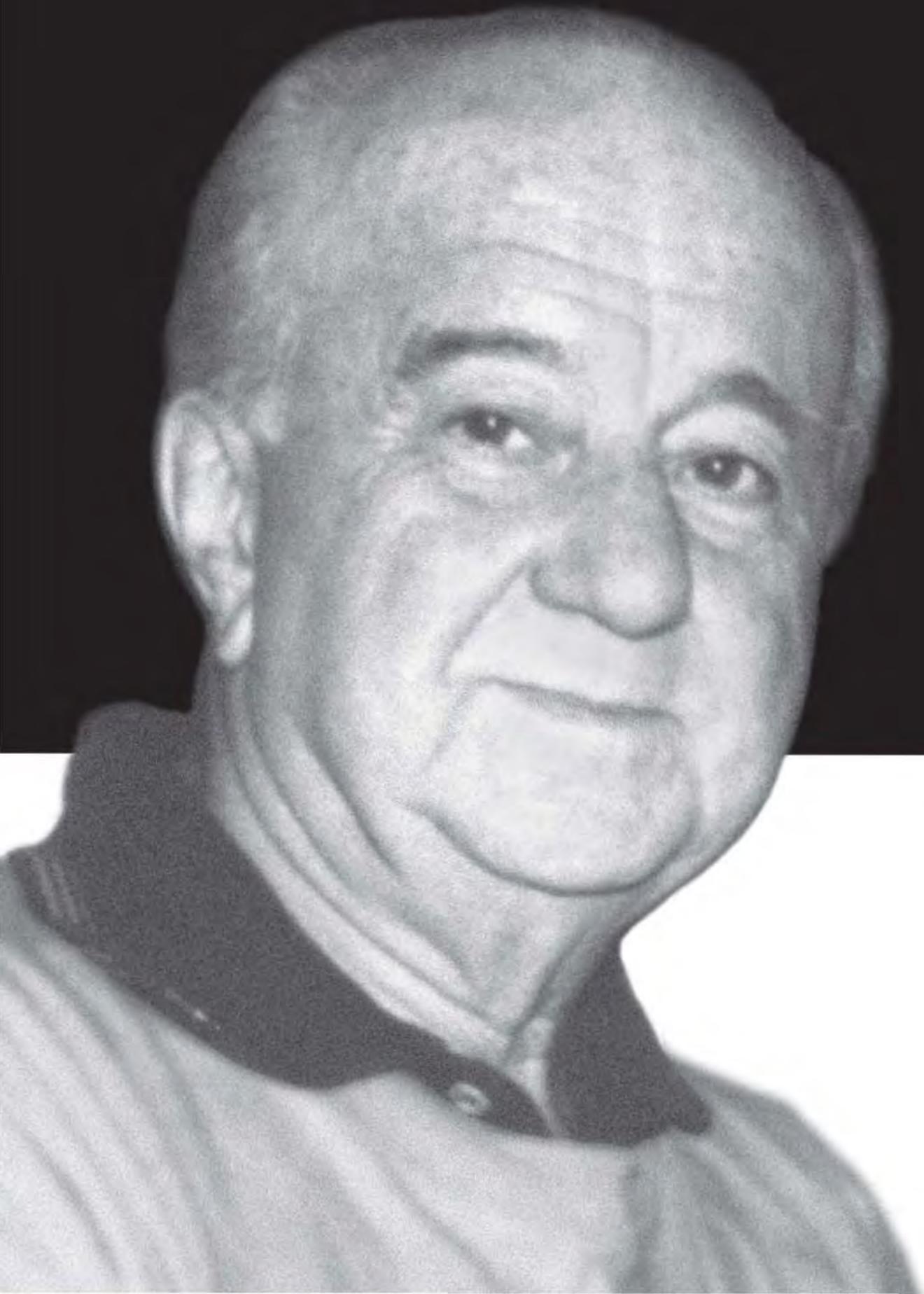
66 Tributo à Vaidade
Jorge William de Castro Abdala

72 A Corporificação dos Sonhos
através da Calatonia
Suzana Delmanto

79 Reflexões: Eu em Mim
Marina Meirelles Horta

84 Psicologia e Informática -
o Ser Humano diante
das Novas Tecnologias
Rosa Maria Farah

87 Normas para Publicação



Palavras Chave:
→Pethö Sándor
→Formação
→Psicoterapia
Corporal
→Corpo

Paulo Toledo Machado Filho <ptmachadof@uol.com.br>

- Psiquiatra e Psicoterapeuta Junguiano
- Mestre em Antropologia Social - USP
- Professor dos Cursos de Cinesiologia Psicológica e Especialização de Orientação Junguiana Coligada a Técnicas Corporais - Instituto Sedes Sapientiae

Pethö Sándor, nas Novas Gerações

Síntese dos conteúdos referentes à palestra proferida pelo autor no XV Encontro de Cinesiologia, em 29/11/2003. Como a geração que conviveu, estudou e aprendeu a Calatonia (além de outras técnicas de abordagem corporal) com Pethö Sándor elaborou a sua perda e está transmitindo os seus conhecimentos. Como as novas gerações de terapeutas estão recebendo e orientando estes conhecimentos.

Tendo feito parte do grupo que conviveu e aprendeu com Pethö Sándor as bases de uma Psicologia de enfoque junguiano, que integra em sua prática o uso de técnicas de abordagem corporal, é interessante observar que já existe uma outra geração de psicoterapeutas atuantes que utilizam-se, em sua prática profissional, do método da Calatonia, além de outras técnicas sutis idealizadas ou propostas pelo mesmo, mas que nunca tiveram contato direto com seu autor. Antes de verificarmos como se deu este processo, como aqueles profissionais que vivenciaram a experiência de serem instruídos pelo próprio Sándor deram prosseguimento à sua tarefa, seria interessante voltarmos um pouco atrás.



Fazendo uma retrospectiva dos acontecimentos ocorridos desde o seu falecimento, quando trabalhava em seu sítio, em Pocinhos do Rio Verde, no município mineiro de Caldas, a 28 de janeiro de 1992, observamos que este fato provocou um grande impacto em seus familiares e discípulos, acostumados com sua sempre elevada disposição e confiantes em sua presença constante que a boa saúde de que desfrutava inspirava. Por estas razões, todo este grande grupo, que ainda não havia pensado na possibilidade de sua ausência, amanheceu, no dia seguinte à sua perda, tomado por uma grande perplexidade e com as questões: o que fazer com os cursos? E com os grupos de estudos? A quem recorrer para pedir ajuda ou orientação?

Naquela época, muitas das pessoas que o conheceram e com as quais eu estive em contato, algumas até tendo me procurado profissionalmente, relataram que sonharam com o Sándor. Embora sabendo que aquela grande quantidade de sonhos descritos correspondesse, para alguns, ao processo normal de elaboração de sua perda, e para outros, da emergência do próprio "terapeuta interior" que se constelava em torno de sua imagem, pude constatar, não só pela quantidade como também pelas características dos sonhos relatados, que na maioria daquelas pessoas havia sido despertada uma aguçada sensibilidade e que o tipo de relação que elas e ele estabeleceram possuía profundas raízes na dimensão inconsciente.

Um pouco mais adiante, estas mesmas pessoas começaram a relatar sobre outras particularidades da experiência pessoal que cada uma havia tido com o Sándor. Neste momento observei, em cada relato que ouvia, esta vivência sendo descrita como possuindo uma qualidade "especial" e acrescentando ao conhecimento que

eu já tinha dele alguns fatos inusitados, que até então somente aquele que relatava possuía. Este relacionamento "especial" que muitos descreveram denotava a grande capacidade que ele teve de "tocar" algum aspecto peculiar em cada pessoa que o procurava, tornando única cada experiência de relacionamento. Ele podia ser comparado a um grande cristal multifacetado, onde cada um descrevia uma faceta, aquela que mais brilhava diante de si, e com a qual melhor se identificou e relacionou.

Mas alguns aspectos de sua forte e algumas vezes "transbordante" personalidade foram de conhecimento comum. Muito intuitivo, o Sándor foi também um "Grande Pai", "preenchendo" a existência de cada um, nutrindo intelectual e afetivamente, apontando caminhos, auxiliando a tomar decisões e estando presente nos momentos difíceis, extrapolando ainda a qualidade do "Amigo" no terapeuta que nunca limitou-se a lugares-comuns.

Acrescentando-se às qualidades descritas onde despontava a personalidade forte e exigente do "Grande Pai", mas que não excluía a sensibilidade e a intuição, Sándor foi também "Operário", "Criador" e "Mestre". Como um humilde operário e obreiro, ele legou-nos um gigantesco trabalho de traduções próprias de textos de Jung, de outros autores (principalmente junguianos) da área da Psicologia Profunda, além de textos da área da Medicina Psicossomática e da Psicologia Organísmica, que em sua maior parte não eram conhecidos no Brasil. Este material era por ele apostilado, algumas vezes adaptado e utilizado didaticamente em seus cursos e nos grupos de leituras, quando então eram ricamente comentados e amplificados. Destacamos as traduções do Seminário das Visões, de Jung, os textos de Heyer (que continuam sendo as únicas traduções existentes do referido autor, que era psiquiatra e membro da Sociedade de Psicologia Analítica, lacuna que as editoras ainda não preencheram) e o seminário alemão sobre Labilidade Vegetativa (VELA), que traduziu e amplificou com seus próprios comentários. As duas últimas referências representam importante embasamento teórico, do ponto de vista da área psicossomática, à idéia de uma Psicologia Integrativa que Sándor sempre estimulou.

Enquanto "Criador", expressão de referência arquetípica que se sobrepõe, mas sem excluir, a "Semeador", e que, forçando um pouco, talvez até impropriamente, utilizo no lugar de "Artista", Sándor intuiu e desenvolveu um imenso repertório de técnicas de abordagem corporal e toques sutis, onde destacam-se a Calatonia e a Descompressão Fracionada. Estas técnicas são hoje amplamente utilizadas, como procedimento terapêutico em si ou juntamente com outros procedimentos psicoterápicos, criando-se uma modalidade, dentro da Psicologia Junguiana, caracterizada pelo enfoque integrativo, psico-físico ou físico-psíquico, onde os processos corporais e psíquicos não são percebidos em separado. A base junguiana complementar, também por ele proposta, permite a adequada compreensão simbólica dos conteúdos emergentes do processo, embora, em seus escritos sobre a Calatonia, ele não excluísse a possibilidade da relação interpretativa dar-se sob outros enquadramentos teóricos. O "toque" do Artista foi conhecido por todos que com ele conviveram, através do modo criativo de como as técnicas sutis oportunamente se configuravam ou eram sugeridas e vivenciadas, como saídas de uma inesgotável fonte, nos estudos supervisionados de casos, nas discussões e nas leituras que caracterizavam suas aulas. Neste tópico, é interessante considerar que, sabedor de que o conhecimento em si é universal, nunca assumia o título de "autor", preferindo modestamente as

“
a grande
capacidade que
ele teve de 'tocar'
algum aspecto
peculiar em
cada pessoa
”

expressões "propor", "sugerir" ou "indicar" ao referir-se às técnicas que foram se configurando (outra de suas expressões prediletas) no caminho de sua existência.

Finalmente, foi possivelmente na qualidade de "Mestre" que sua imagem fixou-se mais profundamente na lembrança daqueles que o conheceram. Em suas aulas ou nos grupos de estudos, as amplificações ou comentários sintéticos e precisos que fazia eram sempre marcantes, mas o aspecto mais importante foi a experiência de participar destes grupos e vivenciar ou compartilhar a vivência dos trabalhos corporais que eram sugeridos; esta parte não poderia e não pode ser transmitida senão pela própria experiência dos alunos, como uma modalidade de "conhecimento iniciático", que somente se adquire "de dentro para fora". Esta condição implica em que o conhecimento pleno e a aplicação das técnicas não se fazem sem a experimentação das mesmas. Este último aspecto assinala ainda uma característica fundamental de seus ensinamentos: o conhecimento interior do conhecimento. Inclui-se neste, a atitude interna adequada relacionada com a instrução recebida e que na aplicação das técnicas convergiria para a noção de um "Terceiro Ponto", que, segundo sua indicação, deveria reger a atuação do terapeuta e sobre o qual dissertei em minha tese de mestrado (MACHADO FILHO, 1994), e a dimensão espiritual do conhecimento, aprofundamento que propunha e orientava, em grupos separados, a seus discípulos mais próximos. O seu modo de proceder era determinado por um consistente embasamento teórico e empírico e também por uma poderosa intuição, justamente o ponto onde se diferenciava, principalmente do padrão objetivo, pragmático e redutivo de como outros fazem a transmissão do conhecimento no meio acadêmico. E apesar disso, era profundamente sistemático e cerimonial em seu referido proceder, o que fez com que sugerisse formas de estudar, inspirasse teses, indicasse pesquisas, sem, no entanto, jamais ter se vinculado à Academia.

E como aqueles que foram por ele iniciados se organizaram, após a perplexidade inicial, para prosseguir os estudos, continuar o desenvolvimento de uma Psicologia Integrativa (se assim pudermos nos referir) e transmitir os conhecimentos às novas gerações, através dos grupos de estudos e dos cursos? Num primeiro momento, alguns dos grupos de estudos se dispersaram e outros se mantiveram por conta própria, agora sem a centralização de um coordenador. E muitos dos membros desses grupos existentes, na época do Sándor, abriram outros grupos, convidando novos colegas ou alunos para participar. No Instituto Sedes Sapientiae, os cursos de especialização existentes lentamente se reorganizaram e se diferenciaram, conforme as características de personalidade de seus novos coordenadores, e hoje ainda se mantém, cumprindo a tarefa de formar as novas gerações. Gradativamente, neste mesmo local, foram surgindo outros cursos de extensão e a influência da abordagem integrativa estendeu-se, através dos ex-alunos, a outras áreas, como as Artes Plásticas, a Arte-Terapia e a Educação. Surgiram, paralelamente, e ainda no Sedes, duas publicações (as revistas Hermes e Jung & Corpo), e manteve-se o Encontro anual de Cinesiologia, iniciado pelo próprio Sándor, criando-se ainda um outro Encontro organizado pelo outro curso de especialização. Fora do Sedes, a presença desta influência também se faz sentir principalmente no curso de Psicologia da PUC (na graduação e pós-graduação), local onde Sándor lecionou durante longo tempo, antes de trazer seus cursos para o Sedes. Mas existem outros de seus antigos discípulos (ou ex-alunos destes), hoje professores universitários, levando os conhecimentos da Calatonia e outras técnicas corporais para outras

instituições universitárias, em São Paulo, no interior e em outros Estados. Atualmente, mantenho também cursos e grupos de supervisão que são orientados a profissionais da área de Saúde Mental e Programa de Saúde da Família, que trabalham junto à Saúde Pública, na região abrangida pela DIR-V de Osasco, observando-se a gradativa introdução deste recurso terapêutico nas Unidades Básicas de Saúde da referida região. Temos referência de outras atuações correspondentes em outras regiões do município e do Estado, também junto à Saúde Pública. É evidente, no entanto, que o trabalho consistente e persistente de todos os ex-alunos nas salas de consultório possivelmente foi e é a mais importante fonte de propagação da Calatonia e da Psicologia Integrativa. Mas os alunos da nova geração ainda farão o diferencial, conforme verificaremos mais adiante.



Observamos então que, na atualidade, os novos profissionais estão aprendendo a aplicar a Calatonia e outras técnicas sem o contato direto com a personalidade bastante peculiar do mestre. E tanto estes como aqueles que com ele estiveram em contato, oferecem à Psicologia uma prática nova, integrativa, relacionando toques sutis à abordagem psicológica e que se caracteriza fundamentalmente pela sua ampla possibilidade de desenvolvimento, que se faz muitas vezes coligada também a outras áreas de conhecimento. Esta abrangência está relacionada, sem dúvida, com a capacidade criativa destes referidos profissionais, qualidade potencializada pelos efeitos inequívocos do próprio "amaciamento" ocorrido através da vivência das técnicas corporais, no período de "iniciação".

Durante a sua existência, Sándor cuidou no sentido de observar a importância do amadurecimento pessoal de seus alunos dar-se integrado ao seu desenvolvimento profissional, mas, como Jung, nunca exigiu destes "fidelidade dogmática". Assim como, conforme a observação feita por Jung (comentando certa tendência da escola psicanalítica), quando falta a devida força criativa àqueles que vinculam-se à personalidade de um mestre, esta acaba por ser substituída pela referida fidelidade, a própria Psicologia Analítica às vezes tem se caracterizado pela formação de "clones", desdobrados de alguns de seus principais instrutores. Isto efetivamente não ocorreu com os alunos de Sándor, que inclusive dava ampla liberdade a estes para experimentarem novos caminhos, até mesmo no emprego das técnicas ou na orientação de seu trabalho, "desde que soubessem o que estavam fazendo..."

“
o conhecimento
pleno e a
aplicação das
técnicas não
se fazem sem a
experimentação
das mesmas
”

“
A compreensão da
energética psíquica
é enriquecida
através de seu
entendimento
mente-corpo
”

Os profissionais das novas gerações possuem ainda características gerais um pouco diversas daqueles formados na época do Sándor. Estes (os mais antigos), em sua maior parte, utilizam as técnicas corporais principalmente no contexto psicoterapêutico, e geralmente no próprio consultório. Atualmente, a tendência parece não ser somente esta. Na introdução de seu livro Sándor (SANDOR, 1974) indica a importância do relaxamento também em outras áreas, indicando-o "como processo restaurador e reconstituente na Medicina geral e suas várias especialidades, na psicoterapia, na fonoaudiologia, na reabilitação, na terapia ocupacional", e afirma que já tem o seu lugar "na pedagogia, na assistência social, nas belas artes, no teatro, no esporte, na vida religiosa e também nos exercícios contemplativos e meditativos" (idem, p.4). Os alunos das novas gerações parecem tender a incluir em sua prática muitas das indicações acima apontadas, conforme pudemos observar em contato direto com os mesmos ou através de seus relatos nas monografias de conclusão de curso. Mesmos os textos destes alunos publicados nas duas revistas referidas confirmam esta observação. Até pela crise que "ronda" os consultórios, encontramos a prática das técnicas de relaxamento, hoje, cada vez mais integrando a Psicologia a outros campos profissionais.

No âmbito da Psicologia Junguiana, a influência do trabalho de Sándor situa-se, assim como a de Nise da Silveira, de Roberto Gambini e alguns outros, como independente ou não-institucional (fora da esfera das Sociedades). Encontramos a seguinte referência à respeito do Sándor no enciclopédico trabalho de KIRSCH (2000), sobre a Psicologia Analítica no mundo: *"Pethö Sandor (1916-1992) was a Hungarian gynecologist who came to Brazil in 1949. A highly intuitive and introverted man, he taught at the Catholic University in São Paulo, where he made private translations of Jung's "Vision Seminars", and led discussions on the Collected Works of Jung. At the time they were not yet translated into Portuguese. He developed his own theory of "Subtle Touch Therapy", a kind of psychosomatic treatment. Though not accepted by the "theoretical" Jungians, he continued to work independently in his own individual way."*

Desenvolvendo-se, portanto, fora do contexto institucional da Psicologia Analítica, a Psicologia Integrativa encontra, no entanto, principalmente na área psicossomática e na relação com a Psicologia Organísmica, intersecções interessantes para a sua localização acadêmica. Por tratar-se de uma abordagem de síntese, é simpática à concepção moriniana da complexidade, às interações com o universo quântico e às visões holísticas. A compreensão da energética psíquica é enriquecida através de seu entendimento mente-corpo. Como todo caminho que se inicia, ainda aguarda um maior aprofundamento em sua relação com o modelo acadêmico, mas a sua prática já afirma-se como uma realidade, e realiza-se através da experiência.

Os Encontros de Cinesiologia tornaram-se, nos últimos anos da existência de Sándor, o palco de apresentações, onde cada profissional demonstrava seu modo específico de trabalhar. A participação do mestre era discreta, mas importante, sabendo entregar a cena e promover seus alunos, em apresentações intercaladas por músicas, que ele próprio escolhia. No encerramento dos Encontros, ele levantava-se do lugar que costumava ocupar, na entrada do auditório do Sedes, e enquanto descia em direção ao palco, tecia alguns sucintos comentários acerca das apresentações, agradecia aos participantes e fazia o convite para o Encontro do ano seguinte.

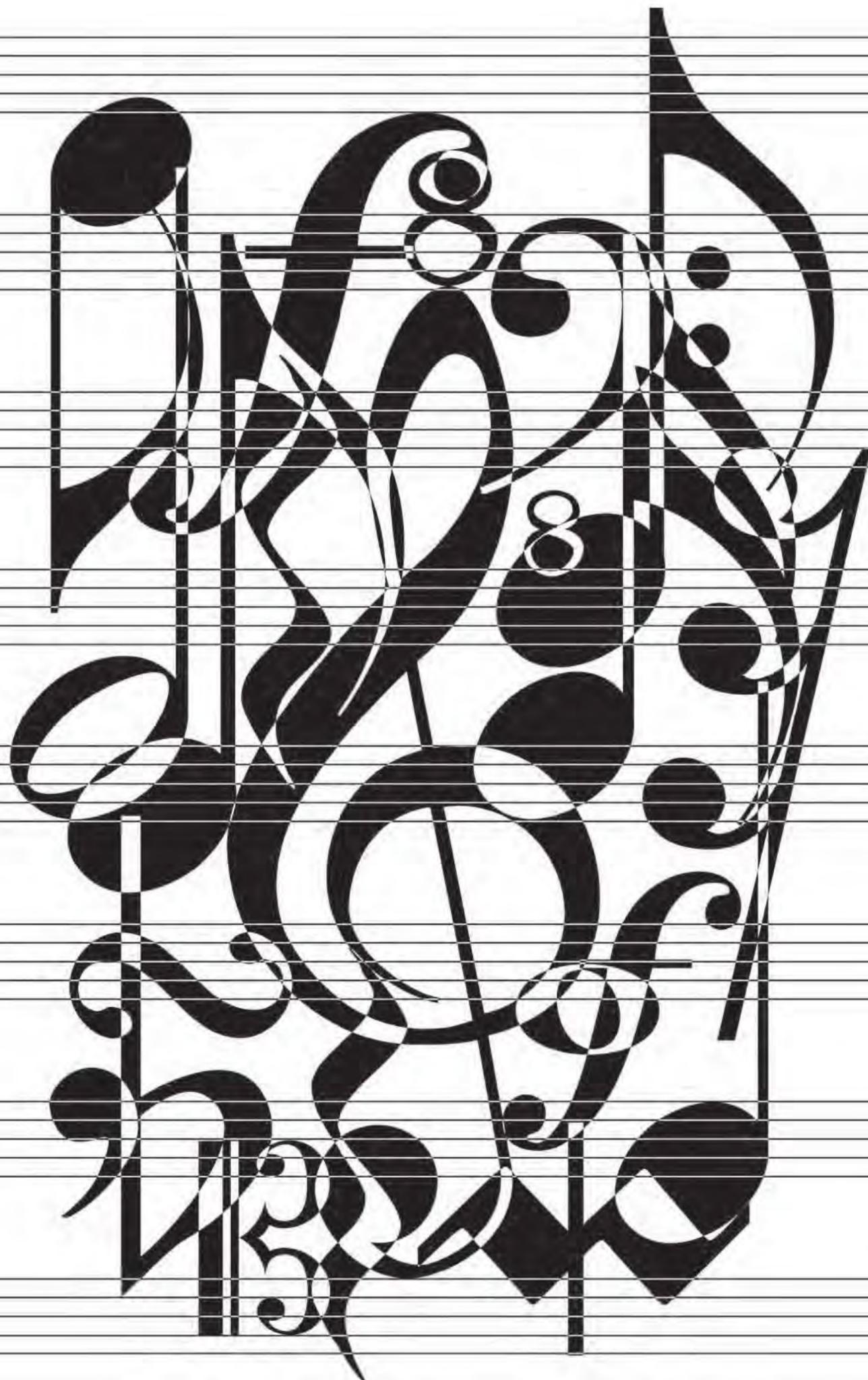
Embora concisos, seus comentários eram marcantes. Ele possuía o dom da síntese.

Através desta atitude reservada e discreta, ele parecia saber que o seu grande feito foi o de ter mobilizado um arquétipo, relacionado com conhecimentos cuja procedência, conforme já assinalamos, ele reconhecia como universais, e aos quais ele nunca pretendeu apropriar-se. Interessava-se muito mais que estes conteúdos fossem integrados por seus discípulos e seus benefícios distribuídos à humanidade, podendo assim repousar em paz. Não nos entregou uma "obra fechada", mas apontou-nos um caminho que requer e comporta desenvolvimento, aprofundamentos e ampliações. Afinal, o que ele realmente menos pretendia era legar um grupo de "sandorianos"...



Bibliografia

- MACHADO FILHO, P. T., **Gestos de Cura e seu Simbolismo**. Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP (área de Antropologia Social), 1994.
PETHÖ, S., **Técnicas de Relaxamento**. São Paulo, Vetor, 1974, p. 4.
KIRSCH, T.B., **The Jungians (A Comparative and Historical Perspective)**. London, Routledge, 2000, p. 197.



Palavras Chave:
→ Psicologia Integrativa
→ Musicoterapia
→ Psicoterapia Musical Junguiana
→ Perfil de Tensão

Ana Maria Caramujo Pires de Campos <anamariacaramujo@uol.com.br>

- Psicóloga Clínica com Especialização em Psicoterapia Junguiana coligada à Abordagem Corporal
- Especialista em Psicologia Clínica - CRP
- Especialista em Musicoterapia - Faculdade Paulista de Artes
- Membro da UBAM - União Brasileira das Associações de Musicoterapia

Psicologia Integrativa e Musicoterapia

Este artigo refere-se à psicoterapia junguiana, coligada à Abordagem Corporal, associada à Musicoterapia. Relata um caso clínico tratado através de um recurso musicoterápico - Perfil de Tensão - proposto por BRUSCIA, no atendimento de uma criança vítima de violência passiva (abuso sexual). Trabalho apresentado no XV Encontro de Cinesiologia: A Psicologia Integrativa e suas Interfaces - Mesa II - Interface Arte-Comunidade no Instituto Sedes Sapientiae em 2003.

“
a música lida
com material
arquetípico e,
hoje em dia,
aqueles que
a tocam não
percebem isso
”

Jung percebe, desde a primeira infância, que a linguagem verbal e as funções racionais não eram suficientes para expressar o seu intenso mundo interno. Assim, desde cedo mantém uma pequena fogueira sempre acesa; esculpe; faz cidades em miniatura com as pedrinhas; pinta; escreve; constrói sua torre. Analogamente à natureza, o inconsciente produz espontaneamente suas formas, oriundas da função criativa: a religião, os rituais, as organizações sociais, a arte e, finalmente, a consciência.

“...O processo criador, na medida em que o podemos acompanhar, consiste numa ativação do arquétipo, no seu desenvolvimento e sua tomada forma até a realização da obra perfeita” (JUNG apud SILVEIRA, 1981).

A arte é capaz de expressar o mundo interno daquele que cria, não somente dando vazão para a tensão interna do mundo interior, como também possibilitando a criação de um produto externo com o qual conseguimos nos relacionar de forma consciente.

Em 1956, Jung recebeu Margaret Tilly, uma pianista de concertos de São Francisco, de origem inglesa, interessada em experimentos sobre o valor terapêutico da música. Esse interesse resultou de sua experiência pessoal com a análise. Tilly foi incitada, por analistas, a informar Jung sobre o seu trabalho. Tilly declara: ...

“Dr. Jung parecia estar literalmente rebentando de curiosidade e interesse. Jung disse: tenho lido e ouvido muito a respeito de terapia musical, e sempre me pareceu tão superficial e sentimental que não me interessei realmente pelo assunto. Mas estes seus trabalhos são inteiramente diferentes, e estou impaciente por ouvir o que você faz. Não posso imaginar o que seja. Por favor, você deve usar a sua linguagem, não a minha.” Margaret Tilly ao perguntar: Jung, qual sua relação pessoal com a música? Surpreendeu-se com a resposta: “Minha mãe – disse Jung – foi uma excelente cantora, assim como sua irmã, e minha filha é uma excelente pianista. Conheço toda a literatura... Ouvi tudo e todos os grandes concertistas e intérpretes, mas agora não ouço mais música. Fatiga-me e irrita-me... Porque a música lida com material arquetípico e, hoje em dia, aqueles que a tocam não percebem isso... Tilly: ‘Compreendi porque se divulgou a idéia de que Jung não tinha especial simpatia pela música. Ela interessava-lhe demais, não de menos.”

...Trabalharam durante uma tarde. Jung submeteu-se à terapia musical ao mesmo tempo em que pedia explicações e esclarecimento acerca da mesma. Tilly contou-lhe numerosos casos. Jung exclamou:

“Mas isto abre todo um novo campo de pesquisa com que eu nem mesmo sonhara! Por causa do que você me mostrou esta tarde... Não só o que disse, mas o que eu realmente senti ouvindo-aacho que doravante a música deve ser uma parte essencial de toda a análise. Isso alcança o material arquetípico profundo que nós podemos atingir, por vezes, em nosso trabalho analítico. É extraordinário (MCGUIRE E HULL, 1977).”

Desde os primórdios da humanidade, a música foi utilizada de forma terapêutica. E o fazer musical, independentemente da formação musical do indivíduo, é uma das formas que o indivíduo tem para expressar seus conteúdos inconscientes e se conscientizar dos mesmos.

MÚSICA E OS HEMISFÉRIOS CEREBRAIS

Segundo SPRINGER E DEUTSCH (1998), *“... Os aspectos da habilidade musical não residem, exclusivamente, no hemisfério direito. O hemisfério esquerdo é responsável por aqueles aspectos do processo musical que requerem julgamentos sobre duração, ordem temporal, seqüência e ritmo. O hemisfério direito é diferencialmente envolvido quando são exigidos julgamentos sobre memória tonal, timbre, reconhecimento de melodia e intensidade.*

O hemisfério direito é responsável pela altura; sons; acordes; imagem; orientação espacial; análise de um padrão num instante; simultaneidade. É holístico, intuitivo. O hemisfério esquerdo é responsável pela percepção da fala; produção da fala; ritmo; prosódia; acentuação; leitura; escrita; memória; análise de um padrão durante um tempo; seqüência. É lógico, analítico.

Esse esquema é válido para o cérebro do não músico, pois o cérebro do músico processa essas informações nos dois hemisférios. O corpo é música e, também, o nosso principal instrumento. Música e corpo remetem-nos ao auto-conhecimento e a uma consciência maior. Os instrumentos musicais são prolongamentos do nosso corpo e através deles expressamos conteúdos da psique.

A música é uma arte que se manifesta através de todas as funções psicológicas propostas por Jung: pensamento, sentimento, sensação e intuição. Dependendo do tipo psicológico ao qual pertence, o indivíduo ouve, compreende e introjeta a música e se relaciona com os instrumentos musicais, de uma forma específica e individualizada. No entanto, podemos dizer que a música, de forma geral, atua diretamente no sistema límbico, responsável por nossas emoções, principalmente o tálamo.

A seguir será relatado um caso para ilustrar o trabalho de Psicoterapia Musical Junguiana Coligada à Abordagem Corporal.

RELATO DE CASO

Criança de 5 anos abusada sexualmente pela babá.

Queixa: insegurança emocional, recusava a ir ao colégio, ficava horas chorando no portão. Segundo a mãe, ele estava agressivo, principalmente, com ela.

Foi utilizado nesse caso o Perfil de Tensão, (BRUSCIA, 1977).

Segundo Kenneth Bruscia (BRUSCIA, 1977), os Perfis de Avaliação em Improvisação (IAPs) têm por objetivo fornecer um modelo de avaliação do cliente, baseado na observação clínica, análise musical e interpretação psicológica da improvisação do cliente. Os IAPs consistem de cinco perfis, cada um dos quais contendo sub-escalas em separado para os vários elementos musicais e seus componentes. Embora traçados para serem utilizados em conjunto com uma bateria ampla, os vários perfis e escalas podem ser usados separadamente, sempre que a avaliação específica das necessidades do cliente assim o indicar.

Todos os Perfis de Avaliação em Improvisação (IAPs) podem ser utilizados como avaliação e, nesse caso, o Perfil de Tensão foi utilizado como um recurso dentro da Psicoterapia Musical numa Abordagem Junguiana coligada à Abordagem Corporal.

“
o corpo é música
e, também,
o nosso principal
instrumento
”

Integração, Variabilidade, Tensão, Congruência, Saliência e Autonomia fornecem critérios específicos para analisar a improvisação, e também são perfis que estão compatíveis com a fundamentação teórica da Análise Junguiana.

Numa perspectiva analítica, a música do indivíduo é uma projeção simbólica de aspectos inconscientes do *self*. Os elementos musicais e os processos através dos quais eles se revelam e interagem dentro da improvisação (isto é, integração, variabilidade, etc.), são representações simbólicas de elementos inconscientes e dos processos através dos quais esses elementos se revelam e interagem na personalidade. Cada elemento musical representa simbolicamente um aspecto particular da personalidade, e cada processo musical corresponde a um processo psicológico.

Neste caso clínico, o que se propõe não é a avaliação, mas a utilização do Perfil de Tensão na Improvisação dentro do processo de Psicoterapia Musical Junguiana como um recurso facilitador para o cliente experimentar e expressar a tensão dos conteúdos internos que surgem das situações de conflito entre opostos e que através do princípio de enantiodromia, buscam um novo equilíbrio da energia psíquica.

Na Psicologia Analítica, proposta por Carl Gustav Jung, dentre os conceitos que fundamentam sua teoria, encontramos o de Arquétipo, que significa: padrão, modelo, tipo impresso.

"O conceito de arquétipo... deriva da observação reiterada de que os mitos e os contos da literatura universal encerram temas bem definidos que reaparecem sempre e por toda parte." (JUNG, 1989)

Os arquétipos são situações típicas partilhadas por toda a humanidade, desde o início do seu processo evolutivo, contendo seus opostos, que se manifestam ao longo da existência. Por exemplo: nascimento e morte; mãe e pai; princípio feminino e princípio masculino; casamento e separação; ritos de iniciação e de passagem, etc. Na medida em que o ego individual se diferencia, o indivíduo vai se identificando ou desenvolvendo um dos opostos. E quando chega no extremo, através de um movimento compensatório chamado enantiodromia, a energia, automaticamente, vai para o outro oposto através do movimento pendular, que é uma busca dinâmica de equilíbrio. Por exemplo: um indivíduo profissionalmente muito onipotente, no extremo da onipotência, pode ser levado, pela enantiodromia, ao extremo da impotência através de uma hemiplegia como resultado de um acidente vascular cerebral, tornando-se dependente do outro.

A enantiodromia é um princípio psicológico que faz com que a energia oscile entre opostos de forma pendular. Uma atitude unilateral de vida provoca imediatamente um quantum de energia no sentido oposto, na tentativa de promover o equilíbrio dessas forças, e de transformar essa atitude.

Na experiência clínica observa-se que os indivíduos buscam ajuda terapêutica, na maioria das vezes, quando adoecem física ou psicologicamente, por terem vivido de forma unilateral, seja profissionalmente, na área familiar ou na afetiva. Assim, cria-se uma tensão interna que o obriga a refletir e transformar sua atitude. Através da técnica de amplificação, levamos essa tensão ou unilateralidade ao extremo, acionando

psicologicamente o princípio da enantiodromia. Assim, os conteúdos automaticamente se transformam em seus opostos em busca de um novo equilíbrio. Na psique este é um processo cíclico e rítmico.

O Perfil de Tensão na Improvisação foi, aqui, escolhido como um recurso técnico por proporcionar ao indivíduo a experiência do aumento da tensão, através da improvisação musical, e conseqüente relaxação, promovendo o fortalecimento do ego, desenvolvendo recursos internos para melhor lidar com as tensões do dia a dia, sem precisar adoecer física ou psicologicamente. Em última instância, favorece para que o indivíduo possa experimentar, sem muita ansiedade, e de forma adequada e saudável, a contracorrida dos opostos.

Para ilustrar a utilização do Perfil de Tensão, num processo terapêutico de orientação junguiana, será relatado, de forma sucinta, as três primeiras sessões de uma criança; em especial, a terceira sessão, em que foi utilizado o recurso de improvisação musical, provocando uma tensão oposta que resultou em uma nova atitude, decorrente da relaxação que se seguiu. Trata-se de uma criança, de 5 anos, vítima passiva de violência (abuso sexual por uma babá), que necessita experimentar uma atitude de contraposição à autoridade, não atendendo à imposição de ordens e regras; apresentando um comportamento de inquietação, ansiedade e impulsividade, que a impedem de se relacionar afetivamente. Apresenta um relacionamento simbiótico com a mãe, prejudicando sua ida à escola. A criança foi encaminhada pelo colégio para uma avaliação psicológica e orientação de pais. Para assegurar o sigilo, a criança será, aqui, chamada de Peter.

Na primeira sessão, Peter teve dificuldade de entrar no consultório e também na sala, só entrando com o irmão de 8 anos, enquanto a mãe ficou na sala de espera. Peter foi se arrastando pelo chão, desde a sala de espera, enquanto verbalizava: "meu pinto não vai ficar sujo". A terapeuta tentou estabelecer o rapport, mas percebeu uma grande resistência por parte de Peter. Percebendo que P. gostava de desenhar, a terapeuta sugeriu que ele realizasse os desenhos do teste projetivo HTP, e Peter aceitou desde que fosse desenhado no chão. Ele realizou os desenhos com muita rapidez e, em seguida, experimentou, rapidamente, com uma certa inquietação, alguns instrumentos como: calimba, reco-reco, maraca, chocalho, ganzá e guizo, sempre perguntando o que era cada um deles, pedindo à terapeuta que os nomeasse, sendo que imediatamente depois ele os guardava no armário; por último, apontou para o teclado, mas logo fechou o armário de instrumentos, e escolheu brincar com o jogo de botões. P. jogou com o irmão, de forma desorganizada, sem regras. Quando foram avisados que o tempo estava acabando e pediu-se sua ajuda para guardar os brinquedos, pegaram imediatamente a bola e começaram a jogar ansiosamente, quase atingindo a luminária. A terapeuta apontou-lhes o perigo de estourar as lâmpadas e machucá-los, e terminou a sessão conversando a respeito deste fato.

Na sala de espera, Peter se dirigiu à mãe pedindo um copo de água, e então a terapeuta os acompanhou até a cozinha para se servirem da água. Ele encheu o copo, virou na boca enchendo-a, e foi cuspidando pelo chão da cozinha, e no corredor, enquanto andava e ria compulsivamente. A terapeuta chamou a sua atenção dizendo que teria que limpar o chão, mas ele se recusou, dirigiu-se à sala de espera e começou a fazer muita bagunça com o irmão, mexiam em tudo ansiosamente.

“
A enantiodromia
é um princípio
psicológico que
faz com que
a energia oscile
entre opostos de
forma pendular
”

“
o Perfil de Tensão
na Improvisação ...
favorece para que
o indivíduo possa
experimentar, sem
muita ansiedade, e
de forma adequada
e saudável,
a contracorrida
dos opostos
”

“
a terapeuta
vai aumentando
cada vez mais
a intensidade,
acelerando o
andamento, ...
propondo sempre
um diálogo
dos contrários
”

Não obedeciam a mãe que os repreendia. De repente, Peter jogou o tênis para o alto, chutando com o pé, subiu no sofá, quando na tentativa de pegar o tênis da mão do irmão, se jogou de cima do sofá, para trás, como que inconsciente do perigo, batendo com as costas num vaso. Tudo aconteceu em fração de segundos, sem que fosse possível ter sido feito qualquer coisa. Isso tudo aconteceu ao lado da mãe. Peter chorou muito, a mãe se certificou de que estava bem, repreendeu-o e o fez limpar a água cuspada.

Na segunda sessão, ele continuou muito resistente, demorou para entrar no consultório, não queria entrar na sala, então a terapeuta foi à sala, com a porta aberta, e começou a tocar cantigas de roda no teclado (atirei o pau no gato, ciranda cirandinha, escravos de Jó). Então, pouco a pouco, a criança foi se aproximando até entrar, aproximou-se do teclado experimentando tocá-lo. Peter pediu para a terapeuta parar de tocar e passou a explorar o teclado, experimentando vários timbres de instrumentos e vários ritmos: aumentava e diminuía a velocidade, o volume do som, ligava e desligava o teclado, e, de tempos em tempos, apertava o *demo* para ouvir a música pronta. Quando se sentiu satisfeito, desligou o teclado, e pediu para a terapeuta abrir a caixa do acordeon para ver o que tinha lá. Ao ver o instrumento pediu que ela o tocasse. Enquanto a terapeuta se preparava para tocar o acordeon, Peter, fechou a janela, apagou a luz, dizendo: "continua tocando no escuro". A terapeuta continuou tocando cantigas de ninar. Então, Peter indagou: "Você continua tocando no escuro"?! ... Pronto! Vou acender a luz. Tá na hora de ir embora?! Quero ir embora prá minha casa. A terapeuta explicou que ainda tinha alguns minutos, e o convidou para experimentar o acordeon. Peter se aproximou, perguntou como tocava, e começou a experimentar os baixos, então a terapeuta repetia o que ele executava só que no teclado do acordeon; e quando ele tocava o teclado, ela espelhava só que nos baixos. Peter olhava para a terapeuta e sorria levemente. Parece que ele está se vinculando com a terapeuta. Entretanto, continuava reagindo agressivamente frente às frustrações e ao limite estabelecido.

Levando em conta o seu histórico, a terapeuta permitia a expressão de seu descontentamento frente ao limite, e até encorajava seu comportamento de oposição, pois considerou saudável sua tentativa de se contrapor à autoridade, já que sofreu a violência por um adulto. E, paralelamente, foi trabalhando através da música essa oposição que foi sendo experimentada, principalmente, a partir da terceira sessão, através da improvisação: Peter num determinado momento da sessão executa glissandos¹, primeiro na cítara pentatônica, que ela trouxe espontaneamente, e em seguida no teclado – primeiro nas teclas brancas, depois nas teclas pretas, na forma ascendente, enquanto a terapeuta responde com glissandos descendentes (o oposto), e vice-versa, fazendo o oposto do paciente. No início mantendo a mesma intensidade, andamento, altura do som produzido por Peter (espelhamento), utilizando a mesma extensão que ele usa, e pouco a pouco, num crescendo a terapeuta vai aumentando cada vez mais a intensidade, acelerando o andamento, aumentando o volume do som, propondo sempre um diálogo dos contrários (se Peter executa glissandos ascendentes, ela propõe glissandos descendentes, e vice-versa). No início, ela mantém os contrários num espelhar enquanto intensidade, duração, andamento, volume do som, e extensão utilizada para os glissandos, mas pouco a pouco vai

1. No piano e na harpa, executar rapidamente, com a ponta dos dedos, uma seqüência de notas ascendentes ou descendentes.

alternando esses elementos propondo também aí uma contraposição, e o resultado é que no decorrer da sessão Peter vai respondendo à mesma, estabelecendo um diálogo de contraposição até que se constele o máximo de tensão e como consequência, ele grita: "Pára !"... Em seguida começou a tocar suavemente as teclas brancas do teclado, na tentativa de produzir uma melodia em terça maior. A terapeuta observou que Peter, no decorrer da sessão, pareceu menos ansioso, conversou, fez perguntas, estabeleceu vínculo. Depois escolheu jogar futebol, e desta vez, lidou melhor com as dificuldades encontradas no jogo, pareceu suportar mais a frustração de não fazer o gol, ou receber um gol do adversário, respeitou as regras, e na hora de ir embora, ajudou a guardar tudo, prontamente. Nas sessões seguintes, entrou na sala sem relutar, enquanto sua mãe ou o motorista, com o qual tem um bom vínculo, esperavam na sala de espera; abria o armário de brinquedos, ou dos instrumentos e escolhia a atividade que queria desenvolver na sessão; muitas vezes, vinha com algum instrumento de brinquedo, de casa, mas ao chegar na sala escolhia um instrumento do armário.

Peter continuou a apresentar comportamentos de contraposição, no decorrer da terapia, mas ao perceber uma resposta firme e amorosa, aceitava as regras sem tanta dificuldade. Parecia mais seguro emocionalmente, menos impulsivo, conseguiu estabelecer vínculo com a terapeuta; parece ter compreendido o processo terapêutico.

Na escola, os professores, a coordenadora e a orientadora pedagógica perceberam uma maior autonomia e independência da criança em relação à mãe, assim como uma significativa melhora na atenção e concentração. Também passou a se relacionar mais adequadamente com os colegas. Os pais perceberam que Peter estava mais carinhoso, menos ansioso, mais tranquilo, mais seguro afetivamente.

Peter, em seis meses de terapia, conseguiu lidar adequadamente com suas dificuldades afetivo-emocionais e resgatar a sua verdadeira personalidade. Nos dois meses subsequentes foi trabalhado seu desligamento da terapia, pois parecia ter superado adequadamente sua impulsividade e a sua insegurança.

Foi possível perceber a eficácia do Perfil de Tensão utilizado como recurso neste processo terapêutico, onde a improvisação musical possibilitou a amplificação do nível de tensão, de tal forma que, pelo princípio da enantiodromia, promoveu-se o surgimento da polaridade oposta, obtendo uma adequação de reposta.

O Perfil de tensão, um dos Perfis de Avaliação em Improvisação (IAPs), proposto por Bruscia, nesse caso, facilitou o processo de tratamento psicoterápico na superação do trauma causado por abuso sexual. 

Bibliografia

- SILVEIRA, N. da, *Jung – Vida e Obra*. 7ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981, p. 166.
MCGUIRE, W. E HULL, R. F. C., *C. G. Jung: Entrevistas e Encontros*. 1977
SPRINGER & DEUTSCH, G., *Cérebro Esquerdo, Cérebro Direito*. São Paulo, Summus, 1998.
BRUSCIA, K.E., *Improvisational Models of Music Therapy*. Springfield, Il Charles C. Thomas Publishers, 1977.
JUNG, C. G., *Memórias, Sonhos e Reflexões*. 11ª. ed. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1989, p.352.

“
a improvisação
musical possibilitou
a amplificação do
nível de tensão
”



Palavras Chave:
→Herói
→Super-Herói
→Histórias em
Quadrinhos
→Confronto
→Anima
→Sombra

Beth Haga <bethhaga@uol.com.br>

■ Psicoterapeuta
■ Especialista em Cinesiologia – Instituto Sedes Sapientiae

Batman: o Sofrimento de um Herói Atormentado

Este artigo pretende apresentar uma proposta de atualização da leitura simbólica do inconsciente, através de canais contemporâneos de expressão de imagens e textos: o universo dos super-heróis de histórias em quadrinhos.

MORCEGO. *"particularmente um símbolo de longevidade (...) usado na preparação de drogas afrodisíacas (...) senhor do fogo. É destruidor de vida, devorador de luz, (...) divindade da morte. (...) Na África (...) reveste-se de dupla significação. No sentido positivo, é a imagem da perspicácia: um ser que vê mesmo no escuro, quando o mundo inteiro está mergulhado na noite. No sentido negativo, é a figura do inimigo da luz, da pessoa extravagante que faz tudo ao contrário do que deve, e que vê as coisas de cabeça para baixo (...) as grandes orelhas do morcego, no sentido diurno, são o emblema de um ouvido desenvolvido para tudo captar; no sentido noturno, excrescências horrendas. Rato voador, no aspecto noturno: cegueira às verdades mais luminosas, e acumulação, em grupos, de um amontoado de baixezas e deformações morais; no diurno: imagem de uma certa unidade dos seres, cujos limites se apagam no híbrido, graças às alianças.*

(...) Nas tradições alquimistas, a ambigüidade dessa natureza híbrida - o rato-pássaro - explica a ambivalência de seus símbolos: o morcego representa o andrógino, o dragão alado, os demônios. (...) simboliza, ainda, o ser definitivamente imobilizado numa fase de sua evolução ascendente: já não pertence ao grau inferior, e não atingiu o grau superior; pássaro falhado, ele é (...) um ente-monstro. Ao contrário do pássaro azul que, mesmo durante a noite, continua a ser um animal celeste, algo de sombrio e de pesado (...) será sempre acumulado em torno das aves noturnas. (...) Condenado a bater as asas, ele não conhece o repouso dinâmico do vôo planado."

(CHEVALIER, J., GHEERBRANT, A., 1991, pp.620-621)

A psicologia tem estudado os contos de fadas como importante recurso de expressão das imagens arquetípicas e dos processos psíquicos do inconsciente coletivo. Contudo, não podemos fechar os olhos à atualização dos canais de expressão da psique. Com o avanço da tecnologia e dos meios de comunicação, o ritmo de transmissão das informações se acelera, dando-nos a impressão de banalização e superficialização. O universo de fantasias infantis da atualidade contém elementos pertencentes à sua realidade: jogos interativos (RPG's), *cards* e *games* de todos os tipos. A essência arquetípica se mantém eterna e constante, mas sua expressão e suas imagens, não. Acompanham a evolução humana e todos os seus matizes.

Há toda uma geração de adultos, que hoje está na faixa dos 40-50 anos de idade, que cresceu sob a influência dos meios de comunicação de massa: rádio, tv, cinema, jornais, revistas, etc. Nas primeiras décadas do século vinte, surgem as histórias em quadrinhos (HQ's), também conhecidas como gibis. Através dos quadrinhos, narram-se as mais diversas, divertidas e interessantes sagas de heróis de todas as qualidades, tanto para o público infantil, quanto para o juvenil e adulto. As versões mais atuais de HQ's, chamam-se *graphic novels* e têm desenhos com qualidade artística, ótimos roteiros e excelente qualidade de impressão.

O cinema e a TV têm procurado reproduzir esses heróis e, muitas vezes, acabam criando versões distorcidas e achatadas, mutilando personagens e estórias originalmente bastante ricos. No afã de apresentar o herói em sua totalidade, acabam por suprimir dados, características e detalhes importantes, relevantes à sua construção e constituição.

Escolhi falar sobre o Batman pois creio que ele nos conta como um herói de nosso tempo lida com as solicitações e com os problemas atuais. Como lida, ou não, com a agressividade, com o bem e o mal. Seu caminho de individuação (se é que podemos chamar assim) retrata as nuances do sofrimento de um herói do século XXI, em sua busca e confronto com a sombra e com a alma. Ele nos dá a chance de contextualizar e atualizar, como dizia Jung, "o eterno em nosso tempo".

ORIGENS

BATMAN. Bruce Wayne, filho do casal de milionários Thomas e Martha Wayne. Aos seis anos de idade, tem sua iniciação com o animal totêmico: brincando nos arredores da mansão em que vivia, cai numa caverna dentro de sua propriedade, repleta de morcegos. Resgatado pelo pai, ao mesmo tempo apavorado e admirado com o animal, o menino passa a sonhar com ele. Anos mais tarde, Bruce vai ao cinema com os pais. Na saída, sofrem uma tentativa de assalto, seguida do assassinato de Tom e Martha. Diante da dor da tragédia, o menino de 8 anos jura para seus pais mortos que lutará contra o crime e promoverá a justiça na cidade de Gotham.

Criado pelo mordomo, Alfred Pennyworth (ou, segundo outras versões, por Philip Wayne, seu tio e guardião legal, e pela psiquiatra e assistente social, Dra. Leslie Thompkins), Bruce cresce e vai desenvolvendo habilidades físicas e intelectuais, que ele considera necessárias para cumprir seu juramento. Quando completa 18 anos de idade, ele resolve viajar pelo mundo, e faz sua "graduação" como combatente do crime. Seus professores são mestres em artes marciais, mercenários, etc. Aprendendo a lidar com o bem e o mal, aprende a lidar com seus impulsos. Assim, passa a ter a garantia de que, ao capturar os bandidos, não os matará e os entregará à polícia, ainda que quase mortos de tanto espancar.

Inspirado por seu animal totêmico, Bruce Wayne torna-se ágil, atento e silencioso. Extremamente habilidoso, ele se esgueira pela escuridão dos becos da metrópole violenta, à caça de facínoras e mal-feitores em sua eterna luta pela justiça. Seu uniforme transforma o homem numa figura assustadora: de roupa escura, encapuzado e com enorme capa. Nasce Batman, o Cavaleiro das Trevas.

No início, Batman é tido como bandido, pois sua figura lembra o capeta, o demônio. Mas suas ações falam por si. Ele pouco fala, somente o estritamente necessário. E quem ouve a sua voz, na calada da noite, sente o calafrio da morte percorrendo a espinha. Durante o dia, vive como o pacato Bruce Wayne - um industrial bilionário, filantropo, porém fútil e superficial. Aparentemente irresponsável, ele entrega seu patrimônio à administração de pessoas competentes e confiáveis, que vão multiplicando seus bens e seu dinheiro, necessários para realizar o seu verdadeiro trabalho. Ao poucos, o homem-morcego vai conquistando seus aliados, em especial o comissário de polícia, James Gordon. E também seus arqui-inimigos, que são vários, mas darei especial destaque ao Coringa. Mais antigo e, talvez, mais popularizado pela tv e pelo cinema, ele representa um aspecto importante: a sombra do herói.

OS ALIADOS

ALFRED PENNYWORTH. Mordomo da família Wayne, Alfred mantém sua fidelidade ao patrão. Sem ele, Bruce não sobreviveria. Nem quando se tornou órfão, nem depois. De certa maneira, Alfred exerce uma função materna na vida de Batman, pois

“
o morcego
representa o
andrógino,
o dragão alado,
os demônios
”

“
Seu caminho
de individuação
retrata as nuances
do sofrimento
”

efetivamente cuida de sua casa, de seus protegidos (os outros heróis), da batcaverna e de todos os seus equipamentos (armas, veículos, computadores, dispositivos de comunicação, etc.). Muitas vezes Batman chega bastante ferido após sua patrulha noturna, e é Alfred quem trata de seus ferimentos e o alimenta.

JAMES W. GORDON. Policial íntegro e honesto, causou irritação em muitos colegas corruptos quando chegou a Gotham City. Logo após a primeira aparição de Batman, foi designado para capturá-lo e fracassa. Porém, logo constata a verdadeira índole do Morcego, e juntos eliminam a corrupção na polícia da cidade. Em pouco tempo, Jim Gordon torna-se comissário. No entanto, a vida pessoal de Gordon é um tanto conturbada. Casado e com um filho pequeno, logo sua sobrinha Bárbara se junta à família. Ele acaba se envolvendo amorosamente com uma colega, Sarah Essen. Supondo que o amante não deixaria sua esposa, Sarah pede transferência para Nova Iorque. Jim e sua esposa passam a se desentender e, após várias tentativas de conciliação, acabam se separando. Anos depois, Sarah volta a Gotham e torna-se a segunda esposa de Gordon. Algum tempo depois, ela é brutalmente assassinada pelo Coringa.

ROBIN. Parceiro de Batman, jovem adolescente que representa o aspecto de puer. Ao longo do tempo, três jovens encarnam esse papel:

Dick Grayson, o primeiro Robin¹, foi adotado por Bruce (Batman) Wayne, quando se torna órfão. O menino vivia com seus pais no circo. Eram uma família de trapezistas: os Graysons Voadores. Pelas mãos criminosas de um bandido, os pais de Dick são assassinados em pleno espetáculo, diante de uma multidão de pessoas: as cordas dos trapézios foram cortadas. Batman é chamado para resolver mais este crime e, empatizando com o menino acaba por tornar-se seu tutor e guardião. Dick Grayson conhece a identidade do Cruzado de Capa e ele próprio vai desenvolvendo Robin, o Menino-Prodígio, que aos poucos passa a aliar-se ao tutor em sua luta no combate ao crime. Mas o garoto cresce, e como todo adolescente, ele desafia a autoridade do pai. Vive simultaneamente a tensão entre a necessidade de tornar-se independente e a admiração pelo seu "salvador". O resultado desse conflito é a dissolução da "dupla-dinâmica" e Dick, adulto, vai viver sua carreira solo como Asa Noturna (Nightwing), outro herói da noite que combate o mal.

Jason Todd, o segundo Robin, foi encontrado por Batman roubando pneus. Outro garoto órfão adotado por Bruce/Batman. Herdeiro do legado do Menino-Prodígio, porém, desobediente e rebelde, Jason tem seu destino cruzado com o pior dos facinoras: o Coringa. Jason havia descoberto que Catherine Todd, morta há alguns anos, não era sua mãe biológica e que a verdadeira estava em algum lugar da África ou do Oriente Médio. A médica Sheila Haywood teve um filho com Willis Todd, mas precisou fugir dos Estados Unidos, devido a alguma prática ilegal quando ainda era estudante. Jason encontrou sua mãe trabalhando na Etiópia, onde estava sendo chantageada pelo Coringa. Ao descobrir que Jason era Robin, Sheila o trai, entregando-o para o criminoso, que o espanca e depois explode mãe e filho no armazém em que estavam.

1. A tradução para "robin" é pintarroxo, pássaro europeu de canto muito suave, da mesma família dos azulões, canários, coleiros, tico-ticos, curiós, cardeais, etc.

O terceiro Robin, Tim Drake, ao contrário de seus antecessores, "adotou" Batman. Ele era vizinho de Bruce Wayne e, por ser muito perspicaz, descobriu sua identidade secreta. Tim estava no circo quando os pais de Dick Grayson morreram. Anos depois, ao assistir pela tv a captura do Pingüim pela dupla dinâmica, ele percebeu que Robin dava o mesmo salto que era especialidade de Dick na época do circo.

Quando Jason foi morto, Batman tornou-se muito violento e autodestrutivo. Tim foi implorar a Dick-Asa Noturna que voltasse a ser Robin para salvar o ex-parceiro. Dick se recusou e, ao ajudar Batman a enfrentar o Duas-Caras, ambos foram aprisionados pelo bandido. Tim veste o uniforme de Robin e, com a ajuda de Alfred, liberta os heróis. Tim é muito inteligente e como qualquer garoto de nosso tempo, conhece muito sobre computadores e informática. Mas precisou desenvolver habilidades físicas, para desempenhar o papel de Robin. Seus pais tinham espírito aventureiro e viajavam muito. Por isso, Tim estudava num internato. Numa viagem ao Haiti, o casal Drake é raptado. Batman vai tentar resgatá-los, mas em meio à luta contra os bandidos, a mãe de Tim morre e seu pai fica em estado de coma.

BATGIRL. Bárbara Gordon perdeu os pais num acidente automobilístico e foi adotada pelo tio, o comissário James Gordon. A garota sempre gostou muito de esportes, então tornou-se campeã em diversas modalidades: judô, caratê, ginástica olímpica e corrida. Estudou Biblioteconomia e Sistemas de Informação e é naturalmente dotada de uma memória fotográfica. Num baile de máscaras organizado pela polícia de Gotham, Bárbara inventa secretamente a sua fantasia: Batgirl. A caminho da festa, ela se depara com a tentativa de seqüestro de Bruce Wayne. Inspirada pela vestimenta, Babs utiliza suas habilidades marciais para salvar o milionário. Já na "pele" de Batman, o herói exige que a moça se identifique. Porém, ela só aceitaria uma revelação dupla de identidades. Batman recusa o trato, mas depois acaba facilmente descobrindo quem era ela. Como Bárbara toma gosto pela emoção de ser uma heroína, o Cruzado de Capa não vê outra alternativa a não ser treiná-la, tornando-a mais uma aliada em sua luta. Até que ela é ferida pelo Coringa e fica paraplégica. No entanto, ela continua a desempenhar o papel de defensora de Gotham City. Ela utiliza toda sua habilidade intelectual e seus conhecimentos, tornando-se uma super-hacker. Agora sob o codinome Oráculo (ou Oracle), ela auxilia Batman e os outros heróis.

OS VILÕES

O CORINGA. Numa das versões de suas origens, ele surge como um cidadão comum, que tenta viver honestamente mas, um dia, não resistindo às pressões externas e internas, acaba surtando e se transformando no Coringa, de pele alva, cabelos verdes e eterno sorriso em seu rosto deformado por produtos químicos, que também deformaram sua alma. Porém, nas histórias podemos constatar que não se trata de um pobre neurótico, mas sim de um psicopata. Suas ações não demonstram um pingô de clemência. Se há alguma emoção humana, não a percebemos. Com requintes de crueldade, o único objetivo do Coringa é atingir o Batman. Depois de muito espancar, ele assassina a sangue frio, um dos Robins, somente para ferir o arqui-inimigo. Num outro momento, ele atira à queima roupa em Barbara (Batgirl) Gordon. Não deseja matá-la, apenas aleijá-la. E tem sucesso.

A MULHER-GATO. Selina Kyle vivia num orfanato feminino. Sua mãe se suicidara e seu pai era alcoólatra. A jovem foge da instituição, devido aos maus tratos recebidos

“
Robin é o
jovem adolescente
que representa o
aspecto de puer
”

“
sob o
codinome
Oráculo,
ela auxilia
Batman
”

da abusiva diretora. Ela vive pelas ruas de Gotham e, utilizando-se de sua inteligência e dos dotes acrobáticos naturais para sobreviver, torna-se uma habilidosa ladra. Sua vestimenta é criada com o intuito de potencializar sua ação: uma malha colante e escorregadia; luvas e botas dotadas de garras retráteis e extremamente afiadas; um chicote extensível que serve para sua defesa e também para as acrobacias felinas. Tão bonita e sofisticada quanto perigosa e vingativa, Selina sempre faz justiça com as próprias mãos. Apesar de sentir atraída pelo Morcego, e vice-versa, ela não acredita e nem se submete a nenhuma lei.

CORTANDO E COSTURANDO

Neste universo, tanto heróis como vilões têm uma origem trágica, brutal e traumática, deixando cicatrizes de abandono e solidão. Todos defrontam-se muito precocemente com a violência. Aparentemente, aqueles que conseguem lidar com ela numa "oitava superior", tornam-se heróis, enquanto que os que não conseguem sair do patamar da destrutividade, tornam-se bandidos.

A elaboração da agressividade depende muito das circunstâncias externas, mas também da estrutura egóica. O nosso herói contemporâneo e foco deste estudo, Batman/Bruce tinha uma família bem estruturada, amorosa e que lhe deu bases para a construção de um ego forte. Embora o sentimento de solidão se tornasse muito forte na alma do pequeno Bruce, o acolhimento dado por Alfred foi fundamental para que ele não desagregasse, para que se mantivesse íntegro. Porém, o menino ferido jamais deixou de existir. Quando adulto, ao compadecer-se de Dick, Jason e Tim, Batman acolhe a sua criança interna desamparada (o puer).

James Gordon acaba desempenhando a função paterna de Batman. Ele é uma autoridade policial, um representante da lei, da justiça e da ordem. Sua aliança com o Morcego é muito importante, pois é o que o ajuda a conter seus impulsos mais irrascíveis e violentos. Na pele de Bruce Wayne ele finge viver um engodo: o playboy mulherengo e superficial. Mas de certo modo, ele ainda não amadureceu emocionalmente. O seu encontro com a alma ainda não é muito consistente, pois não consegue ter uma namorada, companheira ou esposa. Suas maiores parcerias são com o puer Robin, com a "mãe" Alfred e com o "pai" James Gordon.

Batgirl é uma aliada que pode ser vista como uma boa "anima potencial". Trata-se de um elemento feminino com bastante força interior. Mesmo quando atingida pelo Coringa, ela não se abate e continua a lutar, tornando-se a Oráculo. Existe cumplicidade e parceria mas não há relação amorosa. Como personagem, ela não está presente em todas as histórias do herói, tem participação intermitente e é totalmente independente. Outro personagem feminino que pode ser visto como aspecto da alma é a Mulher-Gato, embora também seja intermitente e independente. Bastante sedutora e ardilosa, Selina consegue envolver qualquer um para realizar seus intentos. Devido à natureza pouco fidedigna da moça, o envolvimento amoroso dela com o Batman, não ultrapassa o limiar de um flerte adolescente.

Já o confronto com a sombra se estabelece com maior nitidez. O Coringa encarna o não-vivido pelo herói. Toda truculência dos impulsos de seu oponente é atuada pelo Bufão. Felizmente, Batman reconhece sua contraparte no Coringa: Em certa ocasião, o Batman é chamado pela polícia para conter uma rebelião no Asilo Arkham,

Penitenciária Manicomial de Gotham. Tal rebelião era liderada pelo Coringa. Batman hesita em aceitar a incumbência e, ao ser questionado pelo comissário se está com medo, ele responde: "Medo? Batman não tem medo de nada. Sou eu. É de mim que tenho medo. Medo de que o Coringa esteja certo sobre mim. Às vezes eu questiono a racionalidade das minhas ações. Estou com medo de que, quando atravessar os portões do Asilo... quando eu entrar no Arkham e as portas se fecharem atrás de mim... vai ser como voltar para casa." (MORRISON, G. e McKEAN, D., 1990, p.25)

Em geral, os heróis têm um caráter solar, mas Batman é personagem noturno, lúgubre, soturno, esgueirando-se pela noite. Como Osiris, ele representa e realiza o trajeto noturno do sol. Sua identificação com o morcego lhe confere os mesmos poderes do deus egípcio: "Sob a forma visível de um deus, ele (Osiris) desce ao mundo dos mortos para lhes tornar possível a regeneração e, por fim, a ressurreição na glória de Osiris, porque todo morto justificado é um germe de vida nas profundezas do cosmos (...)" (CHEVALIER, J., GHEERBRANT, A., 1991, p.665) O Batman é um herói ambíguo, de aparência demoníaca. Ele vive nas trevas, mas busca a luz. Apesar de toda a dor que o destino lhe impinge, ele ainda acredita no poder da verdadeira justiça humana.

EPÍLOGO

Ficamos estarecidos com a falta de limites dos mais jovens, ou de termos sido incompetentes porque não fomos capazes de estabelecer com nitidez esses limites para eles. E nos preocupamos com o futuro de nossas crianças, com o futuro da humanidade. Mas será tão terrível o que os aguarda pela frente? Talvez não. Fala-se bastante na alteridade. Na união e na aproximação dos opostos. Não será este o caminho que se vislumbra adiante? Não será isto o que querem nos contar esses personagens tão complexos das *graphic novels*, que contêm em si a possibilidade de agir tanto para o bem, como para o mal? A atitude final torna-se uma escolha consciente, cujas conseqüências precisam ser suportadas. Não serão eles a tradução da evolução de nossa psique? 📖

Bibliografia

CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A., **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1991.

Hq's

MORRISON, G. e McKEAN, D., **Asilo Arkham**. São Paulo, Abril Jovem, 1990.

MOORE, A., BOLLAND, B., HIGGINS, J., **Batman: A Piada Mortal**. São Paulo, Abril Jovem, 1988.

STARLIN, J., APARO, J., DE CARLO, M., **A Morte de Robin**. São Paulo, Abril, 1989.

Internet

<http://www2.uol.com.br/aurelio>

<http://www.batmanatrjetoria.hpg.ig.com.br>

“
aqueles
que conseguem
lidar com a
violência numa
'oitava superior'
tornam-se heróis
”

“
Batman é um
herói ambíguo,
de aparência
demoníaca
”



Vera Lucia Paes de Almeida <velux@uol.com.br>

■ Mestranda em Ciências da Religião – PUC/SP

Shiva Nataraja e o Círculo de Fogo: a Eterna Dança da Criação.

O texto analisa o mito de Shiva Nataraja sob o prisma filosófico-religioso do Hinduísmo e sob o prisma arquetípico da Psicologia Analítica, fazendo um paralelo entre o mito hindu de criação, como uma dança cósmica contínua e a criação da consciência no indivíduo, como um produto da incessante atividade criativa da psique. O caráter arquetípico do simbolismo do fogo, central no mito de Shiva, também é analisado na iconografia cristã e indígena brasileira. Assim, procura-se ressaltar a riqueza do conhecimento que a leitura das imagens proporciona, fornecendo uma visão de mundo filosófica, religiosa e psicológica que se reflete nas práticas rituais que estes símbolos evocam.

Shiva Nataraja (Fig. 1)
Bronze - séculos XII - XIII.

Uma das características centrais do pensamento indiano é a sua concepção cíclica do tempo. Ao contrário da noção linear do tempo ocidental, que concebe as origens do universo num ponto distante e definível no passado longínquo, a visão oriental expressa a criação como um processo contínuo, sem início e sem fim, sucedendo-se em ciclos infundáveis de criação, sustentação e destruição do universo.

Um conceito importante para os hindus é *Brahman*, o Absoluto, o princípio unificador, a realidade última. É o divino em seu aspecto transcendente, sem forma, que está além de todas as definições e possibilidades de apreensão pelo intelecto. No entanto, ele também é imanente pois está presente em todas as coisas. Na verdade, todas as inúmeras manifestações do mundo fenomênico são expressões de *Brahman*, inclusive sua expressão antropomórfica presente na miríade de deuses e deusas do panteão hindu. *Shiva*, uma das personificações de *Brahman*, é um dos mais antigos deuses do hinduísmo e junto com *Vishnu* e *Brahma* forma a *trimurti*, na qual *Brahma* é o criador, *Vishnu* o preservador e *Shiva* o destruidor (CAPRA, 1993:72).

No período védico (1500 a.C.) o mito de criação mais conhecido fala de *Purusha*, o homem cósmico primordial, que foi sacrificado para que com as diversas partes do seu corpo se criassem os deuses, os quatro pontos cardeais (espaço), os animais e os humanos. Dessa forma o mundo é o próprio deus, é formado a partir de seu corpo. Para os hindus não há separação entre o homem e deus.

A manifestação do princípio divino na alma humana é *Atman*, que é da mesma natureza de *Brahman*. O reconhecimento da identidade entre *Atman* e *Brahman* é que leva à liberação do ciclo (*samsara*) infundável de repetição temporal de nascimento, de morte e renascimento no plano individual, e de criação, sustentação e destruição do Universo no plano cósmico.

Maya é o poder divino criativo de *Brahman*, é a expressão no mundo fenomênico de Shakti, o princípio feminino de criação. Ela torna-se ilusão enganadora quando perde-se de vista a unidade subjacente de *Brahman* e confunde-se a sua expressão fenomênica com a realidade última. Libertar-se é realizar que tudo é *Brahman*, inclusive nós próprios (CAPRA, 1993:73).

Assim, os mitos de criação hindus refletem esses conceitos e falam da criação como um processo que se repete ao longo de milhões de eras, e que também ocorre diariamente dentro de cada indivíduo. *Brahman* que tudo permeia e que também a tudo transcende tem seu aspecto de imobilidade, de repouso e silêncio, onde nada se manifesta. Ao fim desse período, uma vibração ocorre (*OM*, a sílaba sagrada primordial) e surgem as manifestações do mundo do nome e da forma (*nama-rupa*) que são sustentadas por um tempo incalculável, até que finalmente são dissolvidas novamente para surgir outra vez o período de repouso, que será sucedido por nova criação, e assim sucessivamente... (WATERSTONE, 2001:108).

Fazendo um paralelo com a psicologia junguiana, podemos imaginar que a criação da consciência também é um processo cíclico, uma vez que diariamente imergimos no inconsciente durante o sono e novamente retornamos ao consciente ao acordar. Durante a vida também passamos por um processo de desenvolvimento que inclui uma transformação contínua da consciência, que implica em novas criações ou

aquisições, assim como na morte ou abandono de princípios ou atitudes e na recriação de novos valores, além de longos períodos de aparente imobilidade e recolhimento.

O mito escolhido para ser analisado foi o de *Shiva Nataraja*, o Senhor da Dança, por ser uma das imagens de uma divindade hindu mais conhecidas no ocidente e também pela beleza, poesia e caráter sintético com que expressa conceitos complexos do pensamento hindu (Fig. 1).

SHIVA NATARAJA

Shiva representa uma infinidade de aspectos paradoxais: ele é ao mesmo tempo o patrono dos yogues, representado em profunda meditação no alto dos Himalaias, e também é o eterno dançarino, em movimento constante. Ele aparece em aspectos benévolos, suaves e femininos como também de forma irada e destrutiva. Sua ambigüidade também é representada em imagens em que aparece como metade homem, metade mulher, conhecido como *Ardhanarishvara*. *Shiva*, o Auspicioso, expressa todas as polaridades do mundo e ao mesmo tempo aponta para a liberação dessas polaridades encarnando a unidade que transcende os opostos (SHEARER, 1993:68-69).

Entre os séculos X e XIII no sul da Índia, hábeis escultores em bronze criaram a imagem de *Shiva Nataraja* realizando sua dança *Nadanta*, a qual é até hoje o paradigma para a iconografia do deus. É esta imagem que será analisada simbolicamente como representante do mito de criação como uma dança cósmica.

Shiva é representado dançando, com quatro braços, ornado com braceletes, colares e jóias nos cabelos, além de serpentes enroscadas no pescoço e nos braços. Os ornamentos tilintam, e algumas mechas de cabelos se soltam flutuando no ar à medida que o deus gira no ritmo frenético e extático da sua dança. No alto da sua cabeça, nos longos cabelos enrolados como uma coroa (como os cabelos dos *yogues* que ele representa) vemos algumas figuras simbólicas: a) Uma representação diminuta da deusa do sagrado rio Ganges (*Ganga*); b) Flores da figueira sagrada; c) Um crânio, símbolo da morte e d) Uma lua crescente, representando a força estimuladora da vida do princípio feminino (ZIMMER, 1993:132).

Na sua orelha direita há um brinco masculino e na sua orelha esquerda um brinco feminino. A sua mão direita superior segura um pequeno tambor em forma de ampulheta (*damaru*) que simboliza o som primordial, a vibração que inicia a criação e o ritmo que marca o tempo. No mesmo plano, a mão esquerda superior sustenta uma língua de fogo, o elemento da destruição. O equilíbrio das duas mãos ilustra o equilíbrio dinâmico de criação-destruição cíclica do universo. No centro entre as duas mãos encontra-se a face serena e imóvel de *Shiva*, representando a liberação da dualidade e do ciclo eterno de vida e morte.

A segunda mão direita faz o gesto de "não-temas" (*abhaya-mudra*) que confere proteção e paz, enquanto que a outra mão esquerda faz o gesto de "tromba de elefante" (*gaja-hasta-mudra*) lembrando o filho de *Shiva*, *Ganesha*, o removedor de obstáculos. Esse gesto aponta para o pé esquerdo erguido no ar, que significa a liberação, no qual o devoto encontra refúgio e salvação. O outro pé esmaga *Muyalaka*, o anão demoníaco, que representa a ignorância que deve ser vencida para se encontrar a verdadeira liberação.

“
o mundo
é o próprio deus,
é formado a partir
de seu corpo
”

“
O equilíbrio
das duas mãos
ilustra o equilíbrio
dinâmico de
criação-destruição
cíclica do universo.
”



Fig. 2 - Espírito Santo
Madeira, século XVII.

Fig. 3 - Ostensório
Prata, século XVII.

Fig. 4 - Cruz - Relicário
Prata, século XVIII.

Finalizando esta esplêndida representação iconográfica há uma mandala de fogo circundando a figura de *Shiva*, como um símbolo da força emanante da dança divina. *Shiva* é o espírito e a mandala é a natureza, a matéria que pulsa, emanando a força do divino (ZIMMER, 1993:123-124).

COOMARASWAMY (1992:59) diz que essa dança mostra as cinco atividades de *Shiva*: a) Criação; b) Preservação; c) Destruição; d) Ilusão e e) Salvação. Essas atividades se realizam em torno do motivo central da dança, que é a atividade cósmica, o fluxo incessante de energia que permeia o universo em constante mutação. *Shiva* dança para criar e manter o universo, mas também para dar liberação desse fluxo incessante, destruindo a ignorância, o mundo das aparências e revelando a unidade primordial (*Brahman*) da qual ele é uma personificação. Segundo esse mesmo autor (1992:60) o significado mais profundo do mito se revela quando o devoto realiza que a dança de *Shiva* ocorre dentro do seu coração "*Chidambaram*, o Centro do Universo, está dentro do Coração" (COOMARASWAMY, 1992:65).

Esse belo mito de *Shiva* também pode ser analisado sob a perspectiva da psicologia analítica. O dinamismo da dança nos reporta ao dinamismo da psique e ao fluxo energético entre o consciente e o inconsciente, à dança entre essas duas dimensões que compõem a totalidade da psique, ou o universo, do ponto de vista psicológico.

A consciência, ao emergir do inconsciente, pode ser vista como um ato de criação, como o sol que se levanta do oceano espalhando a sua luz sobre o escuro profundo do inconsciente. À medida que avança na sua trajetória, a consciência tem que lidar progressivamente com as inúmeras polaridades que ela diferencia e que constituem o mundo das experiências que são reveladas pela sua luz. Ao longo do processo de desenvolvimento, essas polaridades devem ser integradas de modo a permitir ao



Fig. 5 - Coroa Vertical
Plumas - século XX (1937)
Índios Aparai.

Fig. 6 - Altar
Madeira - séculos XVII-XVIII.

Fig. 7 - Santa Luzia
Madeira - século XVIII.

ego expandir-se, fortalecer-se e gradativamente perceber e relacionar-se com o Self, o centro da personalidade, no qual as polaridades são reunidas e os conflitos superados (o rosto sereno de *Shiva* no centro da mandala de fogo).

A dança de *Shiva* com suas evoluções e giros em torno do centro imóvel e estável, pode ser comparada ao movimento de centroversão relatado por NEUMANN (1990:209), no qual a totalidade psíquica se organiza em torno do centro organizador da personalidade, o Self. Na primeira metade da vida há um movimento de diferenciação, de ampliação contínua das experiências, que leva a consciência a experimentar a tensão dos opostos, representada pelas polaridades de *Shiva* e sua dança frenética e mutante. NEUMANN (1990:294) aponta que, na segunda metade da vida, a consciência começa a se voltar para o centro, fortalecendo-se e reduzindo a tensão na direção de um equilíbrio, harmonia e estabilidade em meio às mudanças constantes da vida.

A imagem do fogo, que tem forte presença nesse mito de criação, remete-nos a três significados importantes: a luz, como fonte de consciência, pelo seu caráter iluminador, o calor, como elemento dinâmico da emoção que traz vida e ação efetiva ao símbolo arquetípico e o movimento com seu caráter de transformação contínua como a dança. A imagem serena da face de *Shiva* no ponto central da mandala não significa passividade, mas confere estabilidade ao dinamismo dança que se realiza à sua volta, funcionando como o farol que ilumina os caminhos e o porto seguro em meio às tempestades da mudança. Por sua vez, o calor da emoção não está ligado apenas às paixões, que devem ser consumidas pela chama da destruição (mão esquerda superior), mas principalmente ao elemento vitalizante do entusiasmo, no seu significado mais profundo de estar "pleno de Deus", ou, em linguagem psicológica, de estar em contato com o Self.



Fig. 8 – São Miguel.
Madeira, século XVIII.

Fig. 9 – Shiva e Parvati.
Cártaz, cultura popular - séc. XX

Fig. 10 - Linga e cobra-capelo.
Escultura, Lepakshi, Índia - s/d

O Self é descrito de forma mais simples como a divindade empírica interna e equivale à imago Dei [...] ele é expresso por meio de determinadas imagens simbólicas típicas denominadas mandalas. (EDINGER,1995:22)

O círculo de fogo, ou mandala, em torno de *Shiva*, representa a força emanante, profundamente transformadora e extremamente dinâmica, do centro sereno e imóvel de *Shiva* ou do Self, no qual todos os paradoxos se encontram possibilitando a integração da personalidade. " A humanidade como um todo e o indivíduo têm a mesma tarefa, ou seja, realizarem-se a si mesmos como uma unidade." (NEUMANN, 1990:295)

O SIMBOLISMO DO FOGO NO OCIDENTE

O caráter arquetípico do símbolo do fogo pode ser encontrado também na nossa cultura. Pode-se imaginar o advento do Cristianismo como o nascimento de uma nova consciência na cultura ocidental. Os mitos de criação revelam o surgimento da consciência tanto no indivíduo como na cultura. Pode-se ver um paralelo da simbologia do fogo na cultura cristã e indígena nas imagens das figuras 2 a 8.

Na figura 2 temos a iconografia do Espírito Santo nas suas duas formas tradicionais de representação: como pomba e como língua de fogo (Anunciação, Batismo de Cristo e Pentecostes). Como língua de fogo em Pentecostes simboliza a inspiração divina ou o contato com o Self, que modifica o ego.

As figuras 3, 4 e 6 mostram objetos devocionais (ostensório, cruz-relicário e altar), que evocam a mesma energia ígnea emanando do centro onde se encontra o foco do sagrado.

Na figura 5 vê-se um cocar indígena usado em cerimônias de iniciação por dançarinos

e neófitos. Os rituais religiosos fornecem meios de transformar a energia psíquica e esse ornamento mostra a força transmutadora do símbolo como elemento importante para a mudança de consciência na passagem de uma fase para outra no processo de desenvolvimento da personalidade.

Na figura 7 temos a tradicional auréola em torno da cabeça de Santa Luzia, representada como um halo de fogo. Finalmente, na figura 8, vemos uma representação de São Miguel com um movimento corporal dinâmico, lembrando a dança de *Shiva* e, sobre sua cabeça, uma formação que lembra a serpente-capelo, que habitualmente protege as divindades indianas (Figs. 9 e 10).

Para finalizar, ressaltamos que a força das imagens arquetípicas expressa um conhecimento que transcende as barreiras entre poesia, religião e ciência. CAPRA (1993:185) aponta que o mito da dança cósmica de *Shiva* fala também da realidade científica da matéria sub-atômica, envolvendo a base de toda existência e dos fenômenos naturais. A figura 11 ilustra esta fala, mostrando a fotografia de uma descarga elétrica que permite a criação de aminoácidos. Esse processo é o que se imagina esteja na base da criação da matéria orgânica, ou seja, da vida neste planeta. Nas palavras de COOMARASWAMY (1992:66):

Na noite de Brahman, a Natureza acha-se inerte e não pode dançar até que Shiva determine: ele se ergue do seu êxtase, e dançando, envia através da matéria inerte, ondas vibratórias do som que desperta e, veja! a matéria também dança, aparecendo como uma glória que o circunda. Dançando, ele sustenta os seus fenômenos multiformes. Na plenitude do tempo, dançando ainda, ele destrói todas as formas e nomes pelo fogo e lhes concede novo repouso. Isto é poesia e, contudo, também é ciência. ☞

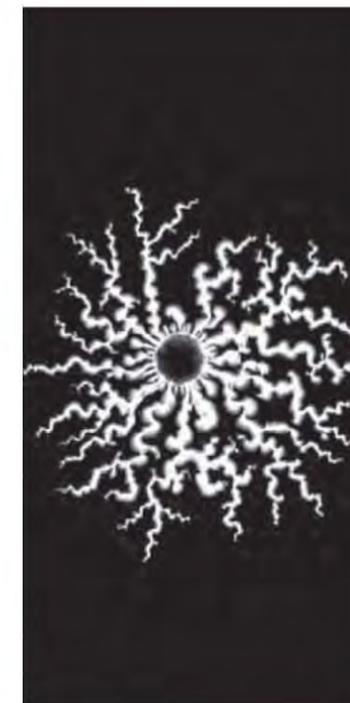


Fig. 11 - Fotografia, LICHTENBERG.

Bibliografia

- CAPRA, F., **O Tao da Física**. São Paulo, Cultrix, 1993.
 COOMARASWAMY, Ananda K., **The Dance of Shiva**. New York, Dover, 1992
 EDINGER, Edward F., **Ego e Arquétipo**. São Paulo, Cultrix, 1995.
 NEUMANN, E., **História da Origem da Consciência**. São Paulo, Cultrix, 1990.
 SHEARER, A., **The Hindu Vision**. London, Thames and Hudson, 1993.
 WATERSTONE, R., **O Espírito da Índia**. Köln, Taschen, 2001
 ZIMMER, H., **Mitos e Símbolos na Arte e Civilização da Índia**. São Paulo, Palas Athena, 1993.

Referência Bibliográfica das Imagens

- O Museu de Arte Sacra de São Paulo**. (1983) São Paulo, Banco Safra, Figs. 2, 3, 4, 6, 7 e 8.
O Museu Paraense Emilio Goeldi. (1986), São Paulo, Banco Safra, Fig. 5.
 MACLAGAN, D., **Mitos de Criação**. (1997), Rio de Janeiro, Del Prado, Fig.11.
 PISCHELL, G., **História Universal de Arte**. Vol. 1 (1966), Milão, Mondadori, Fig. 1.
 WATERSTONE, R., **O Espírito da Índia**. (2001), Köln, Taschen, Figs. 9 e 10.



Palavras Chave:
→ Psicologia
Transpessoal
→ Física Moderna
→ Holismo
→ Psicologia
Analítica
→ Computação
Quântica
→ Energia Psíquica

João Bernardes da Rocha Filho <jbrfilho@puers.br>

- Professor da Faculdade de Física
- Professor do Mestrado em Educação em Ciências e Matemática
- Professor da Especialização em Psicooncologia e da Especialização em Psicologia Junguiana - PUC/RS

Física e Psicologia Transpessoal: Encontros e Desencontros

O artigo apresenta proposições distintivas da Psicologia Transpessoal apresentadas por alguns dos mais destacados autores deste campo, e busca correlações entre elas e fatos, hipóteses e leis da Física Moderna, na busca de indícios de vínculos consistentes ou pontos de conflito, analisados na extensão em que o conhecimento científico permite. O artigo foi escrito sem a pretensão reducionista de validar a Psicologia Transpessoal apenas na medida em que ela seja compatível com as leis conhecidas da Física e, além disso, as (poucas) divergências entre as posições físicas e psicológicas são apresentadas como motivação para que as pesquisas transdisciplinares continuem.

A OPÇÃO TRANSPESSOAL DA PSICOLOGIA

Os teóricos da linha transpessoal da Psicologia têm sido integradores de conhecimentos disseminados nas ciências, religiões e filosofias, e nesse processo têm lançado mão de conceitos da Física no estabelecimento de um referencial e uma linguagem adequada ao seu campo de estudo. Simultaneamente alguns físicos, preocupados em interpretar e dar significado ao conhecimento acumulado sobre a natureza, têm alertado a comunidade científica sobre evidências intrigantes da convergência entre as duas áreas. Este movimento, com características interdisciplinares, envolveu cientistas famosos e tornou-se disseminado em meados do século XX, com o desenvolvimento da Psicologia Analítica, principalmente após Carl Gustav Jung publicar seus estudos sobre sincronicidade, incluindo neles um artigo do físico Wolfgang Pauli, com quem se correspondeu desde 1932 até 1958.

A Psicologia Transpessoal difere de suas antecedentes históricas pela percepção de que há mais do que a história biográfica do indivíduo a influenciar sua situação psíquica, e que estados de consciência diferentes do estado desperto podem ser formas de investigar os conteúdos dessa história expandida, na busca pela cessação dos sintomas dos desajustes. Essa linha de abordagem psicológica tem um caráter holístico, isto é, compreende que deve considerar a problemática humana como tendo uma origem multifatorial, que pode exigir uma clínica igualmente complexa, e tende a encarar a realidade como sendo amplamente diferente do que a trivialidade do senso comum assinala. Algumas destas características envolvem conhecimentos de fronteira da Física contemporânea, e são abordados aqui.

Uma das orientações centrais da interpretação transpessoal é justamente a busca por uma percepção holística, compreendida como necessária em pesquisas levadas adiante no contexto de uma realidade que é intrinsecamente interligada. Essa concepção é tão fundamentalmente associada a transpessoalidade que algumas vezes o próprio adjetivo Transpessoal é substituído por Holístico. A capacidade de conceber holisticamente uma situação é, necessariamente, algo que precisa ser desenvolvido ou despertado no terapeuta por um processo em grande parte incomunicável que mantém semelhanças com uma senda espiritual, onde a razão é apenas uma das referências a seguir. O conhecimento científico dos possíveis mecanismos dessa interconexão é fundamental para que os fatos subjetivos vivenciados nesse processo possam ser adequadamente compreendidos numa extensão que transcende o pessoal. Evidentemente um comportamento holístico, ou uma postura holística, pode ser decorrência da experiência acumulada ao longo da vida, mas um terapeuta precisa ir além desse ponto, caminhando na direção de uma compreensão holística nos poucos anos de sua formação. Para aplicar esse conhecimento na análise da problemática de outra pessoa é preciso ultrapassar a compreensão particular e avançar na direção do outro, o que exige a intermediação de uma teoria, que deve ser construída e apreendida pelo conhecimento.

Não há trajetória linear no desenvolvimento da capacidade de ver além da ilusão da separabilidade, e o terapeuta pode alcançar apenas um sucesso relativo nessa empreitada, pois o desaparecimento completo do engano significaria o fim da busca e o alcançar de um estado de identificação com o todo que provavelmente somente pode ser imaginado nesta etapa da história da vida, como a conhecemos. Felizmente não é necessário que esse estágio definitivo seja alcançado para que o terapeuta consiga

promover situações eficazes para seu assistido, do ponto de vista da melhoria de sua qualidade de vida. Na verdade, a superação completa da dualidade provavelmente implicaria condições ainda inexistentes no contexto humano, de modo que pode ser mais coerente considerá-la um objetivo de longo prazo, o que parece ser benéfico para a manutenção do equilíbrio psicodinâmico, até onde podemos conceber. Talvez por isso a superação em si não deva ser o objetivo intrínseco do ser, pelo menos por enquanto, mas sim a manutenção de um contínuo evoluir nessa direção.

HOLISMO E OS EVENTOS QUÂNTICOS

Do ponto de vista da Física, a realidade interligada subjacente é uma possibilidade plausível desde 1927, quando foram divulgadas as conclusões da reunião de físicos quânticos, em Copenhague. Desde então a noção de que a realidade aparente poderia ser sustentada por um substrato com características holísticas permaneceu como um alvo certo para onde os críticos das interpretações idealistas da Física Quântica puderam dirigir-se sem muito receio. Em 1964, entretanto, o físico irlandês John Bell apresentou uma dedução matemática relativamente simples sugerindo que o argumento da localidade era falso, ou seja, que o mundo não poderia ser simplesmente constituído por coisas reais, unidas por forças reais. A partir de Bell temos uma prova de que a realidade aparentemente local (designação de uma situação onde as causas antecedem os efeitos, e podem ser a ele associadas por elos clássicos ou relativísticos) é mantida por um substrato não-local com características que apontam para uma compreensão complexa do existir. Embora nunca tenha havido consenso entre os físicos sobre o sentido da inequação de Bell, a mensagem é relativamente clara: para que a realidade aparente o que nós vemos, ou seja, aparente ser composta por coisas separadas que se relacionam por forças locais, é necessário que exista um substrato não-local que a mantenha operante. Esse substrato não-local não é óbvio aos sentidos, mas é imprescindível para uma compreensão física precisa da realidade, e conveniente para estender essa compreensão até os fenômenos associados a transpessoalidade.

Alguns anos depois de Bell um físico francês chamado Alain Aspect comprovou a interconexão através de um experimento envolvendo a correlação entre fótons gerados simultaneamente em um evento quântico. Aspect mostrou que a proposição EPR, produzida em 1937 por Albert Einstein, Boris Podolsky e Nathan Rosen, resultava em uma correlação acima da prevista pelas teorias clássica e relativística, compatível com a hipótese de que os fótons produzidos continuavam unidos instantaneamente, apesar de distantes. Desse experimento derivou uma das três premissas básicas da Computação Quântica, denominada *entanglement*, que sustenta que depois da ocorrência de uma interação quântica os entes resultantes mantêm-se de posse de uma informação que somente pode ser recuperada pela reunião dos mesmos. Além disso, outro efeito, denominado Bohm-Aharonov, mostrou que elétrons são afetados por campos magnéticos aplicados em regiões fora de seu campo de probabilidade. Nesse momento os fatos e teorias físicas indicam que existe uma ligação sutil entre partículas quânticas, embora ela seja em grande parte indetectável pelos experimentos do cotidiano.

A não-localidade intrínseca da natureza tanto concorda com a opção holística da Psicologia Transpessoal que o nome dado pelo físico David Bohm a esta realidade subjacente foi holomovimento, que seria o substrato sobre o qual se desenrolam todos os fenômenos físicos, e talvez até os fenômenos psíquicos inexplicáveis pela

“
há mais do que
a história biográfica
do indivíduo a
influenciar sua
situação psíquica
”

“
existe uma ligação
sutil entre partículas
quânticas, embora
ela seja em grande
parte indetectável
pelos experimentos
do cotidiano
”

intermediação de outras abordagens. Como o holomovimento sustentaria a realidade completa, aí incluídas as manifestações biológicas, é compreensível que a percepção de realidade seja mediada pela consciência que, num certo sentido bem explícito, transmite significado a essa mesma realidade. Coincidentemente, a Psicologia Transpessoal pressupõe que cada determinado estado de consciência define uma vivência diferenciada de uma certa realidade relativa, embora exista uma identidade completa, em termos absolutos, entre a realidade inteira e a consciência plena. Em termos simples, a consciência parcial, sujeita à ilusão da separação, vive a realidade de modo compatível com essa parcialidade, enquanto esquece que é precisamente o todo não dividido. Nesse sentido a expressão ilusão se refere a uma percepção parcial a que todos estamos sujeitos, cuja transcendência parece ser um objetivo distante do desenvolvimento do qual a individuação é parte definitivamente importante.

Outra hipótese física que se relaciona com o holismo da Psicologia Transpessoal envolve a questão do colapso da função de onda de probabilidade quântica. Uma interpretação relativa a essa questão é a de que se um evento quântico tem mais de uma possibilidade de ocorrência, ou seja, se ele pode ocorrer segundo diversos caminhos diferentes, cada um deles com uma certa probabilidade, então todos esses caminhos são de fato percorridos, e o resultado aparente é a sobreposição destas probabilidades parciais. O colapso da função de onda corresponderia, assim, à situação provocada pela observação que produz exatamente aquela observação, ou seja, um evento que seria uma espécie de fenômeno resultante das condições do todo. Para que o colapso ocorra precisamente sob uma determinada condição de contorno é necessário que o sistema possua informações de todos os caminhos possíveis para aquele dado evento, coisa que é virtualmente impossível num contexto clássico, pois o número destes possíveis caminhos é, em geral, infinito. Assim, podemos dizer que a ocorrência de um dado evento quântico indica que o sistema dispõe de informações acerca da realidade completa, ou seja, um acesso holístico.

A DUALIDADE E A EXTENSÃO DA CONSCIÊNCIA

A dualidade pode ser compreendida como uma operação artificial da consciência que consiste no estabelecimento de fronteiras conceituais sobre uma realidade que é intrinsecamente única e indivisa. A dimensão sensorial do existir evidentemente contribui para que a consciência estabeleça e confirme a separabilidade, o que pode ser uma contingência dessa etapa evolutiva da vida, de modo que não se trata de negar a dualidade inerente à natureza sensível, já que ela é auto-evidente, mas sim reconhecer que essa percepção se refere apenas a uma parte da realidade. Como vimos, a ilusão consiste em crer que qualquer uma das partes é o todo, e tem uma existência independente dele. Viver essa dualidade é uma contingência, mas crer que a realidade é dual é ilusão.

Existem diversas evidências científicas compatíveis com a hipótese da unicidade envolvendo uma espécie de extensão espaço-temporal dos limites da consciência humana. Os experimentos de J. B. Rhine, na Universidade de Duke, com telepatia e precognição, são exemplos disso, assim como as sincronicidades de Jung e as anomalias de engenharia pesquisadas por Robert Jahn e Brenda Dunne, na Universidade de Princeton. Rhine demonstrou que telepatia e precognição ocorrem mesmo em condições cientificamente controladas, e que envolvem a circulação de informações entre pessoas sensíveis, independentemente da distância em que se encontrem e das blindagens eletromagnéticas que existam ao redor de qualquer

uma delas, ou ambas. O próprio Rhine foi surpreendido ao descobrir que uma falha na correção de fusos horários em um de seus experimentos conduziu a uma antecipação dos resultados que seriam obtidos aleatoriamente em um determinado evento posterior. Esses experimentos históricos de Rhine demonstraram que os fenômenos mentais estudados não tinham relação com qualquer trânsito energético, pois independiam da distância, de blindagens, e até do tempo, o que é plenamente compatível com a unicidade, na atemporalidade que lhe é característica intrínseca.

Jahn e Dunne, por outro lado, bem mais recentemente, demonstraram que pessoas conseguem alterar o funcionamento de máquinas e o resultado de eventos supostamente aleatórios pela simples ação da vontade, de um modo que pode ser interpretado como um sinal de que os limites entre o pensar e o fazer são indefinidos e flexíveis. Claro que qualquer fenômeno pode ser explicado de muitas maneiras, conforme a teoria explícita (paradigmática) ou os pressupostos implícitos (superparadigmáticos) do pesquisador, mas essas anomalias de engenharia se encaixam perfeitamente na hipótese transpessoal de que os limites corporais se estendem para além do corpo físico. Do ponto de vista da Física, entretanto, parece mais simples a hipótese holística de que não há separação real entre o ser e a máquina, e por esse motivo as atuações ocorrem aparentemente à distância, ao invés de postular a existência de um sistema de corpos sutis que intermediariam tal ação. Mas ambas as posições são compatíveis com os fatos.

Escapando um pouco dos resultados da Física, mas permanecendo ainda dentro do âmbito da lógica, nenhum sintoma da inexistência de limites é mais chocante do que as sincronicidades. Sabemos que embora os sentidos sintam os fatos da realidade externa, somente percebemos como tais os eventos que possuem contrapartida interna ao eu. Dizendo de outra forma, embora os sentidos sejam estimulados, aquela realidade não vem à consciência porque não existe na consciência. Isso é um modo de compreender como conseguimos coordenar a complexa e extensa rede de sensores biológicos, basicamente ignorando ou integrando inconscientemente seus sinais, que chegam ao sistema nervoso em grande quantidade. Aplicando esse conhecimento às sincronicidades podemos chegar à conclusão de que o mundo externo ao eu produz situações que claramente fazem sentido ao eu, mas isso é um contra-senso desde uma perspectiva dualista. Como o sentido poderia ser externo, já que isso é uma prerrogativa totalmente mental? Ora, as sincronicidades são plenas de sentido e vêm do mundo externo, e um modo coerente de compatibilizar esses dois conhecimentos é admitir que não há separação entre os mundos interno e externo no que toca ao eu, ou seja, que não há limites reais para a consciência. Desde essa perspectiva torna-se evidente que as experiências transpessoais e os níveis de consciência já sistematizados são simplesmente conseqüências da inexistência de limites objetivos para a consciência.

O teórico da Psicologia Transpessoal que mais tem se aproximado dessa percepção de realidade e consciência é Ken Wilber, pois seu trabalho intrinsecamente integrativo aponta na direção de um espectro contínuo da consciência, que consegue ser uma síntese bastante aperfeiçoada dos trabalhos de Stanislav Grof e outros. Wilber, entretanto, tem salientado que o caminho místico e o caminho científico são distintos, e que através da ciência não se poderá confirmar ou refutar a veracidade de afirmações místicas. Nesse ponto específico talvez seja preciso lembrar que ambas as abordagens são legítimas e necessárias, espelham capacidades inatas do eu, e

“
Viver essa dualidade é uma contingência, mas crer que a realidade é dual é ilusão
”

“
os limites corporais se estendem para além do corpo físico
”

que nenhuma delas deve ter prevalência sobre a outra, ou estaremos gerando uma radicalização tão negativa quanto tem sido o cientificismo. O próprio Wilber afirma que transitar por estados de contemplação onde você percebe sua não-dualidade em relação a todas as coisas não é o objetivo máximo a ser alcançado, mas sim o reconhecimento desse eterno entrelaçamento do qual nem sequer podemos fugir. E a ciência tem ajudado muitos cientistas a reconhecer a não-dualidade, além de ajudar as pessoas em geral a viverem mais e melhor, de modo a terem tempo para reconhecer isso. Não se trata de negar ou confirmar afirmações místicas, mas sim de obter o máximo de informações acerca da realidade, de todas as perspectivas possíveis.

A QUESTÃO ENERGÉTICA E VIBRACIONAL

Alguns teóricos da Psicologia Transpessoal, assim como místicos em geral, têm utilizado a expressão energia de uma forma bastante pródiga, com um significado complexo e muito diverso do sentido original da Física, o que gera contradições irreconciliáveis que prejudicam a compreensão da mensagem que querem transmitir. E não se trata apenas de uma mesma palavra com sentidos distintos porque muitas das pessoas que usam essa expressão de forma equivocada fazem alusões explícitas à Física, utilizando-a como sustentação para as suas teses.

Existem motivos consistentes que nos fazem crer que grande parte das referências à energia, feitas no contexto deste artigo, na verdade envolvem uma quantidade física não-energética, pois somente essa poderia responder pelo comportamento identificado nos fenômenos transpessoais de natureza mental. Alguns desses motivos são:

a) existem provas fortes provindas da Física, reconhecidas por pesquisadores respeitados e referenciados pelos mesmos que utilizam esse conceito ampliado de energia, de que fenômenos de caráter mental operam de modo incompatível com qualquer entidade de natureza energética. Dois dos que declararam literalmente essa postura são J.B. Rhine e Rupert Sheldrake;

b) crer num caráter energético subjacente a fenômenos mentais é equivalente a crer que esses mesmos fenômenos podem ser explicados completamente dentro da materialidade, pois sabemos que energia e matéria são correspondentes e intercambiáveis. Embora possamos compreender holisticamente mente, matéria e energia, cada uma delas caracteriza aspectos próprios da realidade, e atribuir a uma as propriedades da outra não ajuda no esclarecimento do funcionamento da realidade;

c) utilizar palavras equivocadas conduz a mais enganos, numa cadeia erros que prejudica o desenvolvimento de pesquisas que partem de um pressuposto energético subjacente e pretendem chegar a resultados que são puramente não-energéticos. É um caminho sem saída, com pouquíssimas chances de sucesso em acomodar resultados compatíveis com as vivências transpessoais. Insistir nisso representa retardar o desenvolvimento de uma compreensão maior e mais extensa do fenômeno mental;

d) alimenta um confronto desnecessário com físicos de setores mais tradicionais que vêem como inadequada essa utilização modificada de um conceito bem estabelecido da Física, ao mesmo tempo em que dispara um bloqueio anticientífico em alguns pensadores da Psicologia Transpessoal, que vêem a posição desses físicos como uma ingerência prepotente e descabida.

A opção pela descrição energética de fenômenos mentais decorreu da associação de diversos fatores, entre os quais uma interpretação moderna e simplificada de elementos constitutivos de filosofias orientais, como a loga, na qual os chakras seriam centros energéticos relacionados com a circulação da kundalini-shakti, e o Feng-Shui, no qual o fluxo de um fluido denominado chi, geralmente compreendido como uma energia, determina a salubridade das edificações. Além disso, a disseminação de bens de consumo elétricos, o sucesso do paradigma energético clássico-relativístico, o desenvolvimento do estudo das radiações e, posteriormente, a vulgarização da energia nuclear e os percalços da indústria petrolífera, trouxeram a palavra energia para os jornais, de modo que desde o final do século XIX essa expressão passou a fazer parte do cotidiano das populações ocidentais. Escrever utilizando termos científicos, como energia, pode ter parecido um recurso atraente para escritores que se dirigiam a uma população que começava a se acostumar com a velocidade crescente dos avanços tecnológicos derivados de resultados científicos. Apesar disso, ainda hoje não sabemos exatamente o que é energia física, algo definido em termos daquilo que julgamos existente num determinado sistema quando esse mesmo sistema é capaz de produzir algum trabalho físico. Entretanto uma confusão fundamental é cometida ao se atribuir à energia capacidades tipicamente mentais ou antropomórficas, que ela obviamente não possui.

Evidentemente sempre podemos associar uma certa energia à manifestação de qualquer fenômeno, seja ele mecânico, elétrico, químico ou mental. Mas no caso mental essa energia é necessária apenas para que o pensamento torne-se manifesto, e nada pode auxiliar na solução da questão fundamental de sua origem. Um pensamento, por exemplo, pode ser traduzido em palavras que serão ditas por intermédio da voz, na forma de ondas sonoras, ou que serão impressas, como nesta folha. Todas essas manifestações são materiais e, por conseqüência, energéticas, mas não se pode dizer o mesmo da origem das idéias. Embora o cérebro consuma uma grande quantidade de energia química para manter-se operante, essa energia é tão inteligente quanto a energia química de uma bateria de automóvel ou de um explosivo plástico. A intenção de quem determina o uso da energia para manifestar um pensamento, dirigir um automóvel ou explodir um trem, é que possui um caráter construtivo ou destrutivo. Não existe energia boa ou energia má. Assim, esse caráter usualmente atribuído à energia tem que ser compreendido como um fenômeno mental anterior a ela, e superior também, pois é capaz de direcioná-la produzindo pensamentos, movimentos ou explosões.

Rhine demonstrou que fenômenos de percepção extra-sensorial se comportam de modo claramente não energético, e Jung sabia desses resultados e imaginava que a questão psicofísica estava longe de ser esclarecida em sua época. Mesmo assim é provável que Jung tenha permanecido usando a expressão energia psíquica, que ele aprendeu de seus professores, porque não existia em sua época nenhuma outra que pudesse substituí-la adequadamente no contexto mental. Mais do que isso, inventar novas palavras para um conceito antigo, ensinado há décadas, pode não ter parecido muito cauteloso. De qualquer modo Jung deixou claro que acreditava que eventualmente a energia psíquica poderia ser incluída no contexto das ciências exatas, embora ele mesmo desconfiasse que essa inclusão dependia de um estudo profundo no qual ele não desejava lançar, na ocasião. Parece claro que lhe faltava um conceito mais apropriado, o que o fez permanecer utilizando a expressão energia

“
o objetivo máximo
a ser alcançado [é o]
reconhecimento
desse eterno
entrelaçamento do
qual nem sequer
podemos fugir
”

“
esse caráter
usualmente atribuído
à energia tem que
ser compreendido
como um
fenômeno mental
anterior a ela
”

psíquica, ainda que em termos provisórios.

Fora do ambiente da Física, Rupert Sheldrake elaborou uma teoria que o tornou popular nos meios acadêmicos, na qual propõe a existência de formas mais ou menos estáveis que determinariam a especialização de cada célula dos seres vivos, ou seja, determinariam quais das instruções gravadas no DNA seriam ativadas naquele determinado conjunto de células embrionárias. Em síntese, uma semente de girassol produz girassóis porque se identifica com um campo morfogenético dos girassóis. Esse campo, segundo Sheldrake, é similar aos campos elétricos, magnéticos e gravitacionais, que somente podem ser identificados pelos seus efeitos, mas nunca diretamente, havendo uma diferença fundamental: são campos não-energéticos. Ele percebeu que os campos morfogenéticos não poderiam ser materiais ou energéticos porque estão difundidos e ao alcance de qualquer ser vivo, sem que sua intensidade decaia com a distância (ao contrário dos campos físicos).

De modo semelhante ao que aconteceu com o termo físico energia, palavras tipicamente associadas à descrição de fenômenos ondulatórios vêm sendo usadas na teorização de procedimentos ligados a terapias alternativas, em parte por analogia com os usos terapêuticos ou diagnósticos das ondas eletromagnéticas e mecânicas, e também porque cores, sons e partículas atômicas têm associação direta com certas frequências. Como a medicina usa raios X, ultrassom, microondas, e mais um grande número de aparelhos e técnicas que envolvem frequências, esse conceito é muito atrativo. Por outro lado, o cérebro produz ondas elétricas detectáveis que possuem frequências associadas a determinados estados da consciência. Embora nesse caso o conhecimento científico seja pequeno, é provável que algumas das referências e associações feitas aos fenômenos repetitivos sejam válidas, no sentido de que vibrações mecânicas, sons e luzes oscilantes podem acelerar o estabelecimento de estados alterados de consciência, com a conseqüente alteração mensurável na frequência das ondas cerebrais.

Por tudo isso parece evidente que precisaríamos de um novo conceito que fosse superior ao da energia, capaz de compatibilizar os fatos com a teoria, e que fosse mais coerente com os conceitos orientais, sem as contradições geradas pelo contexto mental em que se inserem as afirmações psicológicas. Talvez uma palavra relacionada com o conteúdo da mente, ou seja, com a informação, seja mais adequada. Um universo mental seria, então, compreendido como um universo informacional.

A NATUREZA MENTAL DO UNIVERSO

Quando unimos as constatações da Psicologia Transpessoal com o que aprendemos da Física Moderna é possível construir vários modelos de universo, e em muitos deles o papel da informação parece ser central. Sendo a informação o conteúdo da mente, decorre que nesses modelos o universo possui um caráter eminentemente mental, ou seja, num sentido bem amplo podemos dizer que universo é mente. As pesquisas que resultaram na criação das primeiras portas lógicas quânticas, as sementes dos futuros computadores quânticos, sugerem que a informação pode ser considerada uma grandeza física como qualquer outra. Estes mesmos estudos mostraram que, em tese, um computador ideal poderia processar e armazenar uma quantidade ilimitada de informações sem desperdiçar entropicamente qualquer energia, o que ocorreria somente se houvesse necessidade de apagar da memória um certo dado de entrada ou de processamento. Como os fenômenos naturais tendem

a ocorrer de modo a minimizar o gasto de energia, podemos dizer que, na medida em que o universo pode ser comparado a um supercomputador quântico, provavelmente haveria retenção de todas as informações nele contidas, de modo que seria possível seguir um processamento em qualquer sentido, descobrindo seus desdobramentos e sua origem. A informação poderia ser considerada o tijolo fundamental do universo, a partir do qual todos os demais fenômenos são gerados.

Num universo mental as sincronicidades, as memórias arquetípicas, o inconsciente coletivo e todos os fenômenos holísticos para os quais a Psicologia Transpessoal chama atenção seriam simples decorrências da unicidade da mente. Uma consciência isolada seria uma fixação num certo conteúdo informacional localizado, ou um subprograma do processamento global, com uma individualidade apenas relativa. Nesse universo interligado certas doenças mentais poderiam ser compreendidas como falhas no processo de identificação de memórias ou interpretação da realidade, e os campos morfogenéticos propostos por Sheldrake seriam subrotinas de processamento de lote. O holomovimento proposto por David Bohm seria outro nome para esse mecanismo de geração de realidade mental, as leis físicas seriam constantes em torno das quais os fenômenos ocorrem, e assim por diante.

CONCLUSÕES

Ainda não existem proposições teóricas consistentes (com possibilidade de comprovação e refutação) sobre a natureza mental do universo, mesmo porque essa hipótese recebeu apenas recentemente o reforço da Computação Quântica, mas é possível que existam meios de identificar propriedades indiscutivelmente mentais que poderiam ser procuradas no mecanismo de geração da realidade. Isso somente pode ser obtido pelo esforço conjunto de pesquisadores com trânsito transdisciplinar, pois será necessário o desenho de pesquisas capazes de gerar respostas de valor para todas as ciências, em conjunto, e principalmente capazes de abandonar preconceitos e olhar com olhos de aprendiz para as lições trazidas da ciência, da filosofia e da religião. De certo modo chega a ser deprimente ter que dizer isso a profissionais de qualquer área, porque uma postura criticamente aberta e receptiva deveria ser a regra num meio onde transitam pessoas esclarecidas, mas ainda existem teóricos que separam conhecimentos e delimitam espaços, construindo barreiras que contribuem para a manutenção de poder e prestígio pessoal, num momento em que há indícios claros de que a superespecialização falha, e que somente uma visão verdadeiramente holística pode contribuir para a compreensão da vida e do universo. ☒

Bibliografia

- BRANDÃO, D. M. S. et al., **O Novo Paradigma Holístico**. São Paulo, Summus, 1991.
CREMA, R., **Introdução à Visão Holística**. São Paulo, Summus, 1989.
GROF, C. et al., **A Tempestuosa Busca do Ser**. São Paulo, Cultrix, 1990.
GROF, S., **Além do Cérebro**. São Paulo, McGraw-Hill, 1987.
ROCHA FILHO, J. B., **Física e Psicologia**. Porto Alegre, Edipucrs, 2003.
TABONE, M., **A Psicologia Transpessoal**. São Paulo, Cultrix, 1993.
WEIL, P., **Nova Linguagem Holística**. Rio de Janeiro, Cepa, 1987.
_____, **As fronteiras da Evolução e da Morte**. Petrópolis, Vozes, 1989.
_____, **A Morte da Morte**. São Paulo, Gente, 1995.
WILBER, K., **Uma Breve História do Universo**. Rio de Janeiro, Nova Era, 2001.

“
num sentido bem
amplo podemos
dizer que universo
é mente
”

“
ainda existem
teóricos que separam
conhecimentos e
delimitam espaços...
num momento em
que há indícios
claros de que a
superespecialização
falha
”



Palavras Chave:
→ Memória
Corporal
→ Inconsciente
→ Arte
→ Relaxamento

Irene Arcuri <iarcuri@uol.com.br>

- Psicóloga Clínica de Orientação Junguiana
- Doutoranda em Psicologia Clínica - PUC/SP
- Mestre em Gerontologia
- Especialização em Práxis Artísticas e Terapêuticas pela Faculdade de Medicina - USP
- Arte Terapeuta
- Docente e Supervisora de Estágio do Curso de Pós-Graduação Lato-Sensu Alquimic Art
- Pesquisadora do NEPE/SP do grupo "Contemporaneidade e Velhice: Espaço Urbano, Identidade e Memória" - PUC/SP

Técnicas Expressivas Coligadas a Trabalho Corporal

Este artigo descreve as técnicas expressivas coligadas ao trabalho corporal, como uma contribuição à ampliação do entendimento e do desenvolvimento de uma outra via de acesso à psique humana.

Les Bijoux Indiscrets.
René Magritte, 1963.

Chamarei de técnicas expressivas coligadas a trabalho corporal ao conjunto de atividades que proponho com a finalidade de investigar as marcas do corpo, bem como as suas memórias.¹

Lallery (1988) assinala que a memória, ou seja, o registro de nossa história feito pelo sistema límbico, mais especialmente pelo hipocampo, daquilo que temos vivido, efetua-se sempre. *"(...) mas essa faculdade mnêmica de nada servirá se a reconstituição de nosso passado, com suas aquisições não puder ressurgir no momento em que necessitamos dela. (...) O comportamento do adulto que envelhece vai, então apoiar-se sobre um tripé: aquisições antigas, reconstituições e finalmente, motivação."* (Lallery 1988: 29)

Durante a minha prática em psicologia clínica e docência pude observar que meus analisandos de idades variadas lidavam com o tempo cronológico e interno de forma diferente. Às vezes pareciam ficar de certa maneira presos a situações passadas de modo que o presente não era experimentado em sua plenitude e o futuro nem sequer era visualizado. Muitas vezes experiências ocorridas no passado, como por exemplo uma cirurgia ocorrida há anos atrás, são experimentadas como se tivessem acabado de acontecer, ou uma experiência vivida por um antepassado podia ser sentida como sendo uma vivência interna. Chamarei estas marcas no corpo de memória corporal, pois me parece que, independente do tempo e do espaço, certas experiências ficam congeladas e são registradas como se ainda estivessem acontecendo.

Muitas vezes um toque corporal, um relaxamento, um *pranayama* (técnica respiratória), aliado a uma atividade artística, como o desenho, pintura ou modelagem, ou seja, as técnicas expressivas coligadas ao trabalho corporal, faz com que as memórias corporais reapareçam trazendo muitas lembranças passadas. Neste sentido, a memória também está presente em nosso corpo, transcendendo o tempo e o espaço. Na população idosa, estas marcas me parecem ser mais fortes, pois há uma emergência em resgatar e em transformar aquilo que, em termos de experiência de vida, ficou estagnado, para que possa fluir, ter um desenvolvimento, uma resiliência. Resiliência é um termo inicialmente emprestado da física, mas que, na literatura psicológica surgiu associado a pessoas que, tendo passado por experiências fortes, como a dos campos de concentração na Segunda Guerra Mundial, podem não apenas sobreviver, mas também atingir uma qualidade de vida satisfatória após esse período.

Acredito que o ser humano tem a capacidade de estar em desenvolvimento sempre, independente de idade, sexo, religião, cultura. Bergson (1999: 203) afirma: *"Nosso corpo, com as sensações que recebe de um lado e os movimentos que é capaz de executar de outro, é portanto aquilo que efetivamente fixa nosso espírito, o que lhe proporciona a base e o equilíbrio. (...) A atividade do espírito ultrapassa infinitamente a massa das lembranças acumuladas, assim como essa massa de lembranças ultrapassa as sensações e os movimentos do momento presente."* Por isto as técnicas expressivas coligadas ao trabalho corporal foram importantes, pois permitem acessar o universo invisível que nos impulsiona ao entendimento do visível.

1. Este texto é parte da dissertação de mestrado em Gerontologia PUC/SP 2002 intitulado: "Memória Corporal: Simbolismo do Corpo na Trajetória da Vida sob orientação da profa. Dra. Elizabeth Mercadante.

Para Dethlefsen (1997), o valor de uma pintura não reside apenas na qualidade da tela e das tintas; os recursos utilizados para o ato de pintar são meios que permitem a expressão da pintura interior do artista. A tela e as tintas possibilitam a visibilidade do invisível, sendo, pois, a materialidade de um conteúdo metafísico. As técnicas expressivas coligadas ao trabalho corporal possuem como diretriz uma seqüência básica preparada de forma a garantir uma organização.

No começo há a sensibilização, realizada por meio de técnicas respiratórias. A respiração é uma das funções mais importantes do nosso organismo e está intimamente ligada ao estado emocional. Nascermos e a respiração foi o nosso primeiro ato voluntário; podemos dizer, então, que nascemos com uma respiração, assim como será a última coisa que faremos ao morrer. Ao modificar o ritmo respiratório, obtém-se uma modificação no estado emocional, há uma interiorização, uma introspecção, uma escuta de si mesmo.

Gaiarsa (1994: 18) afirma que: *"A maioria dos homens não percebe que faz algum esforço para aspirar o ar que respira. A impressão ingênua - se os interrogarmos - é a de que o ar entre neles por força própria 'sozinho'. A respiração é o nosso automatismo mais antigo e o mais freqüente, por isso ela é nossa ação mais inconsciente, mesmo quando esteja sempre ocorrendo."*

Ao prestar atenção à respiração, tornamos conscientes os aspectos de nossa personalidade que podem estar inconscientes; por exemplo a ansiedade, ou a agitação. Há então uma possibilidade de acessarmos certos níveis de nosso ser. Os yogues hindus desenvolveram a prática do *pranayama* - que são exercícios respiratórios destinados a ampliar e a refinar a percepção e o controle da nossa respiração, isto é, o desenvolvimento de nossa relação com o ar. A filosofia yogue considera que a respiração é o primeiro ato natural do homem ao nascer - inspirar profundamente, iniciando os processos metabólicos que lhe sustentam a vida. Por outro lado, ao abandonar a existência física, sua última atividade consiste em expirar pela última vez.

Dessa forma, segundo esta visão entre o nascimento e a morte, o que realmente se passa com relação à vida física é uma série ininterrupta de respirações. Para Miranda (1979: 61): *"(...) Tudo mais é secundário e não se realizaria se não fora o simples fato de respirar. (...) A imensa gama de conquistas humanas, em todos os terrenos desde a mais ínfima atividade até as mais notáveis vitórias da cultura, da arte e da ciência, são meras conseqüências do ato respiratório. Sem ele a mente não funcionaria, os sentidos não cumpriram sua missão, a sensibilidade deixaria de existir, a vida se extinguiria e nada mais teria valor, sentido ou expressão para o ser humano."*

Gaiarsa (1994: 24) fala que a psicanálise não descobriu o valor psicológico da respiração, mas que coube a Reich inserir a respiração no contexto da psicologia. Ele diz: *"Qualquer ativação da couraça muscular do caráter envolve sempre uma inibição respiratória. Esta fórmula básica, que ele desenvolveu de forma não sistemática. Ex. a atitude do orgulhoso o impede de exalar o ar até o fundo; o depressivo (tronco inclinado, ombros caídos) não consegue expandir o tórax adequadamente. Por ter um efeito tão profundo, tanto na personalidade como no organismo como um todo, muitas vezes as práticas respiratórias não são aceitas pelas pessoas, pois*

“
certas experiências
ficam congeladas
como se ainda
estivessem
acontecendo
”

“
A maioria dos
homens não percebe
que faz algum
esforço para aspirar
o ar que respira
”

podem nos remeter ao cerne de questões emocionais ainda pendentes de solução. É com a respiração profunda que se pode apreender o sentido e a realidade vivida."

Para Gaiarsa (1994:24): "... Um dos meios de influir sobre o nível de energia da personalidade é a respiração. Quando se hiperventila o pulmão, o id ganha forças e invade a musculatura, a fim de mover a pessoa na direção do desejo. (...) Paradoxalmente, o que se observa em clínica, na maior parte das vezes em que se solicita hiperventilação, é uma intensificação da inibição – acentuação de um ou mais elementos (anéis) da couraça muscular do caráter. Pode-se, pois, manipular mais ou menos o nível energético da personalidade, influenciando sobre a respiração."

Em Gênesis, temos: "e Deus soprou-lhe o sopro divino...". Fazendo uma analogia com Gênesis, dizemos que o bebê ao nascer, ao fazer a transição da vida uterina para a pós-uterina, é tomado pela alma na respiração. Ao cortar o cordão umbilical, ele passa a depender da respiração para viver. No futuro, quando nos depararmos com situações difíceis que nos fazem sentir medo, suspendemos automaticamente o fluxo respiratório, ainda que por poucos segundos, em uma tentativa regressiva de voltar ao ventre materno. Iyengar (1980: 184): "A taxa respiratória normal é de quinze inspirações e expirações por minuto. Esta taxa aumenta quando o corpo é perturbado por indigestão, febre, resfriado, tosse, ou emoções: medo, raiva. A taxa normal de respiração é de 21.600 inspiração e expirações a cada 24 horas. O yogue mede sua vida não pelo número de dias, mas de respirações. Como a capacidade respiratória é ampliada pelo pranayama, sua prática leva à longevidade."

Voltando à constituição do método que cunhei de técnicas expressivas coligadas ao trabalho corporal, em um segundo momento propomos uma intervenção por intermédio do relaxamento. Para Pethő Sándor (1982: 05 e 10): "O relaxamento é um método de acondicionamento psico-fisiológico, abrange inúmeras técnicas... o relaxamento pode figurar, como terapia central, como procedimento paralelo a qualquer outra forma de terapia ou como coadjuvante, antes paliativo em casos da medicina clínica, especialmente na gerontologia. (...) A tensão vivida pelo homem moderno é decorrente de sua própria produção, portanto passível de modificação ... assim tensão e distensão representam polaridades que se estendem desde a categoria biológica até a anímica-espiritual."

Neste primeiro contato, o sujeito pode se abrir a uma nova experiência e a redimensionar o seu olhar para o ser e o estar no mundo. A escolha do relaxamento é importante por contribuir para esta "quebra" do estado anterior. Para Sándor (1982: 06): "O relaxamento ocupa posição de destaque, naturalmente, porque pela comutação dos processos fisiológicos, de suas autoregulações, ritmos, 'memórias', reagentes e coordenações, retroage sobre a afetividade, alterando de modo intenso, também as reações da personalidade. O resultado será, além do descanso, o 'desatar' interno, a introspecção e a reprodução construtiva das antigas vivências, atingindo-se, assim, novas coordenações e estruturas psicobiológicas."

Sendo assim, o desatar interno propiciado pelo relaxamento e a introspecção que ele permite, aliadas às práticas de modelagem em argila, ao desenho e à pintura que permitirão a reprodução de antigas vivências que podem estar imperceptíveis, não permitindo novas coordenações ou novas estruturas psicobiológicas.

Retomando os procedimentos que constituem as técnicas expressivas, falaremos primeiro sobre a argila. Como procedimento metodológico para investigação do corpo, introduzimos a prática de modelagem em argila e, desta forma, trabalhamos a expressão mais especificamente das mãos. A utilização deste material faz com que uma nova linguagem possa emergir, provoca a precipitação de níveis inconscientes para o consciente e uma interação entre eles. Ao modelar o barro, as pessoas entram em contato com o material inconsciente da psique, transformando-os em produções que expressam suas vivências internas. As produções poderão refletir as imagens de experiências carregadas de afeto e que muitas vezes são impedidas de se expressar pela censura do ego. "O gesto que cria exerce uma ação contínua sobre a vida interior. A mão arranca o tato de sua passividade receptiva, ela o organiza para a experiência e para a ação. Ela ensina o homem a se apropriar da extensão, do peso, da densidade do corpo. Criando um universo original, deixa em todo ele a sua marca. Mede forças com a matéria, que transforma, e com a forma, que transfigura. Educadora do homem, ela o multiplica no espaço." (Focillon, 1983: 156)

A argila proporciona a vivência simultânea dos quatro elementos da natureza – ar, água, fogo, terra, possibilitando a criação, gestando vida, rompendo com a inércia, "... quando em certos pedaços de barro, ele consegue achar sombras vivas que se movem e tudo o mais que for necessário para simbolizar os seus medos profundo, o cotidiano de sua vida em comum com os restos dos mortais, quando encontra a criança escondida na angústia da adolescência e da idade adulta (...) e modela o que capta para além da aparência." (Gouveia, 1989: 56)

Ao modelar o barro, podem ser detectados os sofrimentos que marcam toda a vida inconsciente que necessita ser vivida. Ao tomar contato com o barro, o homem estabelece uma relação dialética, ele cria e ao mesmo tempo é criado. "Na relação dialética que acontece entre a matéria e o indivíduo, o momento criativo produzirá algo concreto que testemunhará o novo, o produto, a imagem concreta da emoção; a arte como testemunha do si mesmo." (Gouveia, 1989: 60).

É bíblico o fato do homem ser moldado a partir do barro (...Deus fez o homem à sua imagem e semelhança). Esta valorização do elemento terra traz à tona as questões ligadas ao feminino e aos mistérios da criação. Gouveia (1989: 58) afirma: "Todas as suas riquezas internas do momento são arremessadas ao exterior e os signos do mundo interno, o desenho e a fenda que há no objeto criado, possuem tanto sentido quanto os sonhos que revelam sua alma. Assim, a água amolece a argila, que exposta ao ar e ao calor das mãos do analisando dá forma a algo de dentro dela mesma, e do analisando e no sol do barro a solidez perdida e partida da mente..."

Sendo assim, a escolha da argila como material para a prática das T.E.C.T.C.² é importante, pois proporciona tanto uma experiência tátil quanto cinestésica, além de promover a manifestação ativa dos processos internos mais primários. Pessoas muito distanciadas do contato com seus sentimentos e que continuamente bloqueiam sua expressão, geralmente estão fora de contato com seus sentidos.

2. Técnicas expressivas coligadas ao trabalho corporal – termo que criei para designar os procedimentos que se utilizam de arte, trabalho corporal etc.

“
O relaxamento
é um método de
recondicionamento
psico-fisiológico
”

“
Ao modelar o
barro, as pessoas
entram em contato
com o material
inconsciente
da psique
”

DEPOIMENTO DE UMA SESSÃO DE T.E.C.T.C – USO DE ARGILA

Nicole tem 55 anos, é de origem francesa, teve um câncer de mama em 1993, depois novamente em 1998 e atualmente está em tratamento com câncer no cérebro e na coluna, na região lombar. Nicole relata sua experiência de percepção do corpo que foi tecendo, mediada pela arte terapia. Nicole tem câncer pela terceira vez. Ela diz: *"Eu preciso exprimir alguma coisa. Essas coisas saem através da argila. Batendo o barro, começo a perceber um volume, mais ou menos, então surge a forma espontaneamente do que vou modelar. Quando olho a seqüência percebo as coisas endurecidas: 1) Duas cabeças; 2) tumor na coluna; depois as peças estavam relaxadas e felizes, confiantes. Fico fazendo esculturas e durante o processo não sinto dor na coluna, é como se ao fazer escultura toda tensão do corpo é tirada. Realmente é uma descoberta para mim. Fico duas horas sem perceber o tempo.*



“
Cada coisa que consigo fazer é um espaço que encontro para a liberdade

”

Fazendo as peças não sinto ansiedade nem impaciência. Faço no meu ritmo. Cavar, reformar, sem pressa, sem ferramenta, meus dedos se transformam em ferramentas. Nunca pensei que pudesse tirar as imagens de mim. Fiquei três meses sem poder mexer a coluna. Foi difícil aceitar isso. Talvez por isso as minhas peças de argila têm movimento. Agora eu estou recuperando a capacidade de movimento, mas ainda não posso girar, ou abaixar, ajoelhar. Não posso deitar de barriga para baixo. Até hoje é impossível, pois tenho tumor na cabeça, fêmur, tumor lombar. Não posso fazer rotação. Abaixar para frente. Cada coisa que consigo fazer é um espaço que encontro para a liberdade.

Às vezes tenho lembrança do movimento natural. Movimento-me como antes, as dores vêm, não posso fazer movimentos instintivos, pois dói. Mas sinto a cada semana um progresso. Então, ao modelar mulher grávida sentia que precisava fazer uma mulher ajoelhada. Eu não vi como uma postura provocante, mas carinhosa, minha nora está grávida. Quando eu bati a argila, a última batida ficou com barro vertical. A primeira coisa que saiu foi a barriga. E o resto eu fui arrumando ao redor da barriga. As proporções estão bem melhores do que no início e eu consegui sem dificuldade. Ontem, por exemplo, eu consegui fazer proporção e o movimento músculo, articulação, sob o pé; o homem não é simétrico. Veja, temos um lado do corpo diferente, todo mundo tem diferença. As mulheres às vezes têm um seio maior que o outro, os olhos às vezes são mais abertos de um lado.

Depois, na escultura das duas cabeças eu quis expressar minha percepção da duplicidade. Durante muitos anos fui presa do passado, pensei que estava superando, mas na escultura a cabeça que representa o passado é ainda maior do que o presente. Acho que encontrei uma maneira de vomitar esse passado através das mãos.

(Neste momento o tempo vira, começa uma ventania com chuva e Nicole tem recordações): Nasci na beira do mar. O vento tem barulho, sinto cheiro quando vai ventar. Na minha família existe um peso que é passado dos antepassados para os descendentes. Meu irmão caçula está com problemas de fígado (a um passo do câncer). Ele é calado, fica o dia todo calado. Éramos amigos e confidentes, mas quando eu tive câncer de mama ele se afastou. Então ele é calado, guarda tudo dentro dele; ele engordou muito para conter a raiva. Eu falei para ele tomar um outro caminho para se libertar da raiva. Minha mãe é só sofrimento e ela transmite esse sofrimento o tempo todo, para os filhos e para os netos. Ninguém consegue estabelecer uma ligação serena com ela. Cada um que vai encontrá-la volta decepcionado, revoltado. A relação é só conflito. E ela faz questão de só dividir o sofrimento. Os netos, por exemplo, não agüentam mais. Eu sei agora que não estou mais presa. Já percebi nos últimos telefonemas. Ela não tem mais o poder de me segurar ao falar de coisas negativas. Estou fora disso. Percorri um longo caminho para me libertar do peso da minha sogra e agora também da minha mãe. Não sou mais uma refém.

Meu irmão é dez anos mais novo do que eu, ele é meu afilhado. Ele foi o oitavo filho de uma mãe. Meu pai tinha 58 anos quando ele nasceu. Eu fiquei muito orgulhosa de ser madrinha dele, tínhamos um bom relacionamento, depois que eu casei, nós o apoiávamos muito em sua vida, no seu trabalho. Mas quando fiquei com o primeiro câncer, ele sumiu da minha vida. Ele sempre precisava de nós, e na hora H ele fugiu. Para mim foi muito difícil entender e agüentar. Eu sarei. Voltei a encontrá-lo, mas sentia que ele ficava longe mentalmente.

Quando tive o segundo câncer ele não aparecia. Pouco a pouco ele voltou a nos visitar nos eventos: casamentos, aniversários. Ele decidiu vir me visitar, passamos 15 dias juntos. Foi muito bom, depois disso ele mudou radicalmente seu comportamento, minha filha foi visitá-lo e disse que ele mudou radicalmente o seu comportamento, agora ele deixa transparecer que ele está cheio. Então foi quando seu fígado mudou as enzimas, o que é um estado próximo ao câncer. Se ele não tiver uma postura rígida, ele pode escapar. Lembro-me de que ao sarar do primeiro câncer, eu tive de enfrentar as pessoas que sumiram de minha vida e isso foi terrível.

Leloup (1998) diz que devemos fazer uma escuta espiritual, porque o espírito está presente em nosso corpo. As doenças, as crises podem ser manifestações do espírito que quer evoluir, mas o corpo, os membros simplesmente resistem a esse apelo. No evangelho de João, cap. 1, versículo 11, é falado: *"Ele veio para o que era seu e os seus não o receberam!"* Ou seja, a vida nos é dada, mas nem sempre é recebida. Existem partes do nosso corpo que se fecham para a vida. Às vezes uma doença, um acidente, uma provocação assinala que devemos mudar nossa maneira de ver as coisas. Mudar a nossa perspectiva de vida. Nicole ao resgatar sua história, com a doença, reescreveu outras possibilidades de atuação no mundo, transformando-se com essa possibilidade recebida com a doença.

“
o espírito quer evoluir, mas o corpo resiste a esse apelo

”

MANDALAS: SÍMBOLO DO SELF

A proposta de pintar mandalas tem por objetivo trabalhar o universo interior. Ao pintar mandalas, a mente entra em um estado de relaxamento no qual as experiências traumáticas, os medos e as tensões podem ser transformados; seu efeito tranquilizante concentra as energias. Por que mandalas?

As mandalas são figuras circulares, o que é muito presente em nossas vidas ainda que não a percebamos; muitas vezes, ao falar ao telefone ou ao participar de uma reunião, sem nos darmos conta, começamos a rabiscar uma forma circular. Na natureza temos várias mandalas: o girassol, a lua, o sol, um olho, uma estrela etc. Desta forma, pintar mandala possibilita nos aproximarmos do símbolo que contém tudo: os dois lados da polaridade – ele não exclui nada, tudo inclui. Os símbolos abrangem os paradoxos, por isto são mais verdadeiros, mas jamais poderão satisfazer o intelecto, pois ele vive para classificar e discernir.

“O corpo é desconfiado e assustado e só gradualmente pode aprender a confiar em seus próprios instintos, disciplinando-os numa base sólida para o amadurecimento da psique. A menos que o corpo se sinta amado, que suas respostas sejam aceitas, a psique não tem o fundamento da certeza nos instintos, de que ela precisa; (...) a não ser que o corpo saiba que existem braços amorosos internos, suficientemente fortes para contê-lo, não importa quão feroz ou arruinado ele seja, num esforço para sobreviver agarrará sua própria rigidez. Esta rigidez repercute na rigidez da persona e do ego” (Woodman apud Macneely, 1994: 99).

CASO CLÍNICO

Relatarei agora o caso de uma senhora de 60 anos em processo de terapia. Alice nasceu de parto normal em casa, sua mãe não sabia, mas estava grávida de gêmeas. Ela nasceu forte, perfeita, mas sua irmã morreu ainda no ventre materno. Ao realizar sessões de T.E.C.T.C dentro de sua terapia, Alice sentiu seus braços se abrirem. Até então ela não havia percebido o seu corpo tenso, como se usasse uma armadura de ferro medieval que a impedia de modificar o movimento dos braços.

Depois de experimentar algumas sessões de calatonia, sentiu os braços se movimentarem lentamente, como se quisessem se abrir, modificando uma postura que era tão antiga... Quando de repente surgiu a imagem de um bebê recém-nascido no colo. Ela começou a se lembrar de sua mãe, de sua tia e de como durante toda a sua vida ela brincava ao dizer que estava cansada, pois teve de lutar muito para nascer. Ela sempre se sente culpada pelas coisas que acontecem à sua volta, com pessoas queridas, como amigos, filhos, sobrinha etc. O fato de ter experimentado a morte muito de perto e logo ao nascer talvez lhe tenha dado a sensação de vitória/derrota simultaneamente. Trabalhamos com a imagem do bebê e Alice quis representar sua vida intra-uterina.

Alice é uma pessoa especial. Casou-se, teve um bebê que morreu logo após o nascimento. Em seguida, adotou um menino e, posteriormente, uma menina que veio a falecer. Trabalha em uma comunidade que atende crianças carentes. Como uma pessoa inteligente e sensível, Alice fez de sua vida um exemplo de amor ao próximo, de solidariedade, não se fixou nas experiências dolorosas de sua vida. Mas, no entanto, a dor e o sofrimento ficaram registrados em seu corpo e a tensão vivida

estava ainda aprisionada nele. As tensões que carregamos em nosso corpo podem ser libertadas de diferentes maneiras. Algumas vezes as tensões podem ser dissolvidas catarticamente, ou a descarga que pode ocorrer por tiques, tremores, tosse, gagueio, choro e outras manifestações.

Sustentar tensão muscular é um processo desgastante para o nosso organismo porque consome grande quantidade de energia. Mas, infelizmente, a tensão física em que vivemos nem sempre é claramente percebida, por isso os nós que temos no corpo são inconscientes. Os nossos traumas são de diferentes origens, sendo muitas vezes originados por fatores externos como críticas destrutivas, ridicularizações, ou mesmo trauma de omissão, quando experimentamos a sensação de abandono na fase de recém-nascido ou mesmo na infância de um modo geral. Quando as necessidades básicas não são atendidas, deixam marcas graves com sérias conseqüências no futuro do ser humano. Atender a essas necessidades básicas nem sempre é uma tarefa fácil, pois requer uma total atenção por parte dos pais ou do cuidador, pois elas são primitivas, referem-se à satisfação dos instintos, envolvendo, além da alimentação, o sono, a necessidade de ser segurado, acariciado, confortado, encorajado através de brincadeiras e, principalmente, ser o “centro da atenção humana”, para ter garantido o sentido de existir e um desenvolvimento saudável. Práticas que promovem um contato físico nutridor podem ser uma forma competente de curar os traumas dessa ordem. As terapias não-verbais, como arte terapia, terapia corporal ou as técnicas expressivas coligadas ao trabalho corporal, podem ajudar muito no tratamento de importantes desordens emocionais e psicossomáticas, principalmente aqueles que envolvem bloqueios de energia, emocional e física, requerendo uma abordagem vivencial.

Depois de ter vivido a experiência de relaxamento, Alice fez um desenho que retrata sua sensação experimentada na vida intra-uterina. A imagem pode ser um canal expressivo bem importante, pois quando se trata de traumas ou experiências vividos em épocas em que não havia a linguagem (recém-nascidos, trauma de infância), somente comunicação não-verbal parece ser eficiente.

Segundo Grof (2000), psiquiatra tcheco, para a neurociência ocidental, a consciência é um produto dos processos fisiológicos no cérebro e, assim, depende decisivamente do corpo. Pouquíssimas pessoas, inclusive os próprios cientistas, percebem que não temos absolutamente qualquer prova de que a consciência seja realmente produzida pelo cérebro e que não temos a mais remota noção de como algo assim poderia acontecer. Apesar disso, essa suposição metafísica básica permanece sendo um dos principais mitos que orientam a ciência materialista ocidental e tem uma profunda influência sobre toda a nossa sociedade.

A suposição de que a criança não está consciente no estresse emocional e físico que envolve o nascimento, não deixando qualquer registro em seu cérebro, contradiz as observações clínicas, o bom senso e a lógica elementar.

A negação da possibilidade da memória do nascimento, baseada no fato de que o córtex do recém-nascido não está totalmente mielinizado, é particularmente absurdo quando consideramos que a capacidade de memória existe em muitas formas de vida superior que nem têm córtex.

“
a psique não tem
o fundamento da
certeza nos instintos
”

“
Não há prova de
que a consciência
seja realmente
produzida
pelo cérebro
”

Grof (2000) diz que determinadas formas primitivas de memória protoplasmática existem em organismos unicelulares. O parto biológico é o trauma mais profundo de nossas vidas. Ele fica gravado em nossa memória em seus mínimos detalhes até no nível celular e tem um efeito profundo sobre o nosso desenvolvimento psicológico. Grof (2000) descobriu, acompanhando milhares de pessoas ao longo dos anos em estados ampliados de consciência, que a vivência no útero materno e ao longo do processo de nascimento gera marcas profundas na mente humana, ao que Rank já havia chamado de trauma de nascimento. Há, ao longo do processo de desenvolvimento da vida intra-uterina e do nascimento, quatro momentos de experiências bem distintas, aos quais ele chamou de matrizes perinatais, uma vez que elas se tornam, de fato, matrizes de comportamento, formas de compreensão da vida, das relações humanas e de si mesmo.

Na matriz I a experiência primordial é de se estar num lugar onde não há limites, barreiras, oposição ou qualquer experiência negativa, como quando se pensa numa gravidez sem problemas emocionais ou bioquímicos da mãe. Permanece um bem estar paradisíaco. Quando as contrações do parto iniciam, esta experiência do lugar, da matriz I, cede lugar para a matriz II onde há pressão mecânica sobre o feto e a conseqüente diminuição de oxigênio pela compressão sobre o cordão umbilical. Isto produz sofrimento mecânico, sensação de confinamento sem saída e medo, pois ele não sabe que há uma saída. O instinto de sobrevivência faz com que a atitude passiva da matriz II mude para uma luta ativa, pela vida, e entramos na matriz III, onde prevalece a raiva, um movimento de expansão do corpo, de agressão.

Após o nascimento, há um relaxamento, entramos na matriz IV, onde prevalece novamente um sentimento positivo de tranqüilidade. Tudo isto é vivido com muita intensidade como experiências físicas e emocionais. Quando a pessoa pode reviver essas experiências num estado ampliado de consciência, num ambiente protegido, isto pode ser muito curativo, pois a carga emocional ligada às matrizes perinatais é imensa. Pessoas que antes eram agressivas e irritadiças passam a ter mais equilíbrio nos relacionamentos interpessoais. Experiências de timidez, claustrofobia, síndromes de pânico podem ser ultrapassadas ao reviver e expressar as fortes emoções da matriz II. Lembrando que, de acordo com a noção de *coex*, enquanto não for esgotada toda emoção ligada a algum sintoma, estegeralmente permanece, embora com menor frequência e intensidade. *Coex* significa condensação de experiências, onde as memórias se agrupam no inconsciente por uma semelhança temática e não por uma ordem temporal. Ao tocarmos em um conteúdo do inconsciente, muitas vezes surgem outros conteúdos de fases diferentes de vida que estão ligados por semelhança. Ou seja, enquanto não esgotarmos a *coex*, permanecerá uma raiz do sintoma do que se quer tratar. Outro aspecto que considero importante na contribuição de Grof (2000) é o quanto ficamos fixados em uma das quatro matrizes perinatais e vivemos a vida a partir disto. A atitude mais tímida, medrosa, diante da vida, e reflete a fixação na matriz II; a atitude mais agressiva, à fixação na matriz III e assim por diante.

Alice, ao descrever sua experiência com o relaxamento (calatonia) e desenhar a mandala, pôde rever e reorganizar sua experiência dessa fase da vida, resgatando essa memória tão antiga. Essas memórias podem ajudar na compreensão de dinamismos psíquicos, na autodefinição de nossas atitudes em relação ao mundo, que podem ter sido contaminadas por lembranças deste momento de vulnerabilidade,

Irene Arcuri <iarcuri@uol.com.br>

- Psicóloga Clínica de Orientação Junguiana
- Doutoranda em Psicologia Clínica - PUC/SP
- Mestre em Gerontologia
- Especialização em Práxis Artísticas e Terapêuticas pela Faculdade de Medicina - USP
- Arte Terapeuta
- Docente e Supervisora de Estágio do Curso de Pós-Graduação Lato-Sensu Alquimy Art
- Pesquisadora do NEPE/SP do grupo "Contemporaneidade e Velhice: Espaço Urbano, Identidade e Memória" - PUC/SP

Técnicas Expressivas Coligadas a Trabalho Corporal

Este artigo descreve as técnicas expressivas coligadas ao trabalho corporal, como uma contribuição à ampliação do entendimento e do desenvolvimento de uma outra via de acesso à psique humana.

Les Bijoux Indiscrets.
René Magritte, 1963.

“
processo de
nascimento gera
marcas profundas
na mente humana
”

Tréplica a Jó

De autoria de um padre católico, este artigo nos remete a Deus e sua graça e misericórdia incondicionais, e por isso mesmo, divinas. Para Ele, nada do que o homem diga ou deixe de dizer, nada do que venha a ser ou deixar de ser, implicará perda ou ganho de Seu amor



Inicialmente, na verdade necessária, declaro-me ignorante em Psicologia. Melhor seria dizer, não passo de semi-alfabetizado neste campo. Conheço conceitos junguianos e freudianos. Até sei usá-los com relativa propriedade em casos concretos de aconselhamento. Sou padre católico e, como tal, no exercício de meu ministério, especialmente no sacramento da Confissão, deparo com ocasiões em que emprego tais categorias; com muito, muito cuidado. Mas entendo que, ao fazê-lo exerço uma saudável "interdisciplinariedade", sem considerar-me expert no assunto... Infelizmente não costumo encontrar a mesma reciprocidade nos psicólogos que adentram o terreno tão nuanciado da Teologia, pois inúmeras vezes encontramos pareceres de psicólogos sobre assuntos teológicos que evidentemente demonstram um desconhecimento deste universo, embora se autorizem aos mesmos. Alguns de forma categórica, quase como se fossem PhDs em Teologia.

Apropriam-se da linguagem e dos conceitos, ignoram conquistas e descobertas da exegese bíblica. Enfim, apresentam belas, completas e incríveis... opiniões teológicas. Ainda bem que muitos – e cada vez mais profissionais da área – estão descobrindo humildemente que necessitam da assessoria de um teólogo quando o assunto é teologia. É claro que uma "interpretação psicológica do dogma da Trindade" não necessita – na parte do "psicológica" – do dedo de um teólogo. Mas, lendo esta obra excelente em muitos aspectos, parece claro que Jung não falava da Trindade Cristã. Ele usa *en passant* o teologúmeno, mas fala de outra coisa... As comparações feitas entre a Trindade e as tríades de outras religiões são teologicamente muito imprecisas. Às vezes, inclusive, erradas.

No livro "Resposta a Jó" algo parecido se desenha. Por isso pensei em escrever este pequeno trabalho. Nada pretendo na área da Psicologia, a não ser despretensiosamente mostrar o papel da Graça na Teologia Cristã. Assim o faço, usando meus conhecimentos e paixão pela Teologia, na qual me sinto à vontade para exercer minha inspiração. Que os psicólogos que tiverem tempo ou vontade de ler este artigo tirem as conclusões psicológicas que acharem pertinentes.

O livro bíblico de Jó é um escrito sapiencial. Seu núcleo temático foi composto na época do Exílio do povo hebreu na Babilônia. Naquela terrível experiência, o povo toma consciência da base substancial de sua vida, de sua história: Javé e Seu Projeto. Na Palestina a nação teve tempos áureos como aqueles sob os reinados de Davi e Salomão: conquistas territoriais consideráveis, riqueza e luxo; a grandiosidade da Jerusalém salomônica, com um palácio que figurava entre as Sete Maravilhas do Mundo Antigo. O Templo! E é claro, as instituições que circulavam e mantinham tais realidades: o Rei, o Sacerdócio, os Sábios...

Ocorre, então, em 722 aC, o Exílio imposto pelos Assírios ao Reino do Norte, Israel. Em 598 aC, a Babilônia domina o cenário mundial e deporta parte do povo – a parte nobre – para seu país. Esta deportação é seguida de outra, em 587. Na ocasião, levados como escravos para a Babilônia, os judeus ainda puderam divisar a destruição total de Jerusalém e o saque aos tesouros do Reino e do templo, além de assistir à procissão de seus governantes, sacerdotes e comerciantes rumo ao Cativeiro.

O Salmo 137 (136) mostra, no estilo poético dos salmos, a dor que o povo experimentou neste período:

*"Junto aos rios da Babilônia sentamo-nos a chorar, lembrados de Sião.
Nos álamos, ali perto, suspendemos nossas harpas.
Então nossos deportadores pediam cânticos; nossos verdugos, alegria:
"Cantai para nós cânticos de Sião!"
Como entoar um cântico do Senhor em terra estrangeira?
Se me esquecer de ti, Jerusalém, que se paralise minha mão direita!
Pegue-se minha língua ao paladar, se me esquecer de ti,
se não puser Jerusalém no auge de minhas alegrias!"*

A dor e a revolta eram tamanhas, que mesmo os princípios mais básicos e elementares de civilidade afundam no mar revolto do ódio. Ao final do salmo, o Autor clama:

*"Filha da Babilônia, que serás devastada, ditoso quem te der
a paga do mal que nos causaste!
Ditoso quem agarrar teus recém-nascidos e os esmagar contra o rochedo!"*

Deserdados de tudo, percebem o que lhes restara: Javé. Esta experiência marcou o povo com a certeza de que mesmo perdendo riquezas como terra, monarquia, nobreza, templo etc, permaneceria a única riqueza que sempre tiveram, Javé! Tudo o mais era dom, graça dele. Não garantia da presença. Não agradecimento e paga de Deus. Graça, pura graça. Toda a história do povo é relida a partir de então. É durante o Exílio que vários livros da Bíblia são compostos, especialmente alguns que tratam de mostrar a "versão oficial" da desgraça: "pecamos, pagamos". Desobedecemos Javé, perdemos o Paraíso.

Com Ciro, Rei da Pérsia (que se tornara a potência política e militar da época), o povo recebe permissão para retornar à Palestina, em 538. Auxiliados até financeiramente pelos persas, o povo tem que reconstruir suas cidades, seus lugares políticos e religiosos. Mas a tarefa mais dura seria reconstruir sua identidade. Aqui, em meio a esta árdua tarefa, iluminando o espírito da época enquanto o traduz magistralmente, aparece o livro de Jó.

Diversidades no vocabulário, no estilo e no ambiente cultural e religioso dão a entender que o livro foi escrito por etapas. Resquícios de vocabulário do período persa e algumas circunstâncias históricas e culturais fazem supor que ele tenha surgido no século V ou IV aC, após o exílio babilônico, e seus acréscimos, no mais tardar no século III aC. O prólogo e o epílogo são reformulação literária de um conto didático da tradição oral dos sábios do antigo Oriente Médio não-israelita.

O coração do livro, ao contrário do que se costuma crer, não é uma prova da paciência infinita de um homem que, torturado pela catástrofe, pela miséria, pela doença, pelo abandono, jamais se revolta contra Deus. Essa é a interpretação mais comum e muito equivocada deste livro. Na verdade, a pergunta subjacente era: "por que o justo sofre?" Desta, acaba por decorrer outra, mais abrangente: "Por que existe o sofrimento no mundo?" E por meio desta última, chega-se ao pungente e atual questionamento: "Qual a origem do mal?"

Muitas respostas foram dadas naquele tempo e ainda hoje. A linha dominante, a resposta "ortodoxa" daquela época – e de muitas cabeças de hoje – é a "teologia da

“
mostrar o
papel da Graça na
Teologia Cristã
”

“
Deserdados
de tudo,
percebem
o que lhes
restara: Javé
”

retribuição" que, como vimos acima, naturalmente se impôs num período de reconstrução, mobilizando os ânimos para a "conversão a Javé", ao passado do Povo, à fidelidade à Aliança. No texto de Jó, tal teologia está representada por seus três "amigos". Eles tentam convencer nosso herói de que alguma ele aprontara para estar passando por tudo aquilo... A justiça de Deus era inquestionável, logo em algo ele pecara para estar sendo tão cruelmente atacado por Deus. Ou, pelo menos - outra variante -, abandonado por Deus a tantos dissabores.

A Resposta de Jó aos amigos, ou melhor, à teologia da retribuição é deixar claro que não se reconhecia pecador e, pois, merecedor daquele castigo. Não aceita capitular e pedir perdão nem se sentir culpado de coisa alguma. É claro que atormentado pelos fatos e apertado pelas críticas e investidas dos amigos, Jó acaba por questionar o próprio Deus, num sofrido e sonoro "por quê?..." O jovem Eliú representa uma personagem interessante enquanto ajuda Jó a sair do aparente impasse a que as discussões chegaram.

"Não tens razão, eu te digo, pois Deus é maior do que o homem. Como te atreves a acusá-lo por ele não prestar contas de nenhum de seus atos?" (Jó 33,12-13).

Retirando-se do discurso do jovem a mistura de teologia da graça e teologia da retribuição que o permeia -

"Ele retribui ao homem segundo suas obras e dá a cada um conforme o seu proceder. Na verdade, Deus não pratica o mal, o Poderoso não falseia a justiça. Quem lhe confiou o governo da terra, quem estabeleceu o universo inteiro?" (Jó 34,11-13)

- nele encontramos prenúncios do que o próprio Deus dirá a Jó.

A grande surpresa, porém, é que Deus não responde... Deus não explica, não se explica. Deus não se cala ante a dor e o sofrimento da criatura, mas não levanta o véu do mistério... Jó, após perder tudo, descobre exatamente isso: na verdade, tudo é graça! E já que ele aprendeu com ela, até a desgraça é graça! Ele, no diálogo final com Javé, toma consciência (teologicamente falando) da existência e da inexorabilidade do mistério. Aprende que - assim como as posses que tinham não eram uma recompensa de Deus à sua justiça, bondade etc - as perdas não são castigo. Ele aprendeu com as perdas que há um núcleo essencial, uma "substância" que nunca se perdera. Seus amigos tentavam convencê-lo da culpa de Jó, ou seja, da desgraça como retribuição da parte de Deus. Jó, ao descobrir e ver Deus face-a-face, ao conhecer pessoalmente e não mais de ouvir falar, cresce: *"Conhecia-te só de ouvido mas, agora, viram-te meus olhos"* (Jó 42,5).

A 1ª Epístola de João afirmará mais tarde que a visão de Deus nos transforma, faz-nos semelhantes ao contemplado: *"Sabemos que, quando ele aparecer, seremos semelhantes a ele, porque o veremos tal qual ele é"* (1Jo 3,2). Jó contempla uma Verdade que o transfigura. "Contemplando" antes uma caricatura de Deus, ele apenas encontrava uma caricatura de si mesmo. Agora, conhece como é conhecido (cf 1 Cor 13,12).

Por tudo isso, um conceito novo de graça emerge: a Graça é pura graça. Não se trata de tautologia pura e simples, mas de recuperar o sentido das coisas, das palavras,



William Blake.
Gravura de "O Livro de Jó", 1825.

dos conceitos. Se há merecimento, já não há graça, mas "pagamento". São Basílio (séc. IV) nos ensina que

"ou nos afastamos do mal por medo do castigo, estando assim na posição do escravo; ou buscamos o atrativo da recompensa, assemelhando-nos aos mercenários; ou é pelo bem em si mesmo e por amor de quem manda que nós obedecemos., e estaremos então na posição de filhos".

A culpa já não tem espaço como tortura de quem se sente mal retribuidor da Graça, mas como a dor construtiva de quem sabe que não amou como deveria ter amado. O medo se afasta e dá lugar à busca de conversão, entendida agora como "um modo mais perfeito de amar". Santa Terezinha dizia que Ihe doía muito saber que *"o Amor não é amado"*...

Graças a Deus, literalmente falando, nada do que o homem faça ou deixe de fazer; nada do que um homem diga ou deixe de dizer; nada do que venha a ser ou deixar de ser, implicará perda ou ganho do Amor de Deus. Ele já nos alertara sobre isso em outro texto da época do Exílio:

"Ainda que cedam os montes e as colinas se abalem, minha benevolência jamais se afastará de ti, e minha aliança salutar ficará inabalável, diz o Senhor que se compadece de ti" (Is 54,10).

Golpe em nosso orgulho humano? Esta misericórdia nos diminui? Esta "irresponsabilidade" nos torna menores do que supúnhamos? Ou será que, livres do olhar policial do Divino, poderemos crescer e descobrir que, se Deus não mais nos carrega no colo, pois já não somos crianças, Seu olhar de Pai continua nos seguindo e orientando nossos passos? 🙏

“
Jó, após perder
tudo, descobre
[que] até a
desgraça é graça!
”

Jorge William de Castro Abdala <jwabdala@yahoo.com.br>

■ Filósofo e Teólogo
■ Mestrando em Ciências da Religião - PUC/SP



Tributo à Vaidade

Este artigo tem como proposta uma reflexão acerca da Vaidade. Esta Senhora do Mundo. *"Trata-se na realidade de uma reflexão do tipo 'moralista francesa' também muito apreciada por autores como Pascal, Montaigne, Nietzsche, Cioran, etc, com ares barthianos"*. A razão certamente será a de denunciar o domínio exercido pela Vaidade na criação, testificando que toda e qualquer ação humana resulta de sua condição de subserviência. Minha pretensão, antes de tudo, é imitar os antigos que elogiavam os deuses e heróis. Enfim, tudo o que se faz é vaidade.

Nestas laudas dedico-me à reflexão desta senhora do mundo, a Vaidade. A razão pela qual faço isto é a de, certamente, denunciar o domínio exercido pela Vaidade na criação, além é claro, de entender que isto faz de mim uma vítima de seus caprichos. De fato, o que mais poderia convir à Vaidade do que fazer de seu arauto também seu escravo?

Poderão alguns julgar insensatez desmedida a prestação de um tributo à Vaidade mas, me pergunto: existirá algum texto, fala, pregação, ação, ou qualquer outra coisa que o homem faça que não testifique sua condição de subserviência? Do mais, esta minha conduta me parece ser coerente com a maior parte dos mortais, dos sábios e dos loucos deste mundo. Assim, pois, o que aqui pretendo, antes de tudo, é imitar os antigos, que, evitando o infame nome de filósofos, preferiam chamar-se sofistas cuja intenção consistia em elogiar os deuses e os heróis.

Não posso deixar, neste momento, de perceber que, embora os homens manifestem suas ingratidões ou fingimentos, é certo que nutrem por esta deusa uma grande devoção. Desde os mais remotos tempos, ela, a Vaidade, mantém-se igual a si mesma, sem sombra nem variações (atributo dos deuses). Tão igual a si mesma que, se alguns dos mortais presumem poder se esconder dela ou se mostrar diferentes do que são, disfarçados sob alguma máscara, revelam-se, por assim dizer, vaidosos perversos e inseqüentes, invariavelmente desinformados de seus lugares no Império. Essa gente ingrata e fingida pertence mais do que os outros ao seu reino, e embora se esqueçam de louvar sua majestade publicamente, anunciam-na notoriamente em suas obras. Tudo o que fazem é vaidade.

Por esta razão, pareceu-me também oportuno imitar os retóricos - estes nobres servos da vaidade -, uma vez que podem gabar-se de outras línguas e pavoneiam-se inserindo em seus discursos, mesmo fora de propósito, palavras em grego e em latim. Contudo, não esperem que, de acordo com a vulgaridade retórica eu vos dê uma definição. Afinal, como poderia eu encerrar a idéia de uma coisa nos seus justos limites, isto é, defini-la e limitá-la, quando seu poder se estende a todo gênero humano? E, também, não estejam demasiadamente curiosos pois a "curiosidade não é mais que vaidade. No mais das vezes, só se quer saber de alguma coisa para falar dela..." Para o momento, eu vos direi que deuses e heróis não possuem definição, basta senti-los em nossa existência.

A Vaidade, deusa dos deuses, senhora das senhoras, névoa de nada, cujo poder construiu um mundo no qual o homem encerrado em si mesmo é dominado pelo narcisismo (contemporâneo e de todos os tempos), segue dando provas empíricas de que a criação é em essência, sua geração.

Haveria antes que, à semelhança de Hesíodo na sua Teogonia, informar-lhes sua genealogia. Diferentemente da Teogonia, a Vaidade não é nascida de Plutão, do Caos e do Orço. É Adão o seu pai, e Eva sua mãe. Filha de um amor livre, de progenitores ligados pelo supremo Bem, a Vaidade, como outras divindades, nasce forte, poderosa, governadora das coisas; por cujo talento se regulam todas as ações humanas e todos os negócios públicos e privados dos mortais, e por fim, toda existência humana. Nascida não na ilha natante de Delos, como Apolo; nem da espuma do Oceano, como Vênus; a Vaidade nasce num lugar mais encantador: o Éden.

Foi, por conseguinte, desse nascimento que surgiu a grande maldição humana: A Vaidade superando Édipo, de Sófocles, mata seus pais, afasta-se do Bem e fecunda toda criação, eliminando de vez da criação uma natureza humana suficiente. Conseqüentemente, a criação estaria fadada a ser devorada pela angústia e pelo tédio. No entanto, quem melhor do que ela, a Vaidade, com seus poderes divinos para re-significar a condição humana? Escusar o homem do confronto com sua realidade insuficiente e de seu estado "caído" e miserável na fisiologia do nada é tarefa fácil para uma deusa. Seria preciso não muito esforço: bastaria soprar na criação o fôlego de seu espírito.

Resta-nos, portanto, olhar ao redor para tomar consciência do estado pueril e efêmero da criação misturado ao germe da vaidade, constituindo assim nossa realidade existencial. Essa idéia significa, em síntese, que o homem pós-adâmico necessariamente opta pela efemeridade e pelo amor à criatura em função de uma patologia ontológica resultante de seu orgulho estrutural, que o leva impreterivelmente a escolher a si mesmo como objeto de devoção. O projeto audacioso do casal mitológico revela o germen da opção da vontade entre o bem e o mal, entendida como uma escolha entre aproximação ou afastamento de Deus que, levado à sua última seqüência, fecunda no homem uma entidade capaz de devorá-lo e transformá-lo em pó. Por conta disso, sigo certo de que, seus efeitos em nada se diferem aos dos projetos modernos na medida em que se desemboca numa deficiência noética que inibe a percepção do homem moderno de que a vida em si não passa de um ponto de vista dentro da matéria infinita, e de que no final, tudo é mesmo vaidade. Admitido isto, disse-me se há, acaso, uma só ação na vida que não seja regida pela vaidade. "Somos tão presunçosos que gostaríamos de ser conhecidos por toda a Terra e até por pessoas que virão quando não existirmos mais". Passarei, portanto, a apresentar-vos até onde chega esse seu "divino poder".

Começemos pelos imortais. Bastaria percorrer os céus, a terra e o mar, à procura de todas as divindades, ídolos e deuses que se põe à disposição da criação. Seriam milhares, sob os mais diferentes aspectos, sob as mais distintas formas, sob as mais variadas peculiaridades e nomes, todos devedores à Vaidade, o poder confiado. Com a fé que lhes devotam os fiéis, enchem-se de orgulho, fazendo-vos ver que os deuses são, pelo menos, tão vaidosos quanto imortais. Outro fato a ser louvado é que entre os numerosos méritos que se atribuem às divindades, é o que consiste em dissipar do ânimo dos mortais as aflições e as inquietações; ainda que por pouco tempo, visto que, depois voltam a atormentar-nos novamente. Não seria por essa razão, a Vaidade, a senhora dos deuses, posto que, com poder dissipa as inquietações dos deuses ao conferir-lhes o poder de Proteu e o direito de não responder à todas as preces humanas? Portanto, a Vaidade é verdadeiramente superior às demais divindades, visto que, ao manter-se tão igual a si mesma e não sendo maculada por nenhum interesse, não exige da criação votos, nem ofertas; mas faz, concomitantemente, de seus devotos, seus templos e suas vítimas de expiação. A propósito de culto, por que haveria ela de exigir para si um único templo, ou uma imagem, um altar, um nicho? Os mortais são estátuas a ela erigidas, imagens vivas na sua pessoa, e seus corações são templos triunfantes. Por esta via - o coração - ela se estabeleceu, criando tronos para si.

Das divindades já falamos bastante. Passemos, seguindo o exemplo de Homero, das

“
é certo que
nutrem por
esta deusa uma
grande devoção
”

“
sob as mais
variadas
peculiaridades
e nomes, todos
devedores
à Vaidade
”

divindades aos habitantes da terra. Percorra-se as habitações dos mortais e todos os cantos da terra, e claramente notar-se-á que todos, sem exceção, nutrem por esta deusa tanto afeto e devoção, que seria mesmo de um "outro mundo" um alguém encontrado que não deva exclusivamente a ela todo seu trabalho abaixo do sol. A partir daí, todos os projetos, ações, trabalhos, negócios públicos e privados dos humanos, passam a ser regidos pela Vaidade. Portanto, é de competência vaidosa que cada um lisonjeie e adule a si mesmo, posto que, só o divino amor-próprio pode conceder a felicidade, entendida, sobretudo, como querer ser o que se é como medida de todas as coisas.

Parece-me justo um tributo à Vaidade já que cheios do estéril conceito de nós mesmos, nós mortais seguimos produzindo textos, conhecimento, arte, música, ciência, conceitos, tudo sob o pretexto de que estamos contribuindo para o "desenvolvimento" da humanidade. Por ela, e por meio dela as pessoas são incitadas ao trabalho e ao estudo, os poetas são incitados ao encantamento das palavras, os músicos são incitados às composições, os oradores são incitados à erudição, os escritores são incitados à publicação de livros, os advogados são incitados ao estudo e exercício das leis, os homens de negócio são incitados às realizações bem sucedidas e bem remuneradas, os filósofos são incitados às geniais idéias e sublimes especulações, os cientistas de todas as áreas são incitados à pesquisa e às novas descobertas, os teólogos são incitados à falar das coisas divinas, e os poderosos são incitados ao poder. No entanto, essa soberba potência inimiga da liberdade humana que se deleita em dominá-la e em castrá-la para mostrar quanto poder tem em todas as coisas, estabeleceu nos mortais uma segunda natureza: concupiscente, miserável e hipócrita.

A Vaidade acumula seus súditos de uma satisfação e gozo que os leva à olhar as pessoas ao seu redor com domínio, de modo que seus rostos se encham de uma superioridade que lhes dá vantagem na opinião dos demais mortais. Não podendo torná-los sábios, ela os torna felizes: confere-lhes a reputação, o respeito e a veneração das pessoas, riquezas, status e poder. Seu poder manipula a justiça humana e, por isso, quando os doutores da lei, muito bem pagos, julgam mais justa a causa que defendem, com perspicácia e sagacidade conseguem convencer o júri fazendo-a parecer verdadeira aos juizes; sua força reduz o conhecimento às ciências, enchendo os pesquisadores de vãos instrumentos e tecnologia, na mesma medida em que a majestade de cada ciência não é bastante venerável por si mesma; sua maestria orienta as impressões, intuições e especulações filosóficas e os efeitos, sobretudo, das opiniões - essa faculdade enganosa quer parece estar propositadamente no mundo para nos induzir a um erro necessário - de modo que "as impressões antigas não são as únicas capazes de nos enganar; os encantos da novidade têm o mesmo poder." Só ela tem o poder de misturar à loucura a sanidade, de maneira tão engenhosa que as idéias fracas e as idéias fortes de poetas, de escritores e de pintores, homogeneizadas tão ardidamente por essa soberana senhora, são transformadas em literatura, poesia e pintura.

A Vaidade é a grande deusa e prostituta dos mortais, levando-os a uma espécie de gruta de Corício e encerrando-os num calabouço de suficiências, sobretudo os modernos que, sob hipótese de buscar conhecimento e alimentados pelo vil ceticismo, deixam-se marcar pela exclusão pragmática de qualquer conceito ligado à idéia de Deus, eliminando de vez da criação, a necessidade de compreensão de um princípio transcendental, fazendo-os girar no círculo do nada para ele mesmo. Ora, o que é mais terrível ao homem do que olhar para dentro de si mesmo e experimentar o

desgosto de ser o que é e, por conseguinte, admitir-se nada? O homem - este vermesinho - tão pequeno e de tão pouca duração, enchafurdado em suas inúmeras agitações, não sendo capaz de sustentar-se, acaba por se perceber com uma referência vaga. Não fosse pela vigilante piedade de Deus, parece-me que, à primeira consciência que tivesse de si mesmo, o homem se desmancharia em poeira.

A Vaidade, ao dizimar a "suficiência" da criação, imprimiu nos homens uma fatal inclinação para a criatura, isto é, uma escolha contínua pela paixão de si mesmo. O homem segue sua busca, em busca de si mesmo, e ao se perceber miserável - esse estado de alma insuportável da própria condição humana que não dá conta de sua angústia essencial - depara-se com essa deusa que o lança numa teia concupiscente de efemeridades e fulgacidades. Descontente e incapaz de sustentar seu lugar, começa a tatear todas as coisas ao seu redor que, infelizmente, assim como ele, estão fadadas a se desmanchar em pó. Daí o fato de toda vida se corromper e se reduzir a névoas de nada, pois no fim, tudo é vaidade. Vale ainda o reconhecimento de que esta senhora não se limitou apenas ao homem, pois fê-lo presente à sociedade, de modo que não se poderia encontrar uma única cidade, vila, tribo ou nação que, com muita vaidade, não se gabe de possuir algo melhor que as outras. Assim, a principal ocupação dos mortais é acumular vaidades e contentar em tudo e por tudo sua natureza decaída, sem entender o estado miserável de sua contingência. Afastado do Bem, por obra da vaidade, o homem está destituído completamente da possibilidade de fazer ou pensar o bem por si mesmo; e a tensão entre imanência e transcendência desdobra-se em agonia, entendida como reveladora da condição humana e do abismo existente entre os mortais e Deus.

O Qohélet diz: "Apliquei-me a conhecer a sabedoria e a considerar a fadiga que se realiza sobre a terra, pois o homem não conhece repouso, nem de dia, nem de noite. Observei o conjunto da obra de Deus e percebi que o homem não consegue descobrir tudo o que acontece debaixo do sol. Por mais que o homem se fadigue em pesquisar, não chega a compreendê-la. E mesmo que o sábio diga que a conhece, nem por isso é capaz de entendê-la."

Vaidade das vaidades, tudo é vaidade! 📖

Bibliografia

- ABBAGNANO, N., **Dicionário de Filosofia**. 3ª ed. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- AGOSTINHO, Santo, **A Graça**. 2ª ed., Trad. Augustinho Belmonte. São Paulo, Paulus, 1998, vol. I, II.
- _____, **O Livre Arbítrio**. Trad. Nair de Assis Oliveira. São Paulo, Paulus, 1995.
- BARTH, K., **Carta aos Romanos**. Tradução e comentários de Lindolfo K. Ande., São Paulo, Novo Século, 2002.
- LEBRUN, G., **Blaise Pascal, Voltas, Desvios e Reviravoltas**. São Paulo, Brasiliense, 1993. (Col. Encanto Radical)
- LEOPOLDO E SILVA, F., **O Mediador e a Solidão. Jesus, Anúncio e Reflexão**. Campinas, SP, UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2002.
- PASCAL, B., **Écrits sur la Grâce**. Paris, Éditions Gallimard, 1954. (Jacques Chevalier, Oeuvres Complètes, Paris, Éditions Gallimard, 1954)
- _____, **Pensamentos**, Trad. Mário Laranjeira. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- PONDÉ, L. F., **O Homem Insuficiente**. São Paulo, Edusp, 2001.
- _____, **Religião como Crítica, a Hipótese de Deus**. Revista Cult. São Paulo, Editora 17, nº. 64, dezembro de 2002, 16-17.

“
Só ela
tem o poder
de misturar
à loucura
a sanidade
”

“
no fim,
tudo é vaidade
”



Palavras Chave:
→Sonho
→Corpo Simbólico
→Somatização
→Conscientização
→Mito e Corpo
→Alquimia

Suzana Delmanto <suzana@delmanto.com>

- Psicóloga Clínica
- Especialista em Cinesiologia - Instituto Sedes Sapientiae

A Corporificação dos Sonhos através da Calatonia

Trata-se da apresentação de uma conduta terapêutica sistemática com embasamento junguiano, que usa a Calatonia como um recurso que pode favorecer a corporificação dos sonhos, podendo mobilizar o alcance da compreensão dos conteúdos oníricos.

O significado da mensagem do sonho que emerge dos registros corporais, a sua compreensão e a sinalização da direção a ser tomada, são aspectos que podem aflorar durante a Calatonia.

Nela é dado ao corpo do cliente a oportunidade de se manifestar na sua linguagem e de ser escutado na sua fala, o trabalho vai se definindo através do enraizamento das vivências oníricas com a tomada de consciência das suas manifestações corpóreas.

A escuta do universo corporal para o alcance da compreensão dos conteúdos oníricos como uma conduta terapêutica sistemática, a colheita das informações, das transformações e das orientações que brotam das profundezas do corpo, certamente abrem um caminho de luz cujo horizonte é sem limites para o advir de uma expansão da consciência. Nos últimos anos temos trabalhado de modo sistemático, usando os benefícios da Calatonia¹ na interpretação dos sonhos. Conforme os sonhos, a imaginação ativa ou mesmo referências simbólicas vão sendo trazidas para o campo terapêutico, pedimos para o cliente deixar que seu corpo manifeste a sua expressão sobre esses conteúdos que se apresentaram condensados em imagens. É proposto então o caminho da vivência calatônica, que pode favorecer a abertura da linguagem corporal. Ele é convidado a deixar que o próprio corpo se manifeste sobre a mensagem do sonho ou das imagens simbólicas que possam eventualmente emergir.

A atitude do terapeuta para aplicar a Calatonia é de vital importância para o trabalho. Neste sentido, a orientação deste método se mostra bem definida: (DELMANTO, 1997, p. 49) – “é essencial que se deixe um espaço em aberto, não projetando expectativas sobre o que vai ocorrer com o cliente” – “não queiram nada; apenas observem o que vai ocorrer”. Com esta conduta terapêutica fica mais afastado o risco da interferência de conteúdos menores, tanto do cliente como do terapeuta, respeitando a preocupação sempre presente no campo analítico de se cuidar para evitar induções inadequadas, tão fáceis de acontecer quando vigora a presença dominante do campo racional.

A Calatonia, na medida que promove um rebaixamento do controle racional, favorece ao mesmo tempo a soltura de tensões crônicas, desde as mais visíveis até aquelas que se escondem nas profundezas viscerais, mobilizando também a regulação dos fluxos corporais, da cadência respiratória e dos batimentos cardíacos. Nestas condições pode fluir a liberação no corpo de todo um potencial energético antes retido nas tensões crônicas ou aprisionado em disfunções pulsionais. Assim, torna-se possível não só o resgate deste potencial, como também o seu reaproveitamento para ser usado em novas configurações. Conforme sinalizado por Dr. Pethő Sándor (cit., pg. 20) – “esse potencial de força vital, uma vez livre, dirigir-se-á para o inconsciente, mobilizando uma condensação de conteúdos que, trazidos ao campo analítico, são de riqueza incontestável para o progresso terapêutico”. Também durante este tempo prolongado no silêncio da mente, fica favorecido o vivenciar das sensações corpóreas que registram a história das ocorrências em linguagem corporal. Neste estado crepuscular, as sensações corpóreas podem se apresentar condensadas em imagens simbólicas, que são criações de valoração onírica, isto é, possuem o mesmo valor simbólico que as imagens oníricas². O significado da mensagem do sonho que emerge dos registros corporais, a sua digestão e a sinalização da direção a ser tomada, são aspectos que podem aflorar durante a Calatonia. Nela é dado ao corpo do cliente a oportunidade de se manifestar na sua linguagem, ou seja,

1. Método de trabalho corporal criado por Dr. Pethő Sándor (1916 – 1992), médico de origem húngara e psicólogo, radicado no Brasil desde 1948. Corresponde a nove toques aplicados simultaneamente em pontos precisos dos pés, incluindo calcanhar e tornozelo, com um toque de finalização na base da nuca. Cada toque pontual é feito com extrema sutileza, tendo duração média de três minutos. O silêncio e a monotonia do trabalho favorecem a entrada num estado crepuscular da mente, ao mesmo tempo que os estímulos térmicos, de pressão e energéticos captados pelos receptores da pele, atuam criando condições para harmonização dos fluxos corporais e da tonicidade muscular. O método pode ser encontrado descrito na sua íntegra pelo seu criador (Sándor, 1974).

o trabalho vai se definindo através do enraizamento das imagens oníricas com a tomada de consciência das suas manifestações corpóreas.

Podemos encontrar no transcorrer do contexto terapêutico calatônico, um clareamento dos sentimentos obscuros e das emoções nebulosas através do mergulho no vivenciar das sensações corporais. Foi ressaltado nos trabalhos de Reich (SÁNDOR, P., 1974, p. 64) o fato de que... “o *tônus da musculatura voluntária, a afetividade e o tônus visceral encontram-se numa correlação múltipla, que abrange ao mesmo tempo vários circuitos funcionais em termos bio-psíquicos e psicossomáticos*”. Nesse mesmo sentido, Walter Bühler (BÜHLER, 1990) numa linguagem antropológica, falando do corpo como instrumento da alma e comentando sobre as interligações com os sentimentos, a consciência e a vontade, diz que o vai-e-vem dos sentimentos se manifesta nos processos rítmicos da respiração, do batimento cardíaco e o desabrochar da vontade de nossa alma se expressa no sistema metabólico-motor. Podemos considerar que, na Calatonia, o corpo pode ser abrangido na sua dimensão mais ampla, na medida em que, das profundezas da sua natureza, configuram-se e transmudam-se sonhos e fantasias, assim como manifestações de conteúdos arquetípicos e de expressões míticas. Jung se referiu à importância da orientação que advém da natureza (Jung, 1976, trad. SÁNDOR, P., p. 80) dizendo – “O que devemos fazer na análise é remover as opiniões conscientes, ajudando a natureza para que ela possa trabalhar no seu modo quieto... sem a nossa detestável intervenção”.

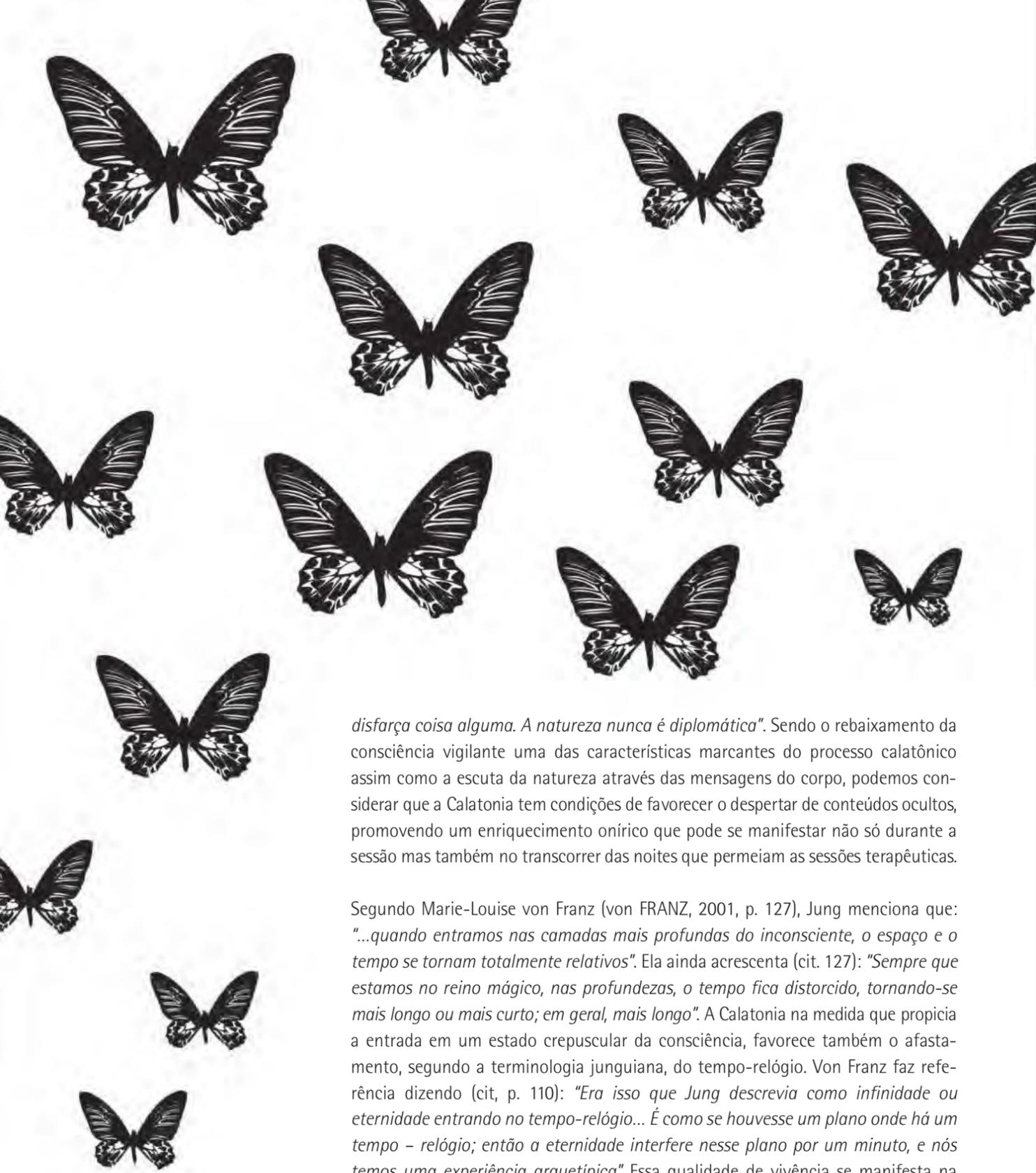
Extraír do corpo do cliente a compreensão de suas histórias e a orientação de vida a ser tomada é um trabalho a que temos nos dedicado sistematicamente no contexto terapêutico: sempre colhemos bons frutos que costumam se manifestar no ânimo que mobiliza a alma e no alívio das opressões, obtido através da digestão dos seus conteúdos, com uma conseqüente visualização de novos caminhos. Costuma aflorar com a Calatonia um certo estado de bem-estar alegre que traz entusiasmo para a vida, sendo reconhecidos os benefícios que promove para o dinamismo do corpo, ao mesmo tempo em que favorece uma expansão da consciência. Podemos encontrar nos mais distintos trabalhos terapêuticos, desde os caminhos de Reich aos campos da antroposofia, uma concordância no sentido de que o corpo é expressão da história do viver, conforme Rudolf Steiner escreveu (BÜHLER, 1990, p. 26): – “No coração tece o sentir. Na cabeça brilha o pensar. Nos membros vigora o querer...”. Durante a vivência da Calatonia, quando já se faz presente o apaziguamento dos pensamentos repetitivos, quando já se configura um rebaixamento da consciência vigilante, costuma ocorrer uma intensificação livre das expressões sensoriais, favorecendo o descortinar de um palco vivencial-onírico.

Em relação à importância de um estado de rebaixamento da consciência vigilante para o progresso terapêutico, Jung (JUNG, 1976, p. 51) faz referência a um “*abaissement mental*”, que confere uma certa predominância ao inconsciente. Comenta que o rebaixamento da consciência favorece o aflorar do inconsciente, que se manifesta na configuração de sonhos. Nise da Silveira (SILVEIRA, N., 1992, p. 103) comenta que: “*Sendo o inconsciente manifestação autêntica da natureza, o sonho, formação nativa do inconsciente, tem todas as características de um produto genuinamente natural. Exprime as coisas como elas são, na linguagem arcaica das imagens. Não*

2. Esta expressão aparece no artigo de MACHADO FILHO, P.T. – As imagens calatônicas – no site www.calatonia.net

“
não queiram nada;
apenas observem
o que vai ocorrer

“
ajudar a natureza
para que ela possa
trabalhar no seu
modo quieto



disfarça coisa alguma. A natureza nunca é diplomática". Sendo o rebaixamento da consciência vigilante uma das características marcantes do processo calatônico assim como a escuta da natureza através das mensagens do corpo, podemos considerar que a Calatonia tem condições de favorecer o despertar de conteúdos ocultos, promovendo um enriquecimento onírico que pode se manifestar não só durante a sessão mas também no transcorrer das noites que permeiam as sessões terapêuticas.

Segundo Marie-Louise von Franz (von FRANZ, 2001, p. 127), Jung menciona que: "...quando entramos nas camadas mais profundas do inconsciente, o espaço e o tempo se tornam totalmente relativos". Ela ainda acrescenta (cit. 127): "Sempre que estamos no reino mágico, nas profundezas, o tempo fica distorcido, tornando-se mais longo ou mais curto; em geral, mais longo". A Calatonia na medida que propicia a entrada em um estado crepuscular da consciência, favorece também o afastamento, segundo a terminologia junguiana, do tempo-relógio. Von Franz faz referência dizendo (cit, p. 110): "Era isso que Jung descrevia como infinidade ou eternidade entrando no tempo-relógio... É como se houvesse um plano onde há um tempo - relógio; então a eternidade interfere nesse plano por um minuto, e nós temos uma experiência arquetípica". Essa qualidade de vivência se manifesta na Calatonia numa frequência muito significativa. Imagens de valoração onírica com conteúdos arquetípicos, podem surgir espontaneamente durante o vivenciar do momento calatônico. Considerar o seu valor para auxiliar na captação dos símbolos que emergem das profundezas, é uma decisão que encontra seus fundamentos nos critérios do campo analítico. Lembrando do que dizia Jung (cit., 9) "O único fator de cura em terapia é a experiência arquetípica". E ainda (JUNG, 1976, trad., p. 49), "O nosso consciente é, de modo peculiar, passivo e incompetente". Neste sentido, a vivência calatônica flui integrada com o pensar junguiano.

Ainda convém ressaltar que a Calatonia favorece a manifestação da inteligência natural e a atuação da sabedoria inerente à natureza do corpo, para a compreensão das mensagens dos sonhos. A participação da vontade da natureza norteando os passos a serem dados e os caminhos a serem percorridos na trajetória da vida, pode ser encontrada nos mitos e nas lendas, assim como nas manifestações das intuições primordiais. Joseph Campbell (CAMPBELL, 1972) nos lembra que carregamos dentro de nós as leis pelas quais o mundo é mantido em ordem. A Calatonia, na medida em que favorece a colheita das intuições primordiais, ativa a presença dos mitos nas vivências corpóreas. Conforme se expressa Stanley Keleman (KELEMAN, 1999, pp. 25/26) - "a nossa estrutura corporal determina um modo mítico de pensar e nos dá identidade..." "Os mitos dramatizam a experiência da nossa corporificação" e ainda... "eles falam às nossas diferentes necessidades biológicas". Este autor, realçando a função prática do mito, aponta que: (cit., introdução) - "Os mitos tem uma função prática. Eles permitem que as pessoas organizem a experiência do próprio corpo". A dimensão de um corpo simbólico pode ser encontrada durante a Calatonia com manifestações de imagens somáticas.

Na vivência calatônica, o corpo é acolhido na sua dimensão de um "grande vaso alquímico", no sentido de que tudo contém e onde tudo acontece. Podemos encontrar nesta dimensão dada ao corpo, a configuração de um berço que favorece condensações de imagens carregadas de símbolos ou de representações somáticas. Vivências configuradas em imagens costumam se manifestar quando o corpo se entrega no processo calatônico. São freqüentes os relatos de sensações de flutuação que podem se fazer acompanhadas de imagens, sendo mais freqüentes as de formas geométricas ou mesmo as vivências de alterações na sensação do volume e da dimensão corpórea. Também podem aflorar fragmentos oníricos com mensagens de raízes religiosas, mensagens que através dos tempos se manifestam e se perpetuam nos rituais sagrados. A vivência de uma transcendência dos níveis mais densos da matéria, que pode ser proporcionada pela Calatonia, é alimento para a alma, que refloresce encantada, podendo trazer para a vida um encontro do seu sentido. Num contexto religioso temos a visão de Teilhard de Chardin (DELMANTO, 1997, p. 27) que: "concebe a matéria animada interiormente de espiritualidade". Sobre o campo sagrado do corpo, dimensão reconhecida no trabalho calatônico, a terapeuta junguiana June Singer (SINGER, 2002) nos lembra que: "o pensar, o sentir, o perceber e o saber dependem do corpo". Acentua a não ocorrência da vida sem o corpo, citando Novalis em Aforismos: (cit., p. 265) - "Só existe um templo no mundo. E é o corpo humano. Nada é mais sagrado do que essa nobre forma".

Podemos ter acesso, durante o trabalho com Calatonia, a duas linguagens para a expressão do sonho: a corporal e a simbólica. No transcorrer da sua vivência é dado ao corpo espaço para a livre expressão das suas imagens somáticas, representações oníricas ou expressões emocionais arquivadas nos registros corporais. Como faz referência Jung: (JUNG, 1976, p. 301) - "qualquer coisa experimentada fora do corpo, num sonho por exemplo, não é experimentada a menos que a incorporemos, porque o corpo significa o aqui e agora". O vivenciar de uma interligação dos processos corporais com a formação das imagens simbólicas, é de incontestável valor para o alcance de uma amplificação da consciência. A vivência desta interligação enraizada no registro orgânico descortina um campo luminoso para o progresso terapêutico.

“
a eternidade
interfere um
minuto, e nós
temos uma
experiência
arquetípica
”

A corporificação dos sonhos através da Calatonia pode ainda encontrar os seus fundamentos no próprio movimento dos sonhos. A mensagem de um sonho no seu esforço de ser captada, costuma insistir no reconhecimento do seu conteúdo, voltando e voltando a se apresentar no campo onírico usando novas composições simbólicas, mostrando-se no palco psíquico com roupagens e representações variadas que se manifestam ao mesmo tempo numa linguagem somática. Assim, as imagens que afloram no transcórrer do processo terapêutico calatônico, podem ser consideradas como mensageiras dos conteúdos oníricos, como formações somáticas que brotam do corpo, trazendo as mensagens dos sonhos através de particulares palcos simbólicos. Neste sentido, a Calatonia evidencia o seu uso como um caminho que pode favorecer a corporificação dos sonhos. No I CHING, Livro da Sabedoria, temos confirmada a importância do campo das imagens como fonte primordial para a expressão da vida. Assim está escrito: (Livro das Mutações, 1982, p. 248): *"É certo que a palavra e a escrita são transmissoras imperfeitas de pensamentos. Mas através das imagens e dos estímulos que elas mantêm é posta em movimento uma força espiritual cuja ação transcende os limites do tempo."*

Ainda com base na sabedoria dos antigos, temos o registro de que certa vez, Confúcio, diante de um rio, assim se expressou (cit., p. 8): *"Tudo segue, fluindo como esse rio, sem cessar dia e noite"*. No I CHING temos também que (cit., p. 247): *"A transformação e a adaptação das coisas umas com as outras dependem das mutações. O estimular do corpo e o movimento dependem da continuidade. A espiritualidade e a clareza dependem do homem correto"*. O corpo na Calatonia, dando continuidade aos ensinamentos do passado, é vivenciado na sua qualidade de um "grande vaso alquímico", com as moléculas que compõem a sua história sendo vividas na plenitude de uma realidade móvel e sempre apresentando configurações particulares. O cliente e o terapeuta, na vivência da Calatonia e na busca da compreensão das mensagens dos sonhos são eternos aprendizes. ☒

“
é posta em
movimento uma
força espiritual
cuja ação
transcende os
limites do tempo
”

Bibliografia

- BÜHLER, W., *O Corpo como Instrumento da Alma*. São Paulo, A. Benef. Tobias, 1990.
CAMPBELL, J., *Para Viver os Mitos*. São Paulo, Cultrix, 1972.
DELMANTO, S., *Toques Sutis*. São Paulo, Summus, 1997.
JUNG, C.G., *The Visions Seminars*. Zurique, Spring Publication, 1976 (trad. SÁNDOR, P.)
_____, *Sincronicidade*. São Paulo, Vozes, 1984.
KELEMAN, S., *Mito e Corpo*. São Paulo, Summus, 1999.
SÁNDOR, P., *Técnicas de Relaxamento*. São Paulo, Vetor, 1974.
SILVEIRA, N., *Jung - Vida e Obra*. São Paulo, Paz e Terra, 1992.
SINGER, J., *A Mulher Moderna em Busca da Alma*. São Paulo, Paulus, 2002.
VON FRANZ, M.L., *O Gato*. São Paulo, Paulus, 2001.
WILHELM, R., *I CHING - Livro das Mutações*. São Paulo, Pensamento - prefácio de C.G. Jung, 1982.

Reflexões: Eu em Mim

Essa pequena reflexão foi elaborada como exigência para conclusão do primeiro semestre do estágio "Integração Psicofísica: o trabalho corporal e a Psicologia de C.G. Jung", oferecido para os alunos de psicologia da UFSCar. O tema do trabalho era: "o que mais me sensibilizou durante os seis primeiros meses de estágio?" Para mim, com certeza, foi a descoberta do meu corpo através do toque e todas as aberturas e transformações decorrentes disso. É, portanto, uma reflexão sobre a história da minha relação com meu corpo e dos benefícios de um trabalho psicofísico.

"A pele é a grande membrana que dá contorno e envolve a espécie humana. Memória da experiência vivida, ela abriga os órgãos, as veias e o sangue, a linfa, o cérebro, a pulsação, a alma. Recoberta de porosidade, a pele é a superfície que liga o interno e o externo, o corpo – a casa – e o universo – a rua. Ela é o elo entre o dentro e o fora, entre o eu e o outro – ou melhor, o eu e os outros que se desdobram numa miríade de reflexos no complexo espelho que compõe a alteridade contemporânea. É a liga entre o sagrado, que envolve a noção de alma, e o profano, mundano, corpóreo, sensual, sensorial!" (Kátia Canton, curadora da exposição Pele, alma – Centro Cultural Banco do Brasil)

Outro dia minha mãe me contava como eu nasci. Ela vinha andando pelo hospital ao lado do médico e dizendo: "Dr. Xandí, vai nascer!". Quando ela deitou na maca eu já estava quase toda para fora. E foi assim que nasci, quase caindo. Ela diz que eu era tão pequenininha que tinha até aflição de me pegar; parecia que iria me desfazer a qualquer toque mais forte. Aí fui crescendo e continuei pequenininha e magrela. Quando me sentava no colo da minha mãe ela me pedia pra sair depois de um tempo porque meus ísquios (só hoje sei que eram eles) a machucavam. Meu pai nunca reclamou nas poucas vezes em que me lembro sentada em seu colo. Meus pés e pernas (e talvez, conseqüentemente, todo meu corpo) nunca foram firmes. Usei palmilha, bota pra dormir etc. De vez em quando tinha que ir ao ortopedista e ele me fazia andar num corredor enorme só de calcinha, enquanto ele ficava lá longe, na outra ponta, agachado me olhando. Morria de vergonha! Comecei a freqüentar aulas de balé para fortalecer as pernas e natação para minha bronquite (eu também tinha bronquite). A bronquite sumiu, mas minhas pernas continuaram fora do chão. Foi assim que cresci: torta e fora do chão; quase (às vezes) voando.

Estou contando tudo isso porque acredito ser importante para o que mais me tocou, literalmente, nesse semestre durante nossos encontros: o toque. Esse relato é meu histórico com meu corpo, sempre negligenciado, sem contato, sem toque. Preferia (ou talvez não soubesse outra forma de ser) ficar voando mesmo. ASHLEY MONTAGU (1988) tem o interesse de investigar que influência têm sobre o desenvolvimento do organismo os vários tipos de experiência cutânea que o mesmo vive, principalmente no início da vida. Que tipos de estimulação da pele são necessários ao desenvolvimento saudável do organismo, tanto física quanto psíquica e comportamental? Quais são os efeitos, se eles existirem, da falta ou insuficiência de certos tipos especiais de estimulação?

Mas o que é a pele? Usando as próprias palavras do autor "a pele, como uma roupa contínua e flexível, envolve-nos por completo. É o mais antigo e sensível de nossos órgãos, nosso primeiro meio de comunicação, nosso mais eficiente protetor. O corpo todo é recoberto pela pele. (...). A pele também se vira para dentro para revestir orifícios como a boca, as narinas e o canal anal. Na evolução dos sentidos, o tato foi, sem dúvida, o primeiro a surgir" (p. 21). Assim, a pele seria um espelho bifásico que desempenha uma tripla função: 1) uma função externa, com sua superfície externa refletindo a realidade objetiva, assim como o mundo interno; 2) uma função interna, que tem a superfície interna da pele refletindo o mundo externo, comunicando esse mundo com todas as células do nosso corpo; e 3) todos os estímulos recebidos (externos e internos) são então quantificáveis, refletindo o funcionamento do organismo através de sua cor, textura, umidade etc. (ANDRÉ VIRÉL, citado por MONTAGU, 1988).

Os sentidos do homem, que captam todos esses estímulos que dão vida à pele e ao corpo, se desenvolvem segundo uma seqüência bem definida: (1) dimensão tátil, (2) dimensão auditiva, (3) dimensão visual. À medida que a criança cresce, próximo da adolescência, essa ordem é invertida: (1) visual, (2) auditiva e (3) tátil. Quando recém-nascido, criança, então, é muito mais significativo experimentar as estimulações táteis e auditivas. E o autor completa: "Todavia, assim que a pessoa tiver desenvolvido, através de seus sentidos auditivo e tátil, um razoável e eficiente conhecimento de si mesma como ser humano, a visão passa a ter uma importância especial. Contudo, uma visão só pode se tornar significativa a partir do que a pessoa tiver sentido a nível tátil e a partir do que tiver ouvido" (p. 299).

Ainda o mesmo autor, citando BERTRAND RUSSEL, nos diz que é o tato que nos confere a sensação da realidade: "Não apenas nossa geometria e nossa física, mas toda nossa concepção do que existe fora de nós, baseiam-se no sentido. Transpomos este fato inclusive para nossas metáforas – uma colocação bem feita é 'sólida', uma afirmação ruim é 'furada' porque a sentimos intangível, não muito 'real'" (p. 30).

Considerando tudo isso, torna-se compreensível a afirmação de ANTONIO DAMÁSIO (2004) de que os sentimentos não passam de noções que o cérebro cria sobre o estado do corpo. Não são abstrações, mas sim fenômenos fisiológicos bem definidos e que seriam fundamentais tanto para a sobrevivência quanto para a construção da razão. Eu diria até, que não é o cérebro que cria, mas realmente sente através da pele, e talvez crie, posteriormente, em cima do já sentido (como nos lembra MONTAGU).

Aqui, entramos na questão complexa e mais estudada por todos os filósofos, desde a Grécia até os dias atuais, que é a questão mente-corpo. DAMÁSIO (2004) vê em ESPINOSA, filósofo do século XVII, o patrono não reconhecido da neurobiologia, exatamente por intuir que o corpo é absolutamente decisivo para a emoção, que não é possível conceber emoção sem alteração do corpo.

JUNG (1972) adota uma postura bem definida diante desse (para os outros) complexo dilema: para ele, tudo o que se pode observar empiricamente é que processos do corpo e processos mentais desenrolam-se simultaneamente e de maneira totalmente misteriosa (milagrosa) para nós, e só não concebemos assim pela limitação de nossa consciência. Para esse autor, "corpo e psique são os dois aspectos do ser vivo, e isso é tudo o que sabemos (...). Para meu próprio uso cunhei um termo que ilustra essa existência simultânea; penso que existe um princípio particular de sincronidade ativa no mundo, fazendo com que fatos de certa maneira aconteçam juntos como se fossem um só, apesar de não captarmos essa integração" (p. 54). JUNG (1972) percebeu, através do seu método de associação de palavras, que diante de determinadas palavras (muitas vezes simples) algumas pessoas tinham reações inusitadas, como falha da memória ou reações fisiológicas como, suor, aceleração do batimento cardíaco etc. Assim, chegou à conclusão de que os complexos (aglomerados de associações carregados de energia) encontram-se, "(...) de uma forma ou outra, ligados com reações fisiológicas, com os processos cardíacos, com o tônus dos vasos sanguíneos, a condição dos intestinos, a enervação da pele, a respiração" (p.99). Seguindo seu raciocínio, ele vai dizer que "as emoções não são manejáveis, como as idéias ou os pensamentos, pois são idênticas a certas condições físicas, sendo, portanto, profundamente enraizadas na matéria pesada do corpo" (p.178).

“
Na evolução dos
sentidos, o tato foi,
sem dúvida, o
primeiro a surgir
”

“
corpo e
psique são os
dois aspectos
do ser vivo,
e isso é tudo
o que sabemos
”

“

Eu em mim
Enfim,
Este é o meu corpo,
Flor que amadureceu.

Estalo os dedos,
É sonho.
Respiro fundo,
É brisa.
Estendo os braços,
É asa.
Libero as fibras,
É vôo.

Esperança resolvida,
Verso que ficou pronto.
Meu corpo é assim.

Olho seu rosto,
Mistério.
Ouço sua voz,
Estrangeira.
Cheiro seu suor,
Lembranças.
Sinto sua pele...
Sou eu!

Sou eu
Para a dor e o prazer,
Para a sabor e o saber,
para a emoção de viver
Viagem tão companheira...
Sou eu sim,
Sou eu assim,
Sou eu enfim
com o meu corpo
em mim! 📧

”

PETHO SANDOR (1916-1992), médico e psicólogo húngaro radicado no Brasil desde 1949, assim como JUNG, tinha uma visão do ser humano como um todo integrado corpo/mente, acrescentando o trabalho verbal com os conteúdos psíquicos, o trabalho corporal. As técnicas de relaxamento desenvolvidas por SANDOR durante a II Guerra Mundial (entre elas a Calatonia) têm como objetivo a reintegração do paciente consigo mesmo, nas suas várias dimensões. Em primeiro lugar, o trabalho corporal reconecta o homem com sua natureza mais imediata, o corpo físico, que se observado adequadamente, transmite informações e assume um papel de orientador do indivíduo. Num segundo plano, o trabalho com as técnicas corporais possibilita um contato mais profundo e autêntico com aspectos do nosso Eu inconsciente (o Self, para JUNG), a medida que proporciona e conduz a um estado alterado do nível de consciência.

Durante os primeiros seis meses de estágio, eu tive a oportunidade de experimentar algumas das técnicas corporais desenvolvidas por SANDOR. Tenho certeza que todo meu processo interno desses últimos tempos - transformações significativas em relação à vida, às pessoas e a mim mesma - tem relação direta com essa experiência de mais afinidade com meu corpo. Transformações estas que vão desde uma maior sensibilidade física, de sentido tátil mais apurado, até uma maior força interna que me ajuda a me colocar mais no mundo.

Assim, o que antes era um vôo sem forma, caótico, hoje tem forma: de pássaro, colorido! Mas só porque meu pé está no chão, (re)conectado à terra. Aprendi que através do corpo é possível perceber e dar forma àquilo que, a princípio, não tem forma. E com toda essa vivência comigo mesma, venho me questionando: como trabalhar todas as nossas questões de vida, nossas limitações, se não levamos em conta nosso próprio corpo? Sem ir à raiz da questão, que não é outra se não a pele, o toque, o corpo. Nunca é tarde demais para o toque. WINNICOTT (citado por MONTAGU, 1988) observou que segurar fisicamente a criança é de certa forma amá-la; talvez (diria até com certeza) seja essa a forma principal que a mãe tem de poder mostrar ao bebê seu amor por ele. Felizmente, essa relação mãe-filho pode ser ampliada ao infinito: mesmo quando adultos podemos (re)aprender o significado humano da pele e do toque. E o que é melhor: podemos ensinar para aqueles que ainda não tiveram a possibilidade de aprender!

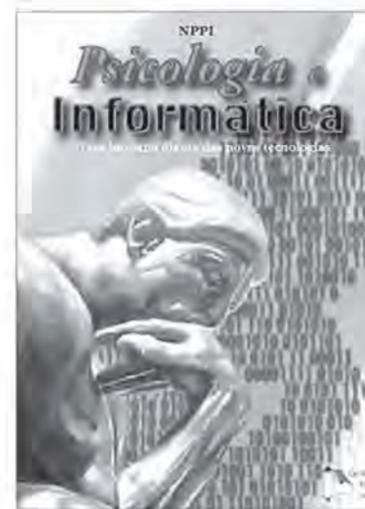
Gostaria de terminar essas reflexões com um poema de CARLOS QUEIROZ TELLES (do livro: *"Sonhos, grilos e paixões"*), que está na coluna ao lado, o qual recitei em uma das apresentações do Kinder (Ateliê de Artes que frequentei quando criança), porque só agora saberia fazê-lo com propriedade: *(continua na coluna ao lado)*

Bibliografia

- DAMÁSIO, A. (2004, 3 de maio). "Para o Cérebro, Sexo e Amor não passam de Sentimentos". *Folha de São Paulo*, p. 12-13.
- FARAH, R. M., *Integração Psicofísica – o Trabalho Corporal e a Psicologia de C. G. Jung*. São Paulo, Companhia Ilimitada e Robe Editorial, 1995.
- JUNG, C.G., *Fundamentos da Psicologia Analítica – as Conferências de Tavistock*. Petrópolis, Vozes, 1972.
- MONTAGU, A., *Tocar: o Significado Humano da Pele*. São Paulo, Summus, 1988.
- SÁNDOR, P. (e outros), *Técnicas de Relaxamento*. São Paulo, Vetor (4ª ed), 1989.

Rosa Maria Farah <rosafarah@puccsp.br>

- Coordenadora do NPPI - Núcleo de Pesquisas em Psicologia e Informática
- Serviço de Informática da Clínica Escola Ana Maria Poppovic - PUC/SP



Resenha: Psicologia e Informática - o Ser Humano diante das Novas Tecnologias

"Está por vir uma grande aceleração!"
Prof. Pethö Sándor - década de 80

Esta afirmação, várias vezes ouvida nas aulas e grupos de estudo conduzidos pelo Prof. Sándor ao longo da década de 80, gerava uma inevitável pergunta, por parte de seus alunos: a que aceleração estaria ele se referindo? Com bom humor, Sándor nos respondia: "Aguardem e verão...!" Pois bem, tudo indica que este processo já está em marcha, ao menos no que diz respeito ao vertiginoso avanço dos meios de comunicação, e toda a série de conseqüências daí derivadas para o existir humano, nas suas mais variadas expressões

Em manchete de 09/03/99, a Agência Folha de São Paulo informava: "Brasil terá 9 milhões de internautas até 2003". A mesma notícia acrescentava ainda que no ano anterior 5,7 milhões de pessoas utilizavam a Internet na América Latina, sendo que desse total 2,7 milhões o faziam a partir do Brasil. A previsão dessa mesma fonte era de que até 2003 o número de usuários deveria subir para 24 milhões nessa região, esperando-se que mais de 9.000.000 desses internautas fossem brasileiros.

Mas as previsões têm sido superadas pelas pesquisas mais recentes: Em junho de 2003, a coluna "Mundo Digital" informou que a empresa de pesquisa de mercado Ibope eRatings calculou em 14,3 milhões o número de brasileiros com acesso à Internet a partir de residências. (UOL - Mundo digital acessado em 29/06/03). Porém, segundo dados publicados pela mesma fonte, em 28/06/04, a mesma empresa calculou em cerca de 28 milhões os brasileiros com mais de 16 anos que já utilizaram a Web pelo menos uma vez.

A impressionante multiplicação de usuários dos recursos tecnológicos gerados nos últimos anos - em particular na área da informática -, tem sido por demais destacada nas referências da mídia, razão pela qual não nos deteremos aqui em sua descrição. Mas, frente a esses eventos e números, não há como não colocar em pauta um questionamento: estaremos nós, psicólogos, acompanhando adequadamente a evolução desse processo? Será que nossa compreensão sobre as implicações dessas transformações para a existência humana está sincronizada ao ritmo de seu próprio suceder?

De modo geral, parece-nos que os profissionais da nossa área ainda não estão suficientemente familiarizados com a utilização dos recursos oferecidos pelas novas tecnologias, nem tampouco nossa atenção está suficientemente voltada para a realização de observações e pesquisas que nos permitam acompanhar e compreender o intenso processo das transformações já em curso no âmbito das comunicações e interações humanas.

Podemos nos perguntar sobre quais as razões desse nosso aparente distanciamento frente ao mundo digital: talvez a nossa formação predominantemente introspectiva e reflexiva? Talvez um excessivo contraste entre essas novas formas de relacionamento humano - por exemplo, aquelas geradas pela mídia Internet - e o nosso usual modo de contato 'face a face'? Outra razão poderá ser, talvez, a própria rapidez vertiginosa dos processos em pauta, em contraste com a vivência do tempo acadêmico, tradicionalmente assentado sobre procedimentos e ritmos muito mais morosos?

Sejam quais forem essas razões, cedo ou tarde as transformações geradas pela revolução tecnológica vão avançar para dentro de nossas vidas. Mais que isso: já estão se fazendo intensamente presentes na vida das pessoas a quem atendemos nos consultórios, bem como das rotinas das empresas, escolas e demais instituições com as quais trabalhamos. Questões relativas aos relacionamentos virtuais, ou seja, as novas forma de sociabilidade 'on line' geradas pela mediação dos automatismos da informática nas relações humanas já fazem parte do cotidiano urbano, de modo praticamente generalizado.

Por outro lado, as interfaces entre Psicologia e Informática vêm tendo destaque

freqüente na mídia, especialmente a partir do surgimento das ofertas de psicoterapia mediada pela Internet, fato polêmico que exigiu a atenção dos Conselhos no sentido da regulamentação das novas modalidades de intervenção em Psicologia. Cabe destacar ainda que, além da própria psicoterapia, já estão disponíveis na WEB outros serviços psicológicos informatizados: de testes a variadas formas de orientação psicológica.

Foi a percepção desse contexto que nos animou a partilhar com os colegas psicólogos as observações e reflexões realizadas pelo NPPI - Núcleo de Pesquisas de Psicologia e Informática sobre a temática em pauta. Conforme será relatado no primeiro capítulo, o projeto inicial do núcleo, delineado em fins de 1995 era bastante modesto. Mas, nossos objetivos foram se ampliando, paralelamente às observações propiciadas pelo vertiginoso avanço do uso das novas tecnologias e seus conseqüentes efeitos em diversos níveis das interações humanas.

Atualmente nosso principal foco de atenção tem sido o desenvolvimento de novas modalidades de serviços de orientação psicológica, bem como a formação de novos profissionais interessados em atuar nessa emergente área da Psicologia. Nem poderia ser de outra forma, uma vez que o NPPI, constituindo-se atualmente como um dos Serviços oferecidos pela Clínica Escola da Faculdade de Psicologia da PUC-SP, age em consonância com a vocação dessa instituição, ou seja, atua visando a prestação de serviços à comunidade aliada à pesquisa e ao ensino.

Porém, as reflexões da equipe abrangem vários outros aspectos do nosso tema central de estudo - a relação homem / máquina -, reflexões essas essenciais para a adequada contextualização dos serviços desenvolvidos. Questões como: O culto do relacionamento virtual pode ser interpretado como uma espécie de sintoma de fenômenos maiores? Como a reflexão sobre o computador acaba se tornando uma reflexão sobre o ser humano? É possível o atendimento psicológico à distância? O que dizem os Conselhos de Psicologia? - entre outras, têm sido alvo da nossa constante atenção, gerando boa parte dos artigos aqui apresentados.

Este livro foi organizado com a intenção de oferecer aos leitores um painel sobre a evolução dos trabalhos da equipe, bem como sobre as modalidades de intervenção criadas em nosso grupo, de modo integrado ao contexto das reflexões mais amplas feitas ao longo desse processo. Assim, na primeira parte apresentamos uma breve descrição do histórico do NPPI, bem como da nossa participação junto ao GT-ATMC - o Grupo de Trabalho sobre Atendimento Mediado por Computadores, constituído pelo Conselho Regional de Psicologia CRP/06.

Como introdução à segunda parte do livro, um texto breve apresenta ao leitor as informações básicas sobre o caminho percorrido pelas mensagens ao transitarem no "ciberspaço". Esta introdução aos serviços psicológicos mediados por computadores foi escolhida, na medida em que a questão do sigilo e da privacidade na comunicação via WEB é um dos pontos centrais das discussões dos aspectos éticos envolvidos em tais serviços. Na seqüência são apresentados alguns dos serviços psicológicos já presentes na WEB, em especial as duas modalidades em andamento na nossa equipe: a Orientação Psicológica via e-mail e a Orientação Profissional via Internet.

“
28 milhões de
brasileiros com
mais de 16 anos
já utilizaram a
Web pelo menos
uma vez
”

“
estaremos nós,
psicólogos,
acompanhando
adequadamente
a evolução
desse processo?
”

Na terceira parte do livro, dentro de um enfoque mais amplo, são discutidas algumas questões que visam ampliar nossa reflexão sobre a interação homem / máquina. Tal reflexão se impõe como preliminar aos temas que serão propostos logo a seguir, ou seja, a compreensão psicológica das variadas modalidades de uso dos computadores, de modo geral, e da Internet em particular, desde aqueles usos considerados convencionais, ou criativos, até os usos tidos como patológicos ou excêntricos, desse mesmo instrumental.

Finalizando apresentamos uma coletânea de textos breves, abordando aspectos mais específicos do nosso tema geral de estudo. Originalmente estes artigos foram compostos para publicação na Coluna Eletrônica, da Home Page da Clínica Psicológica da PUC-SP <www.pucsp.br/clinica> visando atender questões de interesse geral da comunidade. 📧

Livro

Psicologia e Informática – o Ser Humano diante das Novas Tecnologias

Autores: Psicólogos integrantes da Equipe do NPPI - Núcleo de Pesquisas em Psicologia e Informática – Organização de Rosa Maria Farah
Editora: Oficina do Livro, São Paulo, 2004.

Normas para Publicação

A Revista Hermes recebe artigos referentes a estudos junguianos (humanidades) e trabalho corporal.

Para serem publicados, os artigos devem apresentar coerência, consistência teórica, e / ou dados de observação do trabalho prático, contribuindo assim, para ampliar os estudos de interesse para a psicologia de C. G. Jung e para a prática de trabalhos corporais. O não cumprimento destas normas implica na rejeição do texto para nossa publicação.

1. Os artigos devem ser enviados em 2 cópias impressas acompanhados de arquivo digital preferencialmente em Microsoft Word, em disquete, cd-rom ou por e-mail para:

Revista Hermes – Instituto Sedes Sapientiae
Rua Ministro Godoi, 1484, Perdizes, São Paulo, SP – 05015-900
e-mail <ledapseixas@uol.com.br>

2. O autor assume total responsabilidade por seu artigo.

3. O artigo não pode ter sido publicado anteriormente.

4. Os originais entregues não serão devolvidos.

5. FORMATAÇÃO

Títulos: Em letras maiúsculas, itálicas e em negrito, fonte tamanho 14.

Subtítulos: Quando houver, devem aparecer em negrito, fonte tamanho 12.

“
É possível
o atendimento
psicológico
à distância?
”

Nome do Autor: Abaixo do título, em fonte tamanho 12. Se houver mais de um autor, colocá-los em uma linha acompanhados por dados de identificação, onde constem seus créditos acadêmicos e profissionais (no máximo três linhas), e e-mail de contato.

Resumo: Após o nome do autor, deve constar um resumo do artigo, com 10 linhas no máximo.

Palavras-chave: Devem ser apresentadas com no máximo cinco palavras-chave.

Corpo do Texto: Fonte Arial ou Times New Roman, corpo 12, alinhamento justificado, entrelinha simples. Os artigos devem conter aproximadamente 10 laudas.

Referências Bibliográficas: As obras citadas devem apresentar os seguintes dados, na seguinte ordem:

Autor (sobrenome em letras maiúsculas, seguido por iniciais do primeiro nome);
Título do livro em negrito;
Cidade;
Nome da Editora;
Data de publicação.

Os autores citados devem ser apresentados em ordem alfabética.

Exemplos:

Em caso de livro:

JUNG, C.G. **Psicologia e Religião**. Petrópolis, Vozes. 1995.

Em caso de capítulo de livro:

VON FRANZ, M.-L.. "A Imaginação Ativa". In: **Psicoterapia**. São Paulo, Paulus, 1999.

Em caso de periódicos:

MACHADO FILHO, P. T. (2000). "Alusões ao corpo na carta de Caminha". **Hermes**, São Paulo, volume 5, 2000.

Em caso de tese de doutorado ou dissertação de mestrado:

Reis, A.S.B. (2003), **Hermes nasceu no Egito** (subtítulo, se houver, sem negrito). Dissertação de Mestrado - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. 2003.

Atenção: No corpo do texto, a citação, quando for literal, deve vir em itálico, entre aspas, com o sobrenome do autor em letras maiúsculas, seguido da página e do ano entre parênteses. Exemplo:

JUNG (1995, p.59), afirma que : *"Essa imagem da divindade, que dorme escondida na matéria, era aquilo que os alquimistas chamavam de primeiro caos original ou terra do paraíso, ou peixe redondo do mar, ou ovo, ou simplesmente 'rotundum'."* Palavras em língua estrangeira devem aparecer em itálico.

Notas de rodapé: Devem aparecer no final do texto, feitas com algarismos arábicos, com numeração consecutiva. Não se inicia numeração a cada página ou parte do artigo.

com esse aspecto da existência em cada um de nós. São técnicas que visam criar uma soltura em relação a padrões rígidos de comportamento, de expressão individual, de identificação com a massa, de resignação a contextos limitantes, etc. Não há nada nessas técnicas que vise o grotesco ou anti-social, pelo contrário, apenas a espontaneidade, a graça, a atitude de frescor e inocência diante da vida, que perdemos ao longo de anos de "adaptação".

Essa retomada saudável depois de adultos, implica uma recuperação da "criança interior" em níveis adequados, não mais a criança selvagem, reprimida ou ferida, mas a jovialidade, a espontaneidade e leveza com que a criança de "Zorba, o grego" dança e nos fascina por sua entrega ao prazer de existir.

Em situações em que uma pessoa está tão identificada com o externo, com a pessoa, o social, que não consegue encontrar sua natureza mais lúdica mesmo na sua privacidade, há uma série de técnicas que promovem a coragem para "explorar".

Inicialmente, sugerimos que o paciente seja "amaciado" com técnicas mais amplas, como calatonia, respiração pelas articulações, descompressão fracionada, reajuste de pontos de apoio, etc. Se houver queixas mais particulares, como tensão ou dor em determinada área, é também aconselhável trabalhá-las com técnicas mais específicas, antes de aplicar as técnicas mais lúdicas.

Em seguida, se houver interesse do paciente em auto-conhecimento e exploração do universo interno, podemos sugerir experiências mais lúdicas e "sem um fim definido". É aí que o trabalho corporal atua mais especificamente como instrumento de "profilaxia existencial", como instrumento no processo de individuação: tornar-se aquilo que se é em potencial.

Experiências em grupo ou individualmente em sessão de terapia, podem permitir uma experimentação segura nessas áreas, uma vez que o indivíduo tenha desenvolvido confiança no terapeuta e/ou no grupo.

As repercussões dessas técnicas são geralmente muito positivas, no sentido de encorajar a criatividade, a auto-confiança, mais soltura nos relacionamentos, o que não significa uma perda de critérios sociais, mas sim uma maior participação das genuínas características do indivíduo no seu contato com o mundo.

Aqui, como Jung, acreditamos que o desenvolvimento pessoal do indivíduo leva naturalmente a um maior compromisso com o social, através do desenvolvimento de uma ética e reponsabilidade existencial que incluem o bem do outro como o seu próprio, como prioridade. Quanto mais um indivíduo aceita a si mesmo, ou seja, quanto mais ele se torna o "outro" para ele mesmo, mais próximo ele está de aceitar os outros.

Essa capacidade de ser quem se é na relação consigo mesmo é na verdade um grande elemento liberador, o qual deveria ser com certeza foco de atenção no trabalho com drogados. O que é a busca de drogas senão uma necessidade de lidar consigo em níveis diferentes do que o contexto social determina?

Quando alguém explora o universo para além do habitual sem usar recursos que

“
Essa retomada
saudável depois de
adultos, implica
uma recuperação da
"criança interior"
”

"rebaixem" a consciência passam a ser mais responsáveis com essa experimentação, pois seus critérios de "certo e errado" ainda permanecem, apenas como moderadores e não repressores.

Porém, há casos em que existe uma patologia psico-social, em que as pessoas cultivam um excesso de idiosincrasias que beira um narcisismo patológico, ou uma conduta anti-social, com total desconsideração ao convívio com os outros. Nos casos em que a patologia é acentuada deve se recorrer a um tratamento com técnicas mais apropriadas e específicas, que visem o ajustamento social básico em primeiro lugar.

O adequado limite e equilíbrio no comportamento dependem de um ego fortalecido, de um desenvolvimento em que necessidades básicas, físicas e emocionais, foram atendidas, da habilidade de lidar com a frustração e postergar a gratificação, e do respeito pelo contexto em que se dá a existência social, entre outras considerações.

Sugerimos as técnicas mais exploratórias quando a patologia já não está mais presente nem existe o risco de desencadear uma patologia que possa desestruturar o ego.

Aí o bom-senso clínico, aliado à experiência e segurança por parte do terapeuta (tendo ele mesmo já se submetido a essas técnicas) serão o parâmetro para a utilização adequada das técnicas.

De modo geral, essas técnicas são recomendadas para relaxar barreiras de relacionamento com o mundo interno, indo além da persona como definida por Jung, em pessoas que já tenham trabalhado sua história pessoal em terapia e que tenham desenvolvido uma personalidade bem estruturada, um ego fortalecido e estável. 

Normas para Publicação

A Revista Hermes recebe artigos referentes a estudos junguianos (humanidades) e trabalho corporal.

Para serem publicados, os artigos devem apresentar coerência, consistência teórica, e / ou dados de observação do trabalho prático, contribuindo assim, para ampliar os estudos de interesse para a psicologia de C. G. Jung e para a prática de trabalhos corporais. O não cumprimento destas normas implica na rejeição do texto para nossa publicação.

1. Os artigos devem ser enviados em 2 cópias impressas acompanhados de arquivo digital preferencialmente em Microsoft Word, em disquete, cd-rom ou por e-mail para:

Revista Hermes - Instituto Sedes Sapientiae
Rua Ministro Godoi, 1484, Perdizes, São Paulo, SP - 05015-900
e-mail <ledapseixas@uol.com.br>

2. O autor assume total responsabilidade por seu artigo.

3. O artigo não pode ter sido publicado anteriormente.

4. Os originais entregues não serão devolvidos.

5. FORMATAÇÃO

Títulos: Em letras maiúsculas, itálicas e em negrito, fonte tamanho 14.

Subtítulos: Quando houver, devem aparecer em negrito, fonte tamanho 12.

“

Porém, há casos em que existe uma patologia psico-social, em que as pessoas cultivam um excesso de idiosincrasias que beira um narcisismo patológico, ou uma conduta anti-social, com total desconsideração ao convívio com os outros.

”

Nome do Autor: Abaixo do título, em fonte tamanho 12. Se houver mais de um autor, colocá-los em uma linha acompanhados por dados de identificação, onde constem seus créditos acadêmicos e profissionais (no máximo três linhas), e e-mail de contato.

Resumo: Após o nome do autor, deve constar um resumo do artigo, com 10 linhas no máximo.

Palavras-chave: Devem ser apresentadas com no máximo cinco palavras-chave.

Corpo do Texto: Fonte Arial ou Times New Roman, corpo 12, alinhamento justificado, entrelinha simples. Os artigos devem conter aproximadamente 10 laudas.

Referências Bibliográficas: As obras citadas devem apresentar os seguintes dados, na seguinte ordem:

Autor (sobrenome em letras maiúsculas, seguido por iniciais do primeiro nome);
Título do livro em negrito;
Cidade;
Nome da Editora;
Data de publicação.

Os autores citados devem ser apresentados em ordem alfabética.

Exemplos:

Em caso de livro:

JUNG, C.G. **Psicologia e Religião**. Petrópolis, Vozes. 1995.

Em caso de capítulo de livro:

VON FRANZ, M.-L.. "A Imaginação Ativa". In: **Psicoterapia**. São Paulo, Paulus, 1999.

Em caso de periódicos:

MACHADO FILHO, P. T. (2000). "Alusões ao corpo na carta de Caminha". **Hermes**, São Paulo, volume 5, 2000.

Em caso de tese de doutorado ou dissertação de mestrado:

Reis, A.S.B. (2003), **Hermes nasceu no Egito** (subtítulo, se houver, sem negrito). Dissertação de Mestrado - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. 2003.

Atenção: No corpo do texto, a citação, quando for literal, deve vir em itálico, entre aspas, com o sobrenome do autor em letras maiúsculas, seguido da página e do ano entre parênteses. Exemplo:

JUNG (1995, p.59), afirma que : *"Essa imagem da divindade, que dorme escondida na matéria, era aquilo que os alquimistas chamavam de primeiro caos original ou terra do paraíso, ou peixe redondo do mar, ou ovo, ou simplesmente 'rotundum'."* Palavras em língua estrangeira devem aparecer em itálico.

Notas de rodapé: Devem aparecer no final do texto, feitas com algarismos arábicos, com numeração consecutiva. Não se inicia numeração a cada página ou parte do artigo.

